

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO ARTES E DESIGN - FAMECOS
CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

GABRIELA AMARAL SCHMITZ

**O POSICIONAMENTO SOCIOPOLÍTICO DOS BLOCOS DE CARNAVAL DE RUA
INDEPENDENTES EM PORTO ALEGRE E A CONTRIBUIÇÃO DA COMUNICAÇÃO
COMUNITÁRIA**

Porto Alegre
2020

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN - FAMECOS
CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

GABRIELA AMARAL SCHMITZ

**O POSICIONAMENTO SOCIOPOLÍTICO DOS BLOCOS DE CARNAVAL DE RUA
INDEPENDENTES EM PORTO ALEGRE E A CONTRIBUIÇÃO DA
COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA**

Porto Alegre
2020

GABRIELA AMARAL SCHMITZ

**O POSICIONAMENTO SOCIOPOLÍTICO DOS BLOCOS DE CARNAVAL DE RUA
INDEPENDENTES EM PORTO ALEGRE E A CONTRIBUIÇÃO DA
COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharel em Relações Públicas pela Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Susana Gib Azevedo

Porto Alegre
2020

GABRIELA AMARAL SCHMITZ

**O POSICIONAMENTO SOCIOPOLÍTICO DOS BLOCOS DE CARNAVAL DE RUA
INDEPENDENTES EM PORTO ALEGRE E A CONTRIBUIÇÃO DA
COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharel em Relações Públicas pela Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Me. Susana Gib Azevedo (orientadora)

Profa. Dra. Ana Maria Walker Roig

Profa. Dra. Helena Maria Antonine Stigger

Porto Alegre
2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a minha mãe, Maristela Gomes Amaral, mulher determinada e corajosa, que sempre me incentivou a encontrar no estudo, na leitura e no exercício do trabalho meios valiosos para se desenvolver como indivíduo. Obrigada mãe, pela oportunidade de estarmos juntas nessa vida terrena.

Agradeço ao meu pai, João Carlos Schmitz, pelos ensinamentos e incentivos que me transmite, pelas importantes demonstrações de cuidado e afeto à sua maneira durante esse período tão exaustivo.

Agradeço minha irmã, Bárbara Amaral Schmitz, assistente social e idealista, responsável pelo meu contato inicial com os blocos de carnaval de rua e a ocupação dos espaços públicos na cidade, inspirando parte do tema escolhido deste estudo. Obrigada mana, por estar sempre ao meu lado auxiliando a encarar as adversidades da vida.

Agradeço às minhas amigas e amigos pelas trocas de afeto, companheirismo e descontração recíproca, proporcionando leveza e tranquilidade para poder seguir, nesse contexto, tenso e difícil, de isolamento social que vivenciamos. Em especial, minha amiga Gabriela Donati, companheira de longa data que encarou todo esse momento junto comigo, trocando palavras de força, incentivo e reflexões espirituais que tanto nos auxiliaram nesse processo de finalização da graduação.

Agradeço aos professores da Famecos pelo excepcional conhecimento que me transmitiram ao longo destes anos de curso. Em especial, a Prof.^a orientadora Susana Gib, por ter me acolhido como orientanda, sempre disponível e paciente diante de todos os desafios enfrentados no período de isolamento social, me incentivando a persistir com confiança até o fim.

Por fim, agradeço a todos aqueles que contribuíram através da sua participação nas entrevistas realizadas, disponibilizando parte do seu tempo e atenção na realização deste estudo.

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar o posicionamento sociopolítico dos blocos de carnaval de rua independentes de Porto Alegre e suas relações junto aos movimentos sociais e comunidades locais, identificando a contribuição da comunicação e relações públicas comunitárias nesses cenários. Para tal, abordam-se os conceitos de comunicação comunitária, movimentos sociais e relações públicas comunitárias. Contextualizam-se o histórico do carnaval no Brasil, bem como as influências do carnaval de rua do Rio de Janeiro e o surgimento dos blocos de rua independentes em Porto Alegre. São estabelecidas analogias entre os movimentos sociais e os blocos de rua independentes como agentes de transformação social. Por meio de entrevistas realizadas com representantes e foliões dos blocos de rua independentes Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só e Bloco da Laje, compreende-se a construção de discursos presentes no posicionamento sociopolítico e na identidade cultural desses espaços. Como resultado dessa investigação, foram identificadas fortes influências de movimentos sociais, representadas em manifestações artísticas conduzidas pela liberdade e respeito à diversidade, gerando sentimentos de representatividade e coletividade.

Palavras-chave: Posicionamento Sociopolítico. Blocos de Rua Independentes. Comunicação Comunitária. Relações Públicas Comunitárias. Carnaval de Rua. Movimentos Sociais. Identidade Cultural.

ABSTRACT

The present study aimed to analyze the socio-political positioning of independent street *blocos*, or street parties in Porto Alegre and their relations with social movements and local communities, identifying the contribution of community communication and public relations in these scenarios. To this end, the concepts of community communication, social movements and community public relations are addressed. The history of carnival in Brazil is contextualized, as well as the influences of street carnival in Rio de Janeiro and the emergence of independent street *blocos* in Porto Alegre. Analogies are established between social movements and independent street *blocos* as agents of social transformation. Through interviews with representatives and revelers from the independent street groups *Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só* and *Bloco da Laje*, one may better understand and grasp the construction of speeches present in the socio-political positioning and cultural identity of such spaces. As a result of this investigation, strong influences from social movements are identified, represented in artistic manifestations driven by freedom and respect for diversity, generating feelings of representativeness and collectivity.

Keywords: Socio-political Positioning. Independent Street *Blocos*. Community Communication. Community Public Relations. Street Carnival. Social Movements. Cultural Identity.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Destaques das entrevistas com representantes dos blocos acerca da origem e características de organização interna de cada coletivo	42
Quadro 2 - Destaques das entrevistas com representantes dos blocos acerca dos processos de comunicação junto ao público participante e ações sociais.....	45
Quadro 3 - Destaques das entrevistas com representantes dos blocos acerca de posicionamentos e discursos.....	49
Quadro 4 - Destaques das entrevistas com foliões/musicistas acerca do momento de ingresso e percepções gerais.....	53
Quadro 5 – Destaques das entrevistas com foliões/musicistas acerca dos elementos de comunicação, ações e programas sociais.....	56
Quadro 6 - Destaques das entrevistas com foliões/musicistas acerca das relações sociopolíticas.....	60

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA, RELAÇÕES PÚBLICAS COMUNITÁRIAS E MOVIMENTOS SOCIAIS	13
2.1 A COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA.....	13
2.2 OS MOVIMENTOS SOCIAIS	15
2.3 A PRÁTICA DAS RELAÇÕES PÚBLICAS COMUNITÁRIAS.....	17
3 ORIGEM DO CARNAVAL NO BRASIL, O CARNAVAL DE RUA NO RIO DE JANEIRO E O SURGIMENTO DOS BLOCOS DE RUA INDEPENDENTES DE PORTO ALEGRE.....	21
3.1 A ORIGEM DO CARNAVAL NO BRASIL.....	21
3.2 O CARNAVAL DE RUA NO RIO DE JANEIRO E A INFLUÊNCIA EM ESTADOS BRASILEIROS	23
3.3 O SURGIMENTO DOS BLOCOS DE RUA INDEPENDENTES EM PORTO ALEGRE.....	24
4 MOVIMENTOS SOCIAIS E BLOCOS DE RUA COMO AGENTES DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: A CONSTRUÇÃO DO POSICIONAMENTO SOCIOPOLÍTICO	30
4.1 A CHEGADA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL.....	30
4.2 OS MOVIMENTOS SOCIAIS E OS BLOCOS DE RUA INDEPENDENTES COMO AGENTES DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	33
5 PESQUISA DE CAMPO: A CONSTRUÇÃO DO POSICIONAMENTO SOCIOPOLÍTICO DOS BLOCOS DE RUA INDEPENDENTES EM PORTO ALEGRE	37
5.1 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA	37
5.1.1 Pesquisa exploratória.....	37
5.1.2 Método qualitativo	37
5.1.3 Pesquisa bibliográfica.....	38
5.1.4 Pesquisa documental	38
5.1.5 Entrevistas individuais	39
5.1.6 Análise de conteúdo.....	39
5.2 PROCEDIMENTOS.....	39
5.2.1 Apresentação dos entrevistados	41
5.3 SÍNTESE DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS	41
5.3.1 Entrevista com representantes.....	41

5.3.2 Entrevista com foliões e musicistas.....	52
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS.....	71
APÊNDICE A — Roteiro de entrevistas aplicada com os representantes dos blocos de rua	74
APÊNDICE B — Roteiro da entrevista aplicada com os foliões e musicistas dos blocos de rua	75
APÊNDICE C — Transcrição de entrevistas realizadas com representantes dos blocos de rua	76
APÊNDICE D — Transcrição de entrevistas realizadas com os foliões e musicistas dos blocos de rua	85

1 INTRODUÇÃO

O carnaval é uma festa que acompanha a história do Brasil há algumas décadas e faz parte não apenas da história da cultura brasileira, mas também do imaginário mundial, sendo, muitas vezes, mencionado internacionalmente por veículos de comunicação como “o país do carnaval”. Ao longo dos anos o carnaval foi expandindo-se por toda a geografia do país, ganhando representações particulares de acordo com os aspectos culturais de cada estado brasileiro. Apesar de ter a sua origem advinda de clubes e sociedades frequentados pela elite, o carnaval também esteve presente nas ruas e espaços públicos das cidades, sendo constituído principalmente com expressões e influências de origens africanas.

A festa oriunda das ruas deu origem ao carnaval popular e que posteriormente, seria chamado de carnaval de rua, trazendo cordões e blocos em que todos os tipos de pessoas eram bem-vindas para celebrar, isentando qualquer tipo de distinção e restrição. Com a crescente admiração dos foliões, os blocos de carnaval de rua ganharam força, sendo possível perceber nos dias atuais uma grande variedade de manifestações e propostas em cortejos que coloreem as ruas das cidades.

Apesar da aderência majoritária da população brasileira, durante a ditadura militar (1964-1985) um grande número de blocos de rua foram censurados e, também, impedidos de realizar os seus cortejos. Apenas após a finalização deste período político conturbado no país que, não apenas, os blocos de carnaval voltaram às ruas, mas também ocorreu a ascensão dos movimentos sociais, com forte presença da comunidade popular e pautas diversas relacionadas a direitos políticos e sociais, como manifestações pelos direitos das mulheres, população LGBT, trabalhadores sem terra (MST), entre outros.

Os papéis da comunicação social e dos veículos de comunicação também passaram a ser questionados pela sociedade, em que a presença de profissionais da área passam a ser fundamentais junto a comunidades locais. Desta necessidade, origina-se a comunicação comunitária e, junto desta, a prática de relações públicas comunitárias que possuem o compromisso de identificar interesses da comunidade e utilizar ferramentas comunicacionais que auxiliem esses espaços.

O fim da ditadura militar deu espaço a redemocratização do Brasil e marcou o início do século XXI, trazendo novamente as pessoas às ruas e proporcionando maior liberdade de expressão. Nesse contexto, a ascensão dos movimentos sociais e dos

blocos de rua passam a dialogar entre si, pois apesar de utilizarem de ações diferentes, possuem seus discursos similares. Surgem alguns blocos de carnaval que vão às ruas e não desejam apenas “brincar o carnaval”, mas também fortalecer o diálogo junto às pautas dos movimentos sociais. Alguns desses blocos passam a ser chamados de blocos de rua independentes, pois defendem a construção autêntica e autônoma da sua identidade através da desvinculação com o poder público. Este é um fator que aproxima ainda mais os movimentos sociais e os blocos de rua independentes, pois ambos utilizam dos espaços públicos para transmitir seu posicionamento sociopolítico através de manifestações políticas e artísticas que, por vezes, podem defender os mesmos ideais.

No Brasil, essas influências expandiram-se principalmente nas capitais, porém o ressurgimento dos blocos de rua independentes em Porto Alegre ocorreu apenas nos últimos quinze anos. A capital gaúcha pôde presenciar o aumento de movimentos sociais e estudantis (VILLAVERDE, 2013) e junto destes o nascimento de novos blocos de rua independentes, entre eles, podemos citar o bloco “Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só” e “Bloco da Laje”, objetos de pesquisa deste estudo.

Nessa perspectiva, o presente estudo busca compreender o posicionamento sociopolítico dos blocos de rua independentes “Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só” e “Bloco da Laje” em Porto Alegre e a contribuição da comunicação comunitária nestes espaços, explorando o contexto histórico que deu origem ao carnaval de rua e aos movimentos sociais populares no decorrer dos últimos anos.

Apoiando-se nesse propósito, foram apresentadas definições de comunicação comunitária, relações públicas comunitárias e suas presenças junto aos movimentos sociais. Além desses, traz um recorte sobre a origem do carnaval no Brasil e o surgimento dos blocos de carnaval de rua.

O estudo também faz um resgate dos movimentos sociais no decorrer dos últimos anos e dos discursos políticos no processo de transformação social, fazendo uma analogia aos blocos de rua independentes presentes no carnaval de rua, proporcionando identidade cultural e sentimento de pertencimento ao público participante. Ademais, analisa a construção do discurso e posicionamento sociopolítico dos blocos de rua independentes, as semelhanças junto aos movimentos sociais e sua influência no público participante. Por fim, resgata a comunicação comunitária e relações públicas comunitárias, atribuindo a sua prática junto aos dois blocos de rua independentes de Porto Alegre.

Para desenvolvimento do estudo utilizou-se de uma estratégia metodológica envolvendo a pesquisa do tipo exploratória através do método qualitativo. As técnicas de coleta de dados foram realizadas a partir de pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas individuais. Para interpretação e síntese dos resultados obtidos junto aos entrevistados, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo.

A presente monografia foi organizada em seis capítulos, sendo a introdução o capítulo inicial em que são apresentados a contextualização do cenário investigado, o problema de pesquisa e os objetivos, a estratégia metodológica que contempla o estudo e os autores utilizados. O segundo capítulo “Comunicação Comunitária, relações públicas comunitárias e movimentos sociais” foi dividido em três subcapítulos que apresentam a comunicação comunitária atuante junto ao desenvolvimento dos movimentos sociais, além disso, conceitua as relações públicas comunitárias como o profissional que pode contribuir nestes espaços. Para este capítulo foram utilizados os autores, Peruzzo (1998; 2006; 2009), Kunsch (1986; 2006; 2007), Fortes (2002), Matos e Marques (2011) e Gohn (2015).

Em seguida, o terceiro capítulo é dividido, também, em três subcapítulos que resgatam o contexto histórico do carnaval no Brasil, o surgimento do carnaval popular e os blocos de carnaval, bem como a origem dos blocos de rua independentes, sendo foco deste estudo. Este trata de um tema de constantes mudanças e crescimento recente nos últimos anos, por isso, foram utilizados conteúdos bibliográficos e documentais, sendo os principais autores: Germano (1999), Garcia (2000), Oliveira (2002), Duarte (2013), Frydberg (2014), Fernandes (2019), Maia (2004), Brant (2009), Beired e Barbosa (2010).

O próximo capítulo “Movimentos sociais e blocos de rua como agentes de transformação social: a construção do posicionamento sociopolítico”, traz aspectos sociais e políticos que incentivaram o surgimento dos principais movimentos sociais no Brasil, sendo apresentados no primeiro subcapítulo “A chegada dos movimentos sociais no Brasil”. Já o segundo subcapítulo “Os movimentos sociais e os blocos de rua independentes como agentes de transformação social” faz relações destes movimentos junto aos blocos de rua, definindo a cultura popular e configurando analogias entre os discursos sociopolíticos destes cenários. Para referenciar este capítulo foram utilizados os autores, Oliveira (2019), Matos e Marques (2011) e Gohn (2015). Além destes, se fazem presentes os autores: Damatta (1997), Hammes e Helfer (2001) e Fernandes (2019) que permeiam a discussão sobre o carnaval e os

blocos de rua como agentes de articulação junto aos movimentos sociais, fechando assim, o quarto capítulo.

O quinto capítulo apresenta a pesquisa de campo, dividida em três subcapítulos: “Estratégia metodológica”, “Procedimentos” e “Síntese dos dados e análise dos resultados”, o primeiro descreve a pesquisa de campo, com os autores Piovesan e Temporini (1995), Polit, Becker e Hungler (2004) e Gerhardt e Silveira (2009) para conceituar o método e técnicas de pesquisa utilizados. O segundo, relata os procedimentos utilizados para a realização das entrevistas individuais e apresenta os entrevistados. O último, apresenta quadros com as respostas dos entrevistados sintetizadas e análises destas relacionando-as ao referencial teórico do presente estudo. Por fim, o sexto capítulo apresenta as considerações finais, respondendo ao problema e objetivos do estudo.

Uma vez finalizado, este estudo irá contribuir para a análise da construção de posicionamentos sociopolíticos transmitidos pelos blocos de rua independentes de Porto Alegre, movimentos sociais e comunidades locais, além da prática da comunicação comunitária nestes cenários, trazendo uma abordagem antropológica dessas novas representações artísticas que ocupam os espaços públicos na cidade através de relações sociopolíticas.

2 COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA, RELAÇÕES PÚBLICAS COMUNITÁRIAS E MOVIMENTOS SOCIAIS

Este capítulo apresenta a comunicação comunitária como uma das áreas da comunicação social que associa a sua atuação junto ao desenvolvimento dos movimentos sociais e a participação popular. Também se faz presente para este estudo o conceito de relações públicas comunitárias como prática profissional que contribui neste cenário. Os principais autores consultados foram: Peruzzo (1998; 2006; 2009), Kunsch (1986; 2006; 2007), Fortes (2002), Matos e Marques (2011) e Gohn (2015).

2.1 A COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA

A comunicação social é formada por diversas áreas que atuam de maneira singular na sociedade. Cada área possui determinada influência, sobretudo, em canais de comunicação e é perceptível o quanto canais de acesso gratuitos, como rádio, televisão e jornal, por exemplo, possuem um discurso pouco imparcial quando transmitidos à população.

Com o crescente avanço da globalização na última década, a internet foi impulsionada a tornar-se parte fundamental dos canais de comunicação nos dias atuais, porém mais da metade da população mundial ainda não possui acesso a esta, de acordo com relatório "Estado da Banda Larga 2019", desenvolvido pela Comissão da Banda Larga, que é formado por representantes das Nações Unidas (BRASIL, 2019). A pesquisa afirma que cerca de 51% da população do planeta não dispõe do acesso a internet e que o principal fator que estimula essa realidade são as desigualdades sociais: "As distâncias existentes na adoção de conectividade são conduzidas por brechas de diferentes tipos: geografias (áreas urbanas x rurais), renda (ricos x pobres), idade e gênero, entre outros", afirma a Comissão da Banda Larga (Idem). No Brasil, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação (Pnad Contínua TIC) realizada em 2018, afirma que uma em cada quatro pessoas não tem acesso à internet, representando cerca de 46 milhões de brasileiros que não acessam a rede (BRASIL, 2020).

Entre as áreas da comunicação social, a comunicação comunitária, surgiu através da pressão social, permitindo um avanço na democratização dos meios de

comunicação e identificando um aumento do número de emissores, principalmente por meio de canais de uso gratuito na TV a cabo, na área do rádio de baixa potência e com a presença crescente de entidades populares na internet (PERUZZO, 2006).

A fim de atender a crescente necessidade da população em democratizar os meios de comunicação, a comunicação comunitária, também chamada de comunicação popular, teve como finalidade a representação das comunidades em suas ações sociais coletivas. De acordo com Peruzzo (1998, p. 302):

[...] a comunicação popular surge como uma necessidade e se realiza articulada às práticas sociais. Ela contribui com maior ou menor intensidade para a democracia, dependendo dos instrumentos, das formas e da metodologia que utiliza.

Peruzzo trata a expressão “comunicação comunitária” como derivada de “comunicação popular” e “comunicação alternativa”, estas compartilham o mesmo valor social e político (1998). Porém, o uso da nomenclatura correta é designado de acordo com o tipo de ação, metodologia ou estratégia de comunicação utilizada. Para este estudo será utilizada a expressão “comunicação comunitária”. De acordo com Peruzzo (2006, p. 2):

A comunicação popular foi também denominada de alternativa, participativa, horizontal, comunitária e dialógica, dependendo do lugar social e do tipo de prática em questão. Porém, o sentido político é o mesmo.

Enquanto para Kaplún¹ (1985, p. 7), citado por Peruzzo (2009, p. 48) o fenômeno da comunicação popular e alternativa trata-se de “uma comunicação libertadora, transformadora, que tem o povo como gerador e protagonista”. Assim, as ações coletivas e mensagens produzidas junto a esse processo de comunicação ganham um papel social “para que o povo tome consciência de sua realidade” ou “para suscitar uma reflexão”, ou ainda “para gerar uma discussão” (KAPLÚN, 1985, p.17 apud PERUZZO, 2009, p. 48).

O conceito de comunicação comunitária ganhou força no Brasil ao fim do século XX, quando ocorre o fortalecimento de movimentos sociais. Estes movimentos, também chamados de movimentos populares, trata-se de “ações coletivas de caráter

¹ KAPLÚN, Mário. **El comunicador popular**. Quito: CIESPAL, 1985.

sociopolítico e cultural que viabilizam distintas formas da população se organizar e expressar suas demandas” (GOHN, 2015, p. 13).

2.2 OS MOVIMENTOS SOCIAIS

Certamente, os movimentos sociais sempre existiram, porém tiveram sua ascendência de maior intensidade no Brasil e na América Latina no final do século XXI, a partir dos anos 1980, através articulações que se uniam em oposição ao regime militar.

Esse foi um período em que os movimentos sociais trouxeram visibilidade para o cenário político brasileiro, dando voz às comunidades e permitindo a expansão de necessidades específicas destas na comunicação comunitária. De acordo com Gohn (2015, p. 15), tanto os movimentos sociais dos anos 1980 como os atuais, têm construído representações simbólicas afirmativas por meio de discursos e práticas. Nesse contexto, grupos sociais, que antes estavam dispersos e desorganizados, participam destas ações, criando identidades e sentimentos de pertencimento social. Em meio aos movimentos, estes grupos que antes se viam excluídos, passam a sentir-se incluídos às ações de um grupo ativo. De acordo com Peruzzo (1998, p. 47),

Os movimentos populares são forças que se manifestam de modo bastante fragmentário e difuso. Todavia, a prática mostra que em determinados momentos, quando os objetivos se tornam comuns, eles se revelam de maneira mais orgânica.

Entre os diversos temas e reivindicações que caracterizam os movimentos sociais, estão as necessidades de moradia, acesso a bens de consumo coletivo, às discriminações raciais e sexuais e às condições gerais de vida. Estas lutas, em grande parte, pouco escutadas por canais de comunicação tradicionais, tornam-se pautas para comunidades que buscam bens e direitos comuns.

Portanto, esse contexto possibilita que a comunicação comunitária seja definida pela sua contribuição diante de práticas sociais, criando espaços para execução de projetos e programas que favoreçam positivamente estes grupos. Assim como Peruzzo (1998, p. 43) afirma:

[...]a participação dos movimentos torna-se mais efetiva, criando-se canais que potencializam as práticas da apresentação de propostas, da contribuição para a formulação e execução de projetos e programas e da interferência positiva para que as políticas públicas sejam direcionadas em conformidade com as necessidades e os anseios da população.

De acordo com Peruzzo (1998, p. 114), “mais do que praticar ações junto a meios de comunicação, canais e transmissão de mensagens, a comunicação popular aborda também a cultura e o relacionamento”. Assim, se faz necessário que a prática da comunicação comunitária seja introduzida em espaços que favoreçam as relações sociais e culturais, fazendo com que a identidade dos grupos seja reconhecida e introduzida a “dimensão do conflito histórico, do qual o popular se define enquanto movimento de resistência” (Ibidem).

Nessa perspectiva, podemos definir que a origem da comunicação comunitária está diretamente relacionada ao surgimento dos movimentos sociais e a participação popular nestes, expondo suas expectativas e reivindicações através do viés sociopolítico e cultural. Porém, é importante ressaltar que a participação popular na comunicação comunitária não se restringe apenas a movimentos reivindicatórios, mas também ao “simples fato do envolvimento das pessoas, geralmente ocasional, no nível das mensagens, ou seja, dando entrevistas, avisos, depoimentos e sugestões ou cantando músicas, pedindo a inserção de músicas e aderindo a concursos” (PERUZZO, 1998, p. 142). Ou seja, toda e qualquer participação que estabeleça relações sociais, favoreça o diálogo e estabeleça interações ativas pode qualificar o contexto como um princípio para o processo de comunicação. Partindo dessa convicção, Matos e Marques (2011, p. 162) abordam:

A comunicação comunitária e alternativa, entendida como comunicação dos movimentos sociais, pensada em sentido geral – ou seja, como não restrita a movimentos populares específicos, mas englobando aquelas manifestações de organizações correlatas ou de outros atores coletivos atuantes no mesmo universo de preocupações e tendências políticas e ideológicas –, reposiciona-se na sociedade brasileira cumprindo importante papel na democratização da comunicação e da sociedade.

Assim, percebe-se a comunicação comunitária como uma prática que, em suas ações, também é capaz de abrir

[...] espaços para a transmissão de produtos da cultura e da criatividade presentes na música, na canção, no desenho, na literatura, na poesia, na dramatização teatral (...) e em outras manifestações da própria população, de pessoas da localidade, que assim tem onde se expressar. (PERUZZO, 1998, p. 157).

Ações estas que caracterizam o conceito de movimentos sociais junto a comunidade participativa e que estão presentes no carnaval de rua e blocos de rua independentes, sendo estes aprofundados no próximo capítulo.

2.3 A PRÁTICA DAS RELAÇÕES PÚBLICAS COMUNITÁRIAS

Após apresentar o entendimento sobre comunicação comunitária, é importante compreender o papel das relações públicas nesta dimensão, trabalhando junto aos interesses públicos e segmentos sociais. Ao definir relações públicas, Kunsch (1986, p. 89-90) afirma que:

As relações públicas, como disciplina acadêmica e atividade profissional, tem como objetos as *organizações* e seus *públicos*, instâncias distintas que, no entanto, se relacionam dialeticamente. É com elas que a área trabalha, promovendo e administrando relacionamentos e, muitas vezes, mediando conflitos, valendo-se, para tanto, de estratégias e programas de comunicação de acordo com diferentes situações reais do ambiente social.

Enquanto para Fortes (2002, p. 21), “às relações públicas está reservado o trabalho de conhecer e analisar os componentes do cenário estratégico de atuação das empresas, com finalidade de conciliar os diversos interesses”. Sabe-se que faz parte do compromisso profissional de relações públicas atuar na gestão estratégica dos processos de comunicação nas organizações junto aos seus públicos, principalmente quando aplicado às áreas de comunicação corporativa e organizacional. Historicamente, as sustentações teóricas referentes à atuação de relações públicas estiveram atreladas, em sua maioria, a atividades que contemplassem marcas e corporações através de discursos que incentivam metodologias baseadas na comunicação ética e humanizada, porém a prática nem sempre fora conduzida por esse caminho.

Portanto, em 1960 profissionais de relações públicas deparam-se com um novo cenário protagonizado pela ditadura militar, período em que ocorreu forte censura e repressão política no Brasil, afetando meios de comunicação e abalando direitos básicos de liberdade de expressão. A partir de 1980, como dito anteriormente,

ascenderam as manifestações sociais e greves articulando-se em oposição ao regime militar e, por consequência, o olhar sob a atuação de relações públicas também foi modificado. De acordo com Kunsch (2006), foi neste período em que acadêmicos e profissionais começaram a conscientizar-se de que a área não poderia continuar voltada apenas para empresas e governos, mas também estender-se para qualquer organização e aos movimentos sociais.

Dadas as breves transformações históricas apresentadas, ocorreram reflexões sobre a teoria e prática de relações públicas, sendo observado por Kunsch e Kunsch (2007, p. 110) que

[...] os indivíduos tornavam-se mais conscientes de seus direitos e deveres no processo de edificação de uma sociedade mais justa. As organizações, por sua vez, começavam a se sentir incentivadas a exercer novos papéis na construção da cidadania, passando a se preocupar de forma crescente com programas sociais.

Neste enfoque, de acordo com Peruzzo (1998, p. 279), cidadania

[...] é a qualidade social de uma sociedade organizada sob a forma de direitos e deveres majoritariamente reconhecidos. Trata-se de uma das conquistas mais importantes na história. Do lado dos direitos, repontam os ditos direitos humanos (...), cuja conquista demorou milênios. [...] No lado dos deveres, aparece sobretudo o compromisso comunitário de cooperação e corresponsabilidade. Cidadania pressupõe o estado de direito, que parte, pelo menos na teoria, de igualdade de todos perante a lei e do reconhecimento de que a pessoa humana e a sociedade são detentores inalienáveis de direitos e deveres.

Percebe-se então a complexidade do desenvolvimento desta prática diante das implicações sociopolíticas e seu importante papel na construção de uma comunicação mais ética, justa e igualitária. Para Matos e Marques (2011, p. 164), a cidadania é como “um processo histórico que depende da força organizadora e mobilizadora das pessoas, das articulações e organizações sociais por elas criadas. Essa se baseia em dois princípios fundamentais: igualdade e liberdade.” Assim, observa-se que a qualificação da cidadania irá ocorrer não apenas devido a participação da comunicação, mas também porque potencializa a ação cidadã na busca pela ampliação dos seus direitos.

Diante dessas facetas, recomendou-se que o profissional de relações públicas exercesse o seu ofício priorizando as relações humanas e suas subjetividades, ou seja, atuando grupalmente e à disposição das classes subalternas as suas técnicas,

dentro de uma “metodologia de troca” (KUNSCH; KUNSCH, 2007, p. 111). Dando início a uma atitude que reverbera, com ainda mais força, até os dias atuais, em que a comunicação se relaciona às organizações possuindo o dever em mostrar que assumem, de fato, uma prática responsável e comprometida com a melhoria da qualidade de vida das pessoas e com a diminuição das desigualdades sociais. Ou seja, o que faz uma marca ou empresa agir sob a ótica de um viés cidadão e responsável perante a sociedade está no seu comprometimento sério e duradouro com este público. Nessa lógica, deve-se pensar estratégias e ações que resgatem os princípios humanos e éticos das relações públicas, pautando a atividade como ato de compartilhamento.

Em resposta a essas demandas tão pertinentes às necessidades sociais que se deu origem às relações públicas comunitárias, contribuindo para estabelecer relações e transformação na realidade de grupos sociais junto ao exercício da cidadania. Kunsch e Kunsch (2007, p. 172) afirmam que:

Relações públicas comunitárias autênticas são muito mais do que um trabalho “para” a comunidade, nos moldes tradicionais, por meio de ações sociais paternalistas. Elas pressupõem uma atuação interativa, em que o profissional é, antes, um articulador e um incentivador, mais do que um simples transmissor de saberes e aplicador de técnicas aprendidas na universidade. Ele não deve ser um mero “consultor”, que não vivencia as necessidades da comunidade. As relações públicas comunitárias implicam sua participação “na” comunidade, dentro dela e em função dela. Melhor ainda será se ele for um “agente orgânico” surgido no seio da própria comunidade.

Ao atuar como relações públicas comunitárias, o profissional deve enfrentar a realidade em que estiver inserido envolvendo-se de maneira mais ampla, contemplando necessidades coletivas e pensando estratégias possíveis que favoreçam o impacto positivo. É necessário que novos pilares da área sejam concretizados, como o exercício de uma comunicação humanizada através da construção da cidadania, que na teoria já eram mencionados, porém não aplicados. De acordo com Kunsch e Kunsch (2007, p. 129) “o profissional deve capacitar-se técnica e humanamente para o trabalho na comunidade, cultivando conscientemente a solidariedade humana e tendo a ética como um princípio basilar”. Assim, ao atuar em conjunto aos movimentos sociais que relações públicas comunitárias encontra a necessidade em trabalhar com a sedimentação de um novo tecido social, favorecendo

a cultura democrática e uma sociedade aberta e, como resultado, progredindo na democratização da comunicação.

A comunicação comunitária manifestada através dos movimentos sociais e da comunidade participante são circunstâncias que proporcionam o exercício das relações públicas comunitárias, pois as suas ações e práticas estratégicas serão empregadas junto a estas realidades, favorecendo o papel desse profissional como incentivador e articulador de trocas sociais.

Para introduzir o capítulo seguinte deste estudo, que inclui foco no carnaval de rua e blocos independentes de Porto Alegre, é necessário compreender a diversidade que caracteriza a articulação e desenvolvimento dos movimentos sociais e como estes, através de suas lutas identitárias, seu discurso político e reivindicatório também caracterizam grupos e coletivos presentes nos blocos independentes de rua. A diversidade em relação às pautas de reivindicação é uma das principais características dos movimentos sociais recentes, evidenciando novas formas de organizações e atingindo diferentes públicos.

Compreendido como parte representativa de diversos eventos e processos de caráter transformador político e social, o carnaval e os blocos de rua estão diretamente vinculados aos movimentos sociais e ao seu papel crítico e libertador. Por isso, para entendimento deste cenário, no próximo capítulo será descrita a história do carnaval de rua no Brasil e o surgimento dos blocos de rua independentes que através dos seus cortejos e posicionamentos, configuram um papel sociopolítico diante de necessidades atuais da sociedade.

3 ORIGEM DO CARNAVAL NO BRASIL, O CARNAVAL DE RUA NO RIO DE JANEIRO E O SURGIMENTO DOS BLOCOS DE RUA INDEPENDENTES DE PORTO ALEGRE

Este capítulo apresenta o contexto histórico que envolve a origem do carnaval no Brasil, dando início ao carnaval de rua no Rio de Janeiro e posteriormente influenciando outros estados brasileiros, inclusive Porto Alegre. Trata também do surgimento dos blocos de rua independentes, sendo foco deste estudo. Ainda, conceitua-se identidade cultural e as dinâmicas socioculturais. Por se tratar de um tema de constantes mudanças e crescimento recente nos últimos anos, foram resgatados conteúdos bibliográficos e documentais, sendo os principais autores: Germano (1999), Garcia (2000), Oliveira (2002), Duarte (2013), Fernandes (2019), Maia (2004), Brant (2009), Beired e Barbosa (2010).

3.1 A ORIGEM DO CARNAVAL NO BRASIL

Muitas são hipóteses que norteiam a origem do carnaval, porém sabe-se que as festividades características desse período sempre existiram. De acordo com o autor Arantes (2013), algumas hipóteses citam desde rituais referenciados a deusas egípcias, no Egito Antigo, até festas dedicadas à Dionísio, deus grego que tinha como algumas de suas representações a alegria, festa e entusiasmo, habitando a Grécia Antiga. Na Idade Média, o carnaval contemplou diversos países da Europa através de bailes de máscaras e reuniões dançantes que, ao expandirem mundialmente, foram desenvolvendo suas próprias adaptações e influências culturais.

A chegada do carnaval no Brasil ocorreu no século XVII junto aos avanços coloniais portugueses e deram início a uma comemoração típica com o nome de “Entrudo”. De acordo com Germano (1999, p. 132), ocorriam brincadeiras pelas ruas em que as pessoas atiravam água, farinha e barro entre si. Com o tempo essas práticas foram substituídas por brincadeira mais amigáveis, como as trocas de limões de cheiro, que eram pequenas bolas de cera com água perfumada. A predominância dos participantes no Entrudo pertencia a famílias portuguesas, permitindo que escravos também participassem da brincadeira junto às famílias que pertenciam ou distantes do olhar de seus senhores. Apesar da presença de autoridades tentando dar

um fim à festa, ela perdurou até o início do século XIX, garantindo espaço gradual para a origem do carnaval semelhante ao que se conhece atualmente.

Com o aparecimento de clubes, sociedades e bailes de carnaval, influenciados pela cultura europeia, a alta sociedade brasileira festejava junto a sua família e amigos. Organizando desfiles pelas ruas principais das cidades e utilizando fantasias de alta costura, a elite conquistava a atenção de jornais que noticiavam bailes dançantes. Como destaca Ferreira² (2004, p. 128 apud FERNANDES, 2019, p. 35), a presença de pessoas fantasiadas transitando pelas ruas da cidade durante os dias de folia marcaria um passo importante no surgimento daquilo que mais tarde ficaria conhecido como “carnaval de rua”.

Os bailes e festejos organizados pela elite brasileira delimitavam desfiles de carnaval aceitos pelo poder público e imprensa da época, em contrapartida, ao fim do século XIX também ocorria o processo de abolição da escravidão e um intenso desenvolvimento urbano que incentivava a movimentação de classes menos favorecidas em arrabaldes e zonas escusas das cidades, de acordo com Germano (1999). Ainda para a autora:

Nestes territórios escusos da cidade, uma forma de fazer o carnaval passou a se constituir, fundindo tradições e costumes de etnias variadas, entre elas, europeias e africanas. Outras formas de festejar e se divertir, somaram-se à festa carnavalesca, mesclando em seu interior estas tradições europeias, como o próprio carnaval e a forma de desfile nas ruas, e os ritmos de percussão e gingados sensuais, característicos dos descendentes de africanos. (GERMANO, 1999, p. 133)

A virada do século XIX para o século XX foi o momento em que, segundo Germano (1999), houve a *proliferação* de inúmeros blocos, cordões, ranchos e sociedades populares nas cidades, que passaram a desfilar pelas ruas nos dias do carnaval, cujas exhibições eram marcadas pelo ritmo e danças de origem africana. Aos poucos, ganhava-se forma o carnaval no Brasil como tradição que perdura até os dias atuais, movimentando a economia e impactando todos os estados brasileiros durante os dias de folia. Ao exemplificar a origem do carnaval brasileiro deve-se exaltar o Rio de Janeiro, que atraiu os olhares dos meios de comunicação nacionais e internacionais, servindo de inspiração, até os dias atuais, para que outros estados do

² FERREIRA, Felipe. **O livro de ouro do carnaval brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

Brasil também experimentassem o crescimento no contexto do carnaval de rua. Segundo Ferreira³ (2004, p. 157 apud FERNANDES, 2019, p. 34):

As ruas do centro do Rio de Janeiro foram atores importantes para a organização da folia nacional. Elas representaram não somente o palco preferencial das sociedades carnavalescas, ao estilo da elite, como também se estabeleceram como o espaço que iria permitir e incentivar o surgimento dos grupos carnavalescos populares.

Assim, estavam presentes atores sociais que ocupavam as estreitas vias da cidade e, através de disputas pelo espaço, diálogo com o poder público e comunidades locais, o carnaval de rua carioca ganhava força e estrutura, tornando-se a festa que seria modelo para todo o país.

3.2 O CARNAVAL DE RUA NO RIO DE JANEIRO E A INFLUÊNCIA EM ESTADOS BRASILEIROS

Ao passo que as sociedades da elite carioca estabeleciam um carnaval com desfiles organizados, os negros, que representavam 50% da população carioca ao final do século XIX, passam a ser “empurrados” para regiões periféricas da cidade. De acordo com Ferreira⁴ (2004, p. 233 apud FERNANDES, 2019, p. 40), “os novos espaços urbanos surgidos na cidade e a busca de uma identidade nacional para o país seriam essenciais para a formação do novo carnaval carioca”. Como já mencionado, é no século XX que ocorre o surgimento de ranchos e cordões que, influenciados pela cultura advinda da África e com a forte presença da participação popular, compunham os cortejos pelas ruas da cidade nos dias de carnaval.

De acordo com Fernandes (2019) o elemento que marca a diferença e a divisão entre ranchos e cordões estava nas músicas: enquanto cordões apresentavam músicas de raiz negra, os ranchos tocavam cantigas, modinhas e todo o tipo de música que agradasse a burguesia. Esse contexto, trouxe em 1926 características que começavam a classificar as várias manifestações carnavalescas. No caso dos cordões, os jornais da época já o categorizavam como blocos de carnaval. Diante do crescente espaço que o carnaval possibilitou para as diferentes manifestações populares ali presentes, estudiosos e intelectuais iniciaram suas pesquisas sobre

³ FERREIRA, 2004, p. 157. Cf. Nota 2 deste capítulo.

⁴ FERREIRA, 2004, p. 233. Cf. Nota 2 deste capítulo.

aquele fenômeno que seria fonte de irradiação da cultura popular. Segundo Oliveira (2002, p. 354):

Nos anos 1930 e 1940, o Rio de Janeiro se constitui como polo principal de irradiação do que seria entendido como cultural popular no Brasil. Isso não quer dizer que somente na capital federal estivessem tendo lugar para essas transformações, mas sem dúvida era a partir dali que os modelos se formavam e eram acompanhados.

No Rio de Janeiro, a década de 30 permitiu que o carnaval se desenvolvesse cada vez mais, com o surgimento das escolas de samba a cidade se tornava o maior polo de turismo brasileiro, sendo referência turística global em relação aos festejos de carnaval. Nesse período, as influências do carnaval carioca também chegavam ao Rio Grande do Sul, porém, com aspectos culturais distintos, não tendo o mesmo incentivo à festa tão predominante como em alguns outros estados brasileiros. A construção e afirmação da cultura gaúcha podem ser considerados um dos principais motivos pelos quais ocorreu a ausência de investimentos e visibilidade para o carnaval, devido a construção de referências históricas na qual o gaúcho deveria ser representado por um povo que advinha predominantemente de imigrantes europeus. Desde o século XIX, memorialistas reproduziram esse imaginário social, favorecendo o “embranquecimento” do estado e desconsiderando a presença que já antecedia os imigrantes: os escravos negros (AMARAL, 2019). A população negra foi responsável por grande parte das construções memoráveis e fundamentais da cidade, porém permaneceu apagada da história gaúcha. Ocupando as estreitas vias e regiões periféricas da cidade a população negra foi a grande responsável pelo surgimento do carnaval popular e os blocos de rua.

3.3 O SURGIMENTO DOS BLOCOS DE RUA INDEPENDENTES EM PORTO ALEGRE

O aparecimento das sociedades carnavalescas de Porto Alegre movimentou forte participação das pessoas tanto em clubes, quanto em desfiles nas ruas da cidade. Porém, assim como no restante do Brasil, o carnaval popular, posteriormente chamado de carnaval de rua, surgiu também ao desenrolar do século XX junto a população negra e periférica da cidade. Em Porto Alegre, essa realidade ocorreu

devido a predominância de elites brancas, Rosa⁵ (2008, apud DUARTE, 2013) classifica esse momento como o princípio de uma “fronteira simbólica entre negros e brancos” e que as “elites da cidade, promotoras do carnaval dos séculos anteriores, promoveram uma forte estigmatização da festa”.

Junto a grandes transformações urbanas, principalmente nas regiões próximas aos bairros do Centro e Cidade Baixa, Porto Alegre teve a sua história marcada por órgãos públicos alinhados a normas restritas, além de intensas repressões policiais, portanto, sua postura diante do carnaval de rua não foi diferente. Em 1960 surgiram as escolas de samba com estilos inspirados nas escolas do Rio de Janeiro, dando forma ao carnaval tradicional de Porto Alegre. A partir de 1970, exclusivamente junto às comunidades locais de bairros populares, o carnaval de rua passaria a existir. De acordo com Garcia (2000), os primeiros blocos se desenvolveram em bairros humildes da capital, como o Areal da Baronesa e a extinta Colônia Africana (FLECK, 2017), regiões que atualmente contemplam os bairros Cidade Baixa e Rio Branco. O Areal da Baronesa deu início a grande parte dos blocos de rua da cidade, que em 1970 foram extintos pela prefeitura da cidade devido a suas críticas a conjuntura política da época.

A fim de obter a definição dos blocos do carnaval de rua e, posteriormente, dos blocos de rua independentes, é fundamental a compreensão da sua complexidade. Segundo Fernandes (2019), é necessário entender que as categorizações carnavalescas estão sendo constantemente questionadas pela própria dinâmica dos atores que a definem e redefinem. Porém, ainda assim, os blocos de rua podem ser definidos como:

Manifestações carnavalescas mais informais e improvisadas. Apresentam-se com ou sem fantasias, em pequenos grupos de componentes, sem qualquer enredo. Geralmente nascem de grupos de amigos, moradores de uma mesma rua ou de colegas de trabalho. Nos blocos, o número de foliões vai crescendo enquanto o cortejo segue pelas ruas; os instrumentos vão surgindo e se juntando. Há blocos do tipo mais organizado até os totalmente desorganizados. (FERNANDES, 2019, p. 59)

Apesar de não compartilharem dos mesmos estímulos históricos e culturais, os poucos blocos de rua de Porto Alegre tiveram forte inspiração nos blocos do Rio de

⁵ ROSA, M. V. F. **Quando Vargas caiu no samba**: um estudo sobre os significados do carnaval e as relações sociais estabelecidas entre os poderes públicos, a imprensa e os grupos de foliões em Porto Alegre durante as décadas de 1930 e 1940. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

Janeiro. Ao prosseguirem os desfiles de escolas de samba, o período do regime militar iniciado em 1964 ocasionou uma diminuição significativa das manifestações espontâneas nas ruas cariocas, de acordo com Fernandes (2019), não existiam opções carnavalescas fora dos circuitos oficiais, mais espontâneas, ficando o carnaval circunscrito aos desfiles das escolas de samba e dos blocos de embalo e de enredo.

Apenas em 1985, ano que dava oficialmente um fim na ditadura militar, iniciava o que Fernandes (Ibidem, p. 20) nomeia como a “retomada carnavalesca”, onde movimentos sociais e culturais acompanhavam a redemocratização do país. Segundo a autora, esse movimento inicial do carnaval de rua terá em seu eixo uma rede de agentes comuns, que encontramos nos movimentos políticos e sociais do período. A partir daí, surgem as primeiras características dos blocos de rua que os assemelham aos movimentos sociais, principalmente devido aos seus discursos político-sociais, ao qual será descrito com maior profundidade no próximo capítulo. Nesse período, ocorre um forte aparecimento de blocos de carnaval inspirados em ideais libertários no Rio de Janeiro, sugerindo críticas político-sociais através das letras de seus sambas, charges em camisetas e representações artísticas.

A redemocratização do país, o surgimento de diferentes movimentos sociais e o impulso de novos atores sociais que ocupavam as ruas de maneira espontânea proporcionaram a efervescência do carnaval de rua. No Rio de Janeiro, “de 2000 a 2014 temos o surgimento de 304 novos blocos de carnaval de rua” (FRYDBERG⁶, 2014a apud RISKALLA, 2016, p. 7), ao passo que nesse mesmo período quatro novos blocos também iniciam as suas atividades em Porto Alegre, sendo eles: Bloco Maria do bairro (2007), Turucutá: Batucada Coletiva Independente (2009), Bloco Galo de Porto (2011) e o Bloco da Laje (2012). Estes foram pioneiros para que outros blocos pudessem existir na cidade nos anos seguintes, porém as suas expressões e construções identitárias irão variar de acordo com as suas características como unidade, enquanto surgem oportunidades de patrocínio de marcas locais e exigências do poder público de Porto Alegre.

Para entender esse contexto e conceituar da melhor forma a origem dos blocos de rua independentes, é importante conhecer a trajetória que naturalmente foi encaminhada para que houvesse uma divisão entre os chamados “blocos oficiais” e

⁶ FRYDBERG, Maria Bay. Ó Abre Alas: Cultura e Economia através da Festa dos Blocos de Carnaval de Rua na Cidade do Rio de Janeiro. In: **38º Encontro Anual da Anpocs**. GT02 – Arte e Cultura nas Sociedades Contemporâneas. Minas Gerais, 2014a.

“blocos de rua independentes” na cidade. O crescimento dos blocos de rua em Porto Alegre ao decorrer dos últimos anos chamou atenção do poder público e produtoras de festas locais, propiciando a necessidade de centralizar a festa em bairros como o Centro e a Cidade Baixa, aos quais sempre fizeram parte da história da cidade protagonizando encontros boêmios, festividades, mobilizações e resistência política.

Assim, todos os blocos da cidade teriam um formato estético padrão, com datas e horários pré-estabelecidos, obedecendo as normas da prefeitura e evidenciando marcas — através de camisetas, distribuição de brindes entre os foliões, estandes de bebidas, entre outras características — que patrocinavam a festa. Desta forma, “a festa torna-se um produto a ser reproduzido tecnicamente, e consumido como mais uma dentre as formas de lazer ofertadas e elencadas por uma indústria cultural moderna, em busca de uma padronização estética e uma mercantilização incessante” (ADORNO⁷, 2002 apud DUARTE, 2013).

Dada esta realidade, ao passar dos últimos anos, nas trocas de lideranças de governos e prefeituras de Porto Alegre, houve a constante ausência de investimentos em verbas públicas para escolas de samba e incentivo ao carnaval de rua. Moradores dos bairros em que ocorriam os blocos de rua oficiais também começaram a se incomodar com a presença destes pelas ruas (WEBER, 2016), por isso, ocorre a intervenção do Ministério Público e Brigada Militar nesses espaços. O resultado é a intensa diminuição dos blocos em espaços públicos e a descentralização do carnaval oficial para outros espaços mais amplos da cidade, como a Orla do Gasômetro.

Dada essa realidade, em 2016, configuram-se os “blocos oficiais”, vinculados ao calendário de carnaval proposto pela Prefeitura de Porto Alegre e de comum acordo a possíveis patrocínios e os “blocos independentes” que mantiveram autonomia e autenticidade da sua identidade, ocupando espaços públicos e desenhando o seu cortejo de acordo, apenas, com alguns limites físicos do poder público, ou seja, o seu único contato com a prefeitura ocorre junto a secretarias municipais responsáveis pelo tráfego, dialogando pela liberação de vias que dão início e fim aos cortejos, além de medidas básicas de segurança pública. Também vale ressaltar que a desvinculação dos blocos de rua independentes está atrelada a sua “independência financeira” em relação aos recursos básicos para ir às ruas, como a aderência de caixas de som, segurança e banheiros, estes são financiados apenas

⁷ ADORNO, T. **Indústria cultural e sociedade**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

pelos integrantes dos blocos e foliões que frequentam e colaboram financeiramente para estes coletivos.

Essas características tornaram os blocos de rua independentes, progressivamente, espaços coletivos e simbólicos de resistência e que, contrapondo-se aos blocos oficiais, traziam em suas canções e expressões artísticas discursos com conteúdos mais politizados. Esta é, sem dúvida, uma característica do carnaval popular que, como descrito anteriormente, popularizou-se pelo Brasil desde o século XX, transformando os blocos em tipos de grupos sociais que conduzem dinâmicas socioculturais nos espaços que ocupam. Brant (2009, p. 32) afirma que:

As dinâmicas socioculturais surgem como possibilidades concretas de ampliar o espaço público e oferecer novas dinâmicas de socialização e participação nas decisões da comunidade e da sociedade como um todo. Uma democracia direta, porém resultante de uma teia de diálogos e conversações.

Quando se pensa no surgimento dos blocos de rua independentes de Porto Alegre apenas em 2016, vale ressaltar que em outros estados brasileiros eles já existiam há um certo tempo e suas características envolviam princípios similares. “Pensar o carnaval dos blocos de rua da cidade do Rio de Janeiro hoje é um tema complexo que envolve trocas sociais, econômicas, políticas e simbólicas, na sua articulação entre práticas de sociabilidade e de formação de identidades” (FRYDBERG, 2014b, p. 2). Esses mesmos pilares replicam-se no que configura os blocos de rua independentes de Porto Alegre.

Os blocos de rua representam a sua origem através de “trocas de afeto e de relacionamento criadas entre alguns grupos sociais e suas relações com o carnaval, costuradas pela política, pelos encontros no samba” (FERNANDES, 2019, p. 22). Abertos à participação de qualquer pessoa, sem roteiros pré-determinados pelo poder público e muitas vezes pontuados pela crítica política e social, configuram uma total liberdade de participação do público e representam a identidade cultural dos grupos sociais que os frequentam. Maia (2004, p. 3) afirma que na “identidade cultural, tem-se “a identidade como conjunto de características comuns com o qual grupos humanos se identificam (e este termo alude ao processo psicológico de interiorização de traços e características sociais que se internalizam e passam a constituir os elementos diferenciadores de uns a respeito de outros), estabelece hábitos, ‘naturaliza’ comportamentos”. Enquanto para Beired e Barbosa (2010, p. 9) “a questão

da identidade cultural não se encontra isolada de outros domínios da realidade, ao contrário, está vinculada à vida política”. Desta analogia, entende-se que a identidade cultural relacionada a maneira que os grupos sociais se identificam entre si e nos espaços que atuam, principalmente de acordo com seus princípios ideológicos, sociais e políticos.

Nessa perspectiva, para melhor compreensão e entendimento dos blocos de rua como agentes de transformação social e articulação, o capítulo seguinte resgata o contexto de crescimento dos movimentos sociais ao longo dos últimos anos e as suas principais pautas reivindicatórias levantadas por um público com predominância de jovens e estudantes. Atores sociais que ocuparam espaços compartilhados em um contexto que envolve lutas identitárias, movimentos sociais e culturais e reconhecimento desses grupos sociais nos posicionamentos sociopolíticos presentes neste cenário.

4 MOVIMENTOS SOCIAIS E BLOCOS DE RUA COMO AGENTES DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: A CONSTRUÇÃO DO POSICIONAMENTO SOCIOPOLÍTICO

Para referenciar o capítulo que segue, será resgatado o contexto que trouxe o surgimento dos principais movimentos sociais dos últimos anos no Brasil serão utilizados os autores Matos e Marques (2011) e Gohn (2015). Para contemplar a definição de cultura popular será utilizado Oliveira (2019) e para permear a discussão sobre o carnaval e os blocos de rua como agentes de transformação social junto aos movimentos sociais, se fazem presentes os autores: Damatta (1997), Hammes e Helfer (2001) e Fernandes (2019).

4.1 A CHEGADA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL

Os movimentos sociais sempre existiram e estiveram presentes na conjuntura brasileira, atuando de diferentes formas e tendo a sua presença em diversos segmentos. Estes foram sofrendo algumas transformações nas suas dinâmicas ao decorrer dos anos, mas, sem dúvida, ganhando cada vez mais força e pessoas adeptas às pautas que protagonizam esses movimentos até hoje atuais. Como já mencionado neste estudo, os movimentos sociais urbanos no final do século XX e início do século XXI aumentaram significativamente, principalmente entre os anos 1970 e 80, momento bastante importante para história do país. De acordo com Fernandes (2019, p. 22) este “é o ápice da redemocratização do país, ano de abertura política, culminância de uma série de movimentos que vinham, desde meados da década de 1970, lutando pelo fim da ditadura militar”. Entre os principais tipos de movimentos sociais emergidos neste período estão as mobilizações a favor dos direitos das mulheres (movimentos feministas), manifestações LGBT (a favor dos direitos de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros), movimentos negros (atuando no combate à discriminação social), Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST) e Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). Para Gohn (2015, p. 14)

[...] os movimentos são o coração, o pulsar da sociedade. Eles expressam energias de resistência ao velho que os oprime, e fontes revitalizadas para a construção do novo. Energias sociais antes dispersas são canalizadas e potencializadas por meio de suas práticas em “fazeres propositivos”.

Contudo, ao contrário dos movimentos que imprimem o desejo pela mudança e construção do novo, também surgiram movimentos sociais conservadores, respaldados por ideais conservadores e com imposições aos seus interesses particularistas, utilizando a força e violência como principal estratégia para suas ações. Há de se complementar que Matos e Marques (2011, p. 151), ao refletirem sobre a comunicação e política nesses espaços de articulação, afirmam:

Movimentos sociais populares são articulações da sociedade civil constituídas por segmentos da população que se reconhecem como portadores de direitos ainda não efetivados na prática. Organizam-se na própria dinâmica de ação e tendem a se institucionalizar como forma de consolidação e legitimação social.

Portanto, pode-se entender a definição dos movimentos sociais como ações articuladas, combativas e de resistência que se mobilizam coletivamente com interesses comuns em prol da obtenção e reivindicação de causas políticas e sociais. Ao pensar nos indivíduos que contemplam estas ações, é comum que ocorram generalismos em que tratam o público participante dos movimentos sociais como comunidades locais e carentes que buscam a atenção do poder público às suas necessidades básicas, que, historicamente, não são atendidas pelas políticas públicas, tampouco reconhecidas em canais de comunicação de livre acesso.

De fato, a comunidade popular inserida nos movimentos sociais dos anos 1970-1980 contribuiu exponencialmente para a conquista de vários direitos sociais novos e inscritos em lei pela nova constituição brasileira em 1988 (GOHN, 2015, p. 20). Porém, não somente formada por este público, os movimentos, ao ganharem visibilidade diante das suas questões para com a sociedade, atraíram representantes de inúmeros espaços que seriam complementares a comunidade popular participante, que percebeu a crescente necessidade em expandir o seu alcance, trazendo novos atores sociais dispostos a fortalecer a articulação e engajamento desses espaços. Nesse cenário, ao iniciar o século XXI, foi possível verificar a presença de historiadores, sociólogos, comunicadores, intelectuais, acadêmicos e estudantes que, somando aos movimentos sociais, partilhavam das ideologias e discursos sociopolíticos ali presentes e, sucessivamente, criaram espaços de reunião e discussão, pautados por novos temas e reivindicações propícias — e complementares — às que já eram existentes ao cenário sociopolítico vivenciado.

Há de se tomar como referência, de acordo com Gohn (2015), que foi em 1990 que grupos de mulheres se organizavam, criando redes de conscientização de seus direitos e lutas contra a discriminação. Junto a estas, o movimento dos homossexuais também ganhou impulso e foi às ruas, organizando passeatas e atos de protesto. O mesmo ocorreu com o movimento afro-brasileiro que era marcado por movimentos de manifestações culturais, agora trazia discursos voltados para a construção de identidade e lutas contra a discriminações raciais.

Nesse cenário, a presença dos jovens e estudantes foi se sobressaindo, tornando os movimentos estudantis e a presença dos estudantes contemplados por maior ativismo e engajamento. Gohn (2015) ressalta que a grande maioria dos movimentos culturais se originaram por volta de 1990, com jovens que, através da música e da arte, davam voz a temas de protesto. No decorrer dos anos, foi possível verificar a expansão dos movimentos sociais com forte presença destes jovens que organizavam atos e protestos, com recorrente presença de instrumentos musicais, apresentações de grupos cênicos e canções que representassem as suas lutas e posicionamentos através de representações artísticas. Em Porto Alegre, por exemplo, ocorreram as grandes manifestações que exigiam a diminuição da tarifa do transporte público no ano de 2013, reunindo quase 20 mil pessoas (GOMES, 2018) e sempre com a presença de grupos que acompanhavam com canções de refrões reivindicatórios, além de coreografias e apresentações de teatro de cunho político.

O ano de 1990 também foi marcado como a reconfiguração da conjuntura política brasileira, ocasionando mudanças nas características fundamentais dos movimentos sociais que passaram a atuar através de posições mais ativas/propositivas. Gohn (2015, p. 30) ressalta essa mudança nos movimentos sociais populares urbanos, afirmando que

[...] os movimentos com matizes político-partidárias fortes se enfraqueceram e fortaleceram-se os movimentos com perfil de demandas mais universais, mais plurais em termos de composição social, como os ecologistas e pela paz.

São essas mudanças que anunciam novas maneiras de fazer política e de enxergar as novas ações dos movimentos sociais. Ainda segundo Gohn:

A condição de sujeito de um novo modo de fazer política dos novos movimentos sociais tem seu maior emblema na “afirmação positiva” de suas atividades transparentes centradas na “ação coletiva”. A visibilidade das ações está presente em diferentes espaços: em pequenos grupos descentralizados que escolhem o próprio modo de participação nos espaços públicos e coletivos; (...) a eficácia política dos movimentos requer não somente que os seus ativistas mudem o próprio modo de pensar, mas também que êxito da prática resulte da mudança do modo de pensar das pessoas (como se dá, por exemplo, nas relações de gênero e nos movimentos ambientalistas). (GOHN, 2015, p. 93)

Os movimentos sociais passam a ter um caráter mais amplo e pautas universais, aproximando destes espaços um novo tipo de público que não somente identifica-se com ideologias político-partidárias, mas que se mobiliza através de sentimentos utópicos e possibilidades variadas de estabelecer ações compartilhadas. Além disso, percebe-se uma maior necessidade de visibilidade perante a sociedade, pensando estratégias que influenciem também no modo de pensar e agir dos indivíduos “externos” aos movimentos, isto é, os que observam de fora e possuem o lugar de “espectadores”.

4.2 OS MOVIMENTOS SOCIAIS E OS BLOCOS DE RUA INDEPENDENTES COMO AGENTES DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

A partir do contexto referido, os movimentos sociais passam a ser articulações que não obedecem apenas um formato de construção, mas a várias possíveis representações que impactam na esfera social. Junto a crenças envolvendo utopias de igualdade e justiça social presentes nos movimentos, o carnaval e os blocos de rua — contextualizados historicamente no capítulo anterior — surgem como parte representativa desses movimentos, ocupando os espaços públicos através da arte, performances e música, dando lugar não apenas para festa, mas para encontros sociais conduzidos por discursos e posicionamentos sociopolíticos que clamam por direitos sociais. Damatta (1997, p. 58) retrata a representação da rua na época de carnaval como um local de encontros:

No carnaval (...) embora não exista um local especial para os desfiles das escolas de samba, a “rua”, tomada em seu sentido mais genérico e categórico, e em oposição a “casa” (que representa o mundo privado e pessoal), é o local próprio do ritual. Assim, o universo espacial próprio do carnaval são as praças, as avenidas e, sobretudo, o “centro da cidade” que, no período ritual, deixa de ser o local desumano das decisões impessoais para se tornar o ponto de encontro da população, do mesmo modo que os salões são o espaço igualador de várias posições sociais no baile.

As ruas são espaços públicos comuns entre os movimentos sociais e o carnaval de rua, local de encontros, partilhas de conhecimentos e reconhecimentos mútuos entre os grupos sociais. Os blocos de rua independentes são espelhos desta reflexão, que em sua grande maioria, foram tendo suas origens ao redor do país através do público de jovens que, junto às influências da abertura política dos anos 80, aproveitaram as maiores possibilidades que aquela realidade expandia de cocriar não apenas grupos para brincar o carnaval, mas também desaprovar processos e irregularidades políticas e sociais presentes na sociedade. É nesse contexto que os últimos anos são marcados pelo aparecimento de blocos de rua independentes que fazem de seus cortejos, coletivos populares em várias capitais do Brasil.

Em 2017, o Brasil tem um dos seus carnavais de rua mais políticos-ideológicos de todos os anos, com o crescente número de blocos de rua independentes por todo país, emanando em seus cortejos canções e falas pontuais que se posicionam contra pautas relacionadas à homofobia, machismo, racismo e preconceito (MELO, 2017). Essa proximidade entre discursos sociopolíticos dos blocos de rua e os movimentos sociais fazem parte de estudos ainda muito recentes, representando apenas os últimos trinta anos de compreensão sobre a popularização do carnaval, em que alguns autores têm percebido um sentimento de profunda utopia que caracterizam esses dois espaços. Hammes e Helfer (2001, p. 138) descrevem parte dessa utopia do carnaval de rua como uma “sociedade sem as tradicionais diferenças entre “nobres e pobres” e chamando a atenção para a importância em incluir “os marginalizados das periferias urbanas”, poderem ocupar a “avenida do samba” e serem aplaudidos por aqueles que geralmente ocupavam posições superiores da sociedade. É bem verdade que quando pensamos no contexto da ocupação da rua, como espaço de livre manifestação da cultura popular, blocos e movimentos estão atrelados como atores sociais que acolhem os grupos sem distinção, afinal, é na rua que temos o nosso direito universal de ir e vir e não se pode barrar quem soma-se a festa ou que se reconhece-se às reivindicações de uma manifestação.

Nesse sentido, “aquilo que aparentemente era uma grande alienação, começou a ser visto como a manifestação de um grande desejo de mudança social”. (HAMMES; HELFER, 2001, p. 138). A cultura popular, também podendo ser chamada de “cultura de rua”, é uma das importantes características que representam as manifestações sociais e artísticas que são descritas ao decorrer deste estudo. Portanto, é importante

conceituar cultura popular. Para tal, refere-se às reflexões de Gullar⁸ (1980, p. 83), citado por Oliveira (2019, online):

[...] quando se fala em cultura popular, acentua-se a necessidade de pôr a cultura a serviço do povo, isto é, dos interesses efetivos do país.

Na mesma passagem Oliveira (2019, online) também cita Arantes⁹ (1981, p. 54-55):

Trata-se, então, de "agir sobre a cultura presente, procurando transformá-la, entendê-la, aprofundá-la. [...] O que define a cultura popular [...] é a consciência de que a cultura tanto pode ser instrumento de conservação, como de transformação social. "Cultura popular é, portanto, antes de mais nada, consciência revolucionária", "um tipo de ação sobre a realidade social".

Evidenciar o carnaval de rua como um espaço que marca a sociedade brasileira anualmente como um período que proporciona lazer e liberdade de expressão; "ser quem se é de verdade", também caracteriza um viés utópico e que configuram lutas identitárias até então presentes nos movimentos sociais. Durante um ano inteiro em que se é condicionado diariamente à uma rotina maçante e contínua para a grande maioria dos brasileiros é transformada durante a época do carnaval como um feriado que proporciona alívio. Ao explicar esse olhar sobre a época carnavalesca anual e inevitável no Brasil, Hammes e Helfer (2001, p. 141) apontam:

[...] o carnaval nos revela a utopia de uma sociedade diferente daquela que vivemos no dia-a-dia. O carnaval nos mostra uma sociedade onde as classes sociais desaparecem, as diferenças raciais não separam, a agonia da luta pela sobrevivência diária cede lugar à alegria da dança, o público se torna privado e o privado se torna público, as pessoas despem a máscara que usam no dia-a-dia para oprimir e passam a usar a máscara que iguala.

Assim, pode-se caracterizar o carnaval de rua como um espaço que não possui distinção ou restrição, estando aberto a participação de qualquer pessoa e gerando um sentimento coletivo de diversão e liberdade. Sabe-se, no entanto, que apesar do contexto do qual faz parte o carnaval e os blocos de rua trazer um forte espírito de coletividade, alegria e reconhecimento, não pode-se esquecer das fragilidades urbanas que imperam sob as capitais sede dessas confraternizações. Uma maior incidência de assaltos, furtos, uso excessivo de álcool, drogas ilícitas, em alguns

⁸ GULLAR, Ferreira. A cultura posta em questão. **Arte em Revista**. São Paulo, n. 2. 1980.

⁹ ARANTES, Antônio A. **Cultura Popular**. São Paulo: Brasiliense, 8º ed. 1981.

locais, também se faz presente ocorrências de casos que envolvem agressões físicas e violência sexual, principalmente em abordagem público feminino, entre outras situações desagradáveis que fazem destes os festejos demandarem cautela por parte dos foliões, porém vale pontuar que apesar das possíveis circunstâncias “a utopia alimentada e experienciada nos dias de carnaval é bonita, e incentiva a luta por uma sociedade diferente”. (HAMMES; HELFER, 2001, p. 142).

Se os movimentos sociais sugerem a transformação através do pensamento utópico, o carnaval sugere a festa através do sonho, em que junto aos meios populares não delimita pessoas, nem raças ou gêneros e inclui o fervor, o “cantar” e “dançar” entre os espaços urbanos. Para Bakhtin¹⁰ (1993, p. 6 apud HAMMES; HELFER, 2001, p. 144)

O carnaval ignora toda distinção entre atores e espectadores. Também ignora o palco [...]. Os espectadores não assistem ao carnaval, eles o *vivem*, umas vez que o carnaval pela sua própria natureza existe para *todo o povo*. Enquanto dura o carnaval, não se conhece outra vida senão a do carnaval. Impossível escapar a dela, pois o carnaval não tem nenhuma fronteira *espacial*.

Portanto, conclui-se que são nos diversos ambientes de encontro que se configuram os blocos de rua independentes e os movimentos sociais como coletivos semelhantes em suas ações de transformação social. Para conhecer e aprofundar os conhecimentos do estudo até então realizado, no próximo capítulo apresenta-se a pesquisa de campo.

¹⁰ BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da UNB, 419 p., 1993.

5 PESQUISA DE CAMPO: A CONSTRUÇÃO DO POSICIONAMENTO SOCIOPOLÍTICO DOS BLOCOS DE RUA INDEPENDENTES EM PORTO ALEGRE

Este capítulo apresenta a estratégia metodológica utilizada, a síntese dos dados obtidos através de entrevistas realizadas com fundadores e participantes dos blocos de rua “Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só” e “Bloco da Laje” e a análise dos resultados que contempla o referencial teórico construído.

5.1 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

A estratégia metodológica deste estudo envolve uma pesquisa do tipo exploratória, que através do método qualitativo, utiliza técnicas de coleta de dados a partir de entrevistas individuais, pesquisa bibliográfica e pesquisa documental. Para interpretação dos resultados obtidos junto aos entrevistados, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo.

5.1.1 Pesquisa exploratória

A pesquisa exploratória desenvolvida neste estudo teve como objetivo o levantamento de informações referentes ao tema estudado, contribuindo para a descoberta de novas percepções em conjunto ao que até então já foi estudado. De acordo com Piovesan e Temporini (1995, p. 321):

[...] pesquisa exploratória, ou estudo exploratório, tem por objetivo conhecer a variável de estudo tal como se apresenta, seu significado e o contexto onde ela se insere. Pressupõe-se que o comportamento humano é melhor compreendido no contexto social onde ocorre.

Este tipo de pesquisa é importante para compreensão do objeto de estudo e maior identificação do sentido geral da realidade que se pretende conhecer.

5.1.2 Método qualitativo

O método de pesquisa qualitativo compreende a totalidade e qualidade das informações obtidas através da interação do pesquisador com o entrevistado. Em

outras palavras, este método não necessita de um grande número de entrevistas, mas de respostas precisas. Para Polit, Becker e Hungler¹¹ (2004, p. 201), citados por Gerhardt e Siveira (2009, p. 33), a pesquisa qualitativa tende a salientar os aspectos dinâmicos, holísticos e individuais da experiência humana para apreender a totalidade no contexto daqueles que estão vivenciando o fenômeno.

O método qualitativo é empregado ao estudo a fim de conhecer com profundidade as subjetividades que os entrevistados possuem em relação ao contexto dos blocos aos quais participam, reconhecendo suas experiências e analisando as informações narradas.

5.1.3 Pesquisa bibliográfica

Na técnica de levantamento bibliográfico, “os dados são obtidos a partir de fontes escritas, portanto, de uma modalidade específica de documentos, que são obras escritas, impressas em editoras, comercializadas em livrarias e classificadas em bibliotecas” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 69).

Ao decorrer do estudo esta técnica foi empregada através da utilização de obras, artigos, revistas, estudos científicos e acadêmicos, obtendo assim, definições e conceitos em relação ao tema estudado.

5.1.4 Pesquisa documental

A técnica referente ao levantamento documental, por sua vez, consiste em obras “que não receberam qualquer tratamento analítico” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 69), tais como reportagens de jornal, documentos oficiais, fotografias, sites, entre outros. Esta técnica permitiu que fosse feita uma análise de fatos mais recentes relacionados ao tema, sendo realizada através da consulta em blogs, sites de notícias jornalísticas, revistas e artigos eletrônicos.

¹¹ POLIT, D. F.; BECK, C. T.; HUNGLER, B. P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização.** Trad. de Ana Thorell. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004

5.1.5 Entrevistas individuais

Na técnica de entrevista semiestruturada, é possível organizar um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, permitindo e incentivando o entrevistado a falar livremente sobre assuntos que forem surgindo como desdobramentos do tema principal (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 72). Nas entrevistas foi utilizado um roteiro com tópicos sobre o tema do estudo, incentivando os entrevistados a expressar espontaneamente sobre assuntos sugeridos e relacionados aos tópicos. Nessa perspectiva, esta técnica foi importante para conhecer e identificar as percepções dos entrevistados diante dos cenários propostos, reconhecendo posicionamentos e representatividades sociopolíticas quanto aos blocos alternativos de rua de Porto Alegre.

5.1.6 Análise de conteúdo

A fim de analisar o conteúdo obtido através das entrevistas individuais, a técnica de análise de conteúdo é fundamental para obter informações e interpretações das falas dos entrevistados. Para Bardin¹² (1979, p. 42 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 84):

[...] ela representa um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visam a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção dessas mensagens.

A análise de conteúdo é realizada através dos dados sintetizados cruzados com a estrutura teórica desenvolvida no estudo.

5.2 PROCEDIMENTOS

O objetivo inicial do estudo foi a realização de um grupo focal com os fundadores de dois blocos de rua escolhidos como objetos de estudo, porém devido ao período de quarentena e isolamento social que foi enfrentado pelo país, a partir de

¹² BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 1979.

16 de março de 2020, as entrevistas foram feitas individualmente com representantes e frequentadores dos blocos através de videoconferências.

As entrevistas com os representantes e frequentadores foram realizadas entre os dias 1 e 7 de junho de 2020. A entrevista com o cofundador do Bloco da Laje, Juliano Barros foi realizada no dia 1 de junho de 2020, com duração de 01:02min e permissão para gravação concedida em áudio. Já com o bloco Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só, as fundadoras iniciais afastaram-se do coletivo ao decorrer destes cinco anos de surgimento na cidade, em vista disso, a entrevista foi realizada com a participante do bloco Bruna Anele, representante que faz parte do setor de comunicação, no dia 2 de junho de 2020 e tendo duração de 0:37min.

Os entrevistados foram selecionados para que fossem compreendidas as características e particularidades que deram origem aos respectivos blocos, além do entendimento da dinâmica e organização interna destes. Ademais, foi importante conhecer os processos de comunicação presentes nesses espaços, como ocorrem os diálogos entre os participantes e foliões, e as possíveis técnicas e ferramentas comunicacionais utilizadas. Foram questionados os principais valores e propósitos da existência destes blocos, bem como seus vínculos junto a ações e programas sociais de Porto Alegre. Por fim, como configuram o seu posicionamento sociopolítico e o reconhecimento destes blocos como coletivos sociais.

Para as entrevistas realizadas com os frequentadores, também chamados de foliões, foram selecionadas nove pessoas que frequentam os dois blocos escolhidos e estivessem disponíveis para essa coleta de informações. Estas foram abordadas de acordo com a proximidade estabelecida com a autora. Quatro destes nove foliões foram escolhidos por representarem não apenas participantes dos blocos, mas também tocarem instrumentos nestes e, conseqüentemente, participarem com mais constância da organização e ensaios dos blocos. Os outros cinco participantes são foliões que apenas participaram dos cortejos dos dois blocos selecionados.

As entrevistas tiveram como objetivo conhecer a percepção individual dos foliões diante da sua participação nos blocos de rua independentes, assim como questionar as suas opiniões sobre as relações sociopolíticas que reconhecem nestes espaços. As nove entrevistas foram realizadas entre o período já mencionado, através de videoconferências e tiveram entre 30min a 45min de duração.

5.2.1 Apresentação dos entrevistados

O primeiro entrevistado foi o cofundador do Bloco da Laje, Juliano Barros, de 37 anos. A segunda entrevistada é uma das representantes do Bloco Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só, Bruna Anele, de 24 anos.

As entrevistas dos foliões e musicistas foram realizadas com quatro participantes, Bárbara, de 29 anos, assistente social e Marjorie, de 27 anos, mestre em sociologia do direito, ambas participantes do bloco Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só. Os entrevistados Pedro, de 35 anos, geógrafo e Israel, de 30 anos, enfermeiro, musicistas no Bloco da Laje.

Os cinco foliões selecionados foram:

- Jully, 23 anos, estudante de relações públicas.
- Lafayette, 21 anos, estudante de ciências biológicas.
- Vitória, 25 anos, estudante de serviço social.
- Matheus, 24 anos, estudante de jornalismo.
- Emilyn, 26 anos, assistente social.

5.3 SÍNTESE DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após a realização das entrevistas online, estas foram transcritas (podendo ser consultadas na íntegra nos Apêndices A, B, C e D) e suas respostas foram sintetizadas com as principais ideias dos representantes, musicistas e foliões dos blocos de rua de Porto Alegre selecionados. Estas sínteses foram divididas em seis quadros que serão apresentados junto a análise de resultados.

É importante ressaltar que as respostas concedidas pelos entrevistados são parte de suas opiniões particulares sobre as características dos blocos de rua dos quais fazem parte, não sendo estas equivalentes às percepções gerais dos participantes restantes dos coletivos.

5.3.1 Entrevista com representantes

A seguir serão expostos três quadros com a síntese dos dados e análises dos resultados das entrevistas realizadas com o cofundador do Bloco da Laje, Juliano

Barros, e a representante do bloco Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só, Bruna Anele. Estes responderam onze questões referentes à origem do bloco, contando sobre a ideia principal que deu início ao bloco, a configuração de um propósito e características sobre o funcionamento da organização interna (destaques no Quadro 1). Além destes, os entrevistados também abordaram os processos de comunicação junto aos participantes, citando a sua presença em redes sociais convencionais e se possuem vínculos com programas e/ou ações sociais da cidade (destaques no Quadro 2). Por fim, contam sobre a construção de posicionamentos e discursos dos blocos, suas principais crenças e valores transmitidos, a definição de manifestações e discursos musicais, e se consideram o bloco um tipo de coletivo/movimento social na cidade (destaques no Quadro 3). As questões destas entrevistas e suas transcrições estão disponíveis na íntegra nos Apêndices A e C.

Quadro 1 – Destaques das entrevistas com representantes dos blocos acerca da origem e características de organização interna de cada coletivo

Entrevistados	Surgimento	Propósito	Funcionamento
Bruna Anele (Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só)	“Iniciou em 2016 com um movimento de mulheres de Porto Alegre que começaram a perceber que a presença de outras mulheres em outros blocos de rua independentes da cidade, já tinham muitas mulheres, mas que apesar de serem a maioria da bateria, elas não tinham tanta voz de decisão dentro dos blocos.”	“[...] é mais essa questão de ter voz nesse espaço dos blocos. Cada bloco se organiza de um jeito, o “Não Mexe” é 100% horizontal, permitindo que todos os membros do coletivo tenham voz, quem quiser ter voz, vai ter voz, por isso que o bloco surgiu dessa maneira e dessa forma: mulheres que queriam criar um coletivo 100% democrático, que ouvissem todas as componentes.”	“O “Não Mexe” é um coletivo horizontal, então a gente funciona a partir de assembleias, as deliberações são feitas em assembleia [...] a gente conseguiu definir um grupo de coordenação do bloco, de uma forma que não hierarquizasse, ou seja, [...] dentro dessa organização tem GTs (Grupos de trabalho) que têm autonomia para decidir coisas, mas decisões que envolvem mudanças de narrativa do bloco e coisas mais relevantes são levadas para assembleia.”

Continua

Continuação Quadro 1

Juliano Barros (Bloco da Laje)	“...nasce do encontro de amigos [...] esse encontro se dá em 2012, [...] da reunião dos amigos que eram teatros e que se encontraram para retomar o espaço também político, passando pelos espaços públicos como espaços de resistência e de encontro social, trazendo esse encontro pras praças, pra rua em forma de celebração e manifestação [...]”	“[...] o nascimento do bloco está [...] abraçado com o momento político que vivíamos naquela época que eram as ocupações das ruas, está abraçado com o espírito do teatro, está abraçado ao espírito carnavalesco, o motivo é o carnaval e aí a gente tem um leque de possibilidades também porque é onde vai acontecer um espaço de resgate da identidade do próprio carnaval de Porto Alegre.”	“Existem dois momentos do bloco, que é o momento da saída do carnaval oficial, que acaba sendo sempre no pré-carnaval, a gente faz os ensaios que começam a partir de setembro, começam os ensaios macro do bloco pra essa saída oficial. Essa é nossa organização principal. [...] organização [...] dos brincantes, dos cantantes, dos musicistas que é a bateria e sopro, a harmonia, mestre sala, porta bandeira, o estandarte, essas coisas que a gente tem do imaginário do carnaval né. [...] além desta principal, tem o Laje in concert, que tem um formato de show, nesse formato de show tem a questão de produção, questão de vendas de show, uma direção artística, também tem os brincantes, os musicistas, direção musical, basicamente é assim que a gente funciona.”
-----------------------------------	--	--	---

Fonte: elaborado pela autora.

Ao analisar as informações do Quadro 1, na primeira subcategoria “Surgimento” pode-se perceber que apesar dos dois blocos possuírem a sua origem com cinco anos de diferença (Bloco da Laje em 2012 e Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só em 2016), ambos tiveram motivações relacionadas a “conquista de espaços”, o Não Mexe dialoga com a necessidade de trazer um maior protagonismo para as mulheres nos blocos de rua de Porto Alegre e o Bloco da Laje com o desejo de favorecer os encontros através das trocas e da arte teatral, — ainda pouco presentes nos blocos da época — dizendo que essa origem “nasce do encontro de amigos [...] da reunião dos amigos que eram teatros” (informação verbal)¹³.

Ao dissertar sobre a configuração de um propósito para o nascimento do bloco, assim como Juliano, a participante Bruna Anele também reforça neste propósito os

¹³ Informação fornecida por Juliano Barros em 1º jun. 2020. Vd. Quadro 1. Entrevista completa no Apêndice C.

motivos que deram origem ao bloco, caracterizando o Não Mexe como um coletivo de organização 100% horizontal, dando voz a todas as mulheres, sem distinções (informação verbal)¹⁴. Por outro lado, Juliano descreve a origem e propósito da Laje como um período em que ocorria uma necessidade compartilhada entre os jovens de “retomar o espaço das ruas, [...] passando pelos espaços públicos como espaços de resistência e de encontro social, trazendo esse encontro pras praças, pra rua em forma de celebração e manifestação...” (informação verbal)¹⁵, esse período é justamente citado no referencial teórico deste estudo em que a autora Fernandes (2019, p. 20) caracteriza o contexto social e político do Brasil após a ditadura chamando-o de “retomada carnavalesca”, cujo os movimentos sociais e culturais acompanhavam a redemocratização do país. Nessa perspectiva, o entrevistado Juliano também complementa: “o nascimento do bloco está [...] abraçado com o momento político que vivíamos naquela época que eram as ocupações das ruas, [...] um espaço de resgate da identidade do próprio carnaval de Porto Alegre” (informação verbal)¹⁶.

A última subcategoria sobre as características que envolvem o funcionamento da organização interna dos blocos, verificam-se algumas diferenças na estrutura de organização de cada bloco. De acordo com Bruna Anele, o Não Mexe é um coletivo horizontal, ou seja, delibera quaisquer decisões do bloco através de assembleias com todas as participantes, contudo também possui grupos de coordenação, chamados de Grupos de Trabalho (GTs) que possuem autonomia para escolhas mais amplas do coletivo (informação verbal)¹⁷. Por outro lado, o Bloco da Laje segue dois tipos de organização, que foram chamadas de “organização principal” e “Laje in Concert” pelo entrevistado, esta primeira configura toda a macro organização do bloco, contemplando os brincantes, cantantes, musicistas, direção de arte e direção artística, já o Laje in Concert é um formato de show do blocos, composto por direção artística, direção musical, brincantes e musicistas em número reduzido que representam todo o bloco em apresentações de âmbito nacional paralelas ao cortejos que ocorrem ao decorrer do ano.

¹⁴ Informação fornecida por Bruna Anele em 2 jun. 2020. Vd. Quadro 1. Entrevista completa no Apêndice C.

¹⁵ Cf. Nota 13.

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Informação fornecida por Bruna Anele. Cf. Nota 14.

Percebe-se que a forma de organização do bloco Não Mexe constitui mais semelhanças com o sistema de organização de um movimento social, ao passo que determina as suas escolhas através de encontros que envolvem todas as integrantes do coletivo. Este é um espaço que pode favorecer a contribuição da prática de relações públicas comunitárias, que de acordo com Kunsch e Kunsch (2007, p. 172) é um profissional que utiliza de ações que incentivam e articulam as trocas sociais, envolvendo-se nesses espaços de maneira que contemple as necessidades coletivas através de estratégias que favoreçam um impacto positivo naquele espaço.

As informações presentes no Quadro 2 trazem destaques das respostas dos entrevistados referentes a questões pertinentes aos processos de comunicação, às subcategorias “ferramentas de comunicação iniciais” e “presença nas redes sociais” foram importantes para compreender algumas estratégias de comunicação que os integrantes que compõe os blocos utilizam para dialogar com os participantes que os acompanham e o público externo. Já a subcategoria “participação em ações e programas sociais” teve como objetivo entender o vínculo dos blocos de rua com o viés social e colaborativo através das suas ações e/ou apoio à programas sociais da cidade, entendendo que esta é uma característica que os aproxima das características que configuram os movimentos sociais.

Quadro 2 - Destaques das entrevistas com representantes dos blocos acerca dos processos de comunicação junto ao público participante e ações sociais

Entrevistados	Ferramentas de comunicação iniciais	Presença nas redes sociais	Participação em ações e programas sociais
Bruna Anele (Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só)	“Quando eu entrei no bloco a gente só tinha uma página no Facebook e outras pessoas cuidavam disso, a gente tinha uma assessoria de imprensa bem forte, mas redes sociais bem fracas e agora é o oposto, muito porque mudaram e entraram novas pessoas. [...] A gente sempre fez eventos das nossas saídas anuais no Facebook também e postava algumas discussões e manifestações por lá [...]”	“[...] atualmente a gente utiliza mais o Instagram, já que é uma rede que cresceu bastante nos últimos anos. As mulheres do bloco que movimentam as temáticas que nós vamos levar para o público, [...]”	“Existe a nossa relação com a presença em eventos, às vezes nos convidam para eventos fechados, atos públicos. A gente também se coloca [...] em eventos que fazem sentido para a gente. [...] Tem muito a ver com o que a gente defende, [...] A gente geralmente avalia se os valores daqueles espaços, programas, ações que casam com os nossos e propõe pro coletivo para decidir o que vamos apoiar”.

Continua

Continuação Quadro 2

Juliano Barros (Bloco da Laje)	“[...] a comunicação é muito atemporal, imagina a gente a 10 anos atrás, [...] Nem sei dizer se já tinha essa coisa de “confirmar presença no evento”, [...] Mas [...] com a advento da tecnologia, advento dos meios de comunicação, das redes sociais também nos “sufocaram” quanto bloco. [...] era uma coisa meio boca a boca também porque a gente também estava num momento muito forte dos encontros nas ruas, tinha um movimento de rua muito forte, a gente queria conhecer os artistas, a gente estava interessado em saber quem tocava instrumentos, a gente estava interessado nessa troca de informação.”	“Hoje a gente tem 30 mil seguidores no Instagram e no Facebook e tem o pessoal que é da comunicação que administra mais as páginas, faz as postagens mais diárias, mas sempre focada no que o coletivo tá vibrando. [...] Quem faz as nossas artes, publicações no Instagram, por exemplo, é a gente mesmo, o coletivo Bloco da Laje, pessoas que tem mais afinidade com a criação de conteúdo [...]”	“[...] a gente está muito atento às questões sociais porque a gente acredita que também o que a gente faz na rua é uma grande ação, uma grande contribuição, [...] A gente já fez ensaios na ocupação Saraí, várias ocupações e pontos de referência, como o Areal do Baronesa pra fazer uma imersão nesses espaços, mas sem aquela questão assistencialista, mas mais pra fazer uma troca imaterial mesmo. O que se afina com a ocupação do espaço público e a resistência cultural as nossas bandeiras estão perto.”
-----------------------------------	--	---	--

Fonte: elaborado pela autora.

Na subcategoria “ferramentas de comunicação iniciais” foi solicitado aos entrevistados comentar sobre alguns meios de comunicação que utilizaram na sua trajetória, principalmente nos anos iniciais dos blocos, para entender sobre algumas condições que favoreceram a expansão destes em Porto Alegre. O entrevistado Juliano (Bloco da Laje) ressalta que a expansão dos meios de comunicação e, principalmente, das redes sociais foram fatores que “sufocaram” o bloco que desde a sua origem favorecia os “encontros presenciais” pelas ruas da cidade (informação verbal)¹⁸. Nesse sentido, ele reafirma circunstâncias citadas anteriormente (Quadro 1 - subcategoria: surgimento) em que os integrantes do bloco estavam mais interessados em ocupar as ruas, bares e espaços públicos da cidade, ao dizer que:

¹⁸ Informação fornecida por Juliano Barros em 1º jun. 2020. Vd. Quadro 2.

[...] era uma coisa meio boca a boca [...] porque a gente também estava num momento muito forte dos encontros nas ruas, [...] a gente queria conhecer os artistas, a gente estava interessado em saber quem tocava instrumentos, a gente estava interessado nessa troca de informação. (informação verbal)¹⁹

Esta fala relaciona-se a reflexões estabelecidas pelos autores deste estudo, em que Damatta (1997, p. 58) retrata a rua no período de carnaval com um local de encontros, espaço comum, inclusive, entre os movimentos sociais e o carnaval de rua em que se pode presenciar nas trocas a partilha de conhecimentos e reconhecimentos mútuos entre grupos sociais.

Em contraponto, Bruna (Não Mexe) lança um olhar mais voltado para as redes sociais do bloco e a precariedade inicial da estrutura e alcance nestas redes, apesar de contar com uma “assessoria de imprensa muito forte” (informação verbal)²⁰. Porém, ressalta a rápida mudança neste cenário com o ingresso de novas participantes e suas contribuições nos canais de comunicação.

Ao comparar as respostas dos entrevistados nessa categoria é importante observar os diferentes períodos que eram vivenciados, ao passo que em 2012 ocorria a retomada de um maior número de jovens ingressando às ruas de Porto Alegre, novos blocos de rua também estavam se originando, entre eles, o Bloco da Laje. Após cinco anos, com o início do Não Mexe, em 2016, os blocos de rua já estavam mais consolidados na cidade e as redes sociais também estavam ainda mais tangíveis para a população em geral.

Na subcategoria “presença nas redes sociais” ambos os entrevistados citam a rede social Instagram como a de maior alcance entre o seu público e enfatizam que o conteúdo desses espaços são administrados pelos próprios integrantes e que andam lado a lado com as intenções e desejos que representam o bloco, quando a entrevistada Bruna (Não Mexe) ressalta “[...] a gente utiliza mais o Instagram, já que é uma rede que cresceu bastante nos últimos anos. As mulheres do bloco que movimentam as temáticas que nós vamos levar para o público [...]” (informação verbal)²¹, enquanto Juliano (Bloco da Laje) afirma:

[...] tem o pessoal que é da comunicação que administra mais as páginas, faz as postagens mais diárias, mas sempre focada no que o coletivo tá

¹⁹ Ibidem.

²⁰ Informação fornecida por Bruna Anele em 2 jun. 2020. Vd. Quadro 2.

²¹ Informação fornecida por Bruna Anele em 2 jun. 2020. Vd. Quadro 2.

vibrando. [...] Quem faz as nossas artes, publicações no Instagram, por exemplo, é a gente mesmo, o coletivo bloco da laje [...]”. (informação verbal)²²

Nessa relação pode-se perceber que ambos os coletivos se manifestam nas redes sociais em que estão presentes, conferindo valor e equilíbrio entre os seus ideais e posicionamentos no meio virtual.

A subcategoria “participação em ações e programas sociais” traz respostas que instigaram os entrevistados a dissertar sobre as ações e programas sociais dos quais apoiam ou participam, seja através de posicionamentos em meios de comunicação virtuais ou apresentações presenciais. Ao responder sobre esse assunto, ambos os entrevistados afirmam que os blocos estão atentos às movimentações sociais e políticas que ocorrem na cidade e que, por vezes, são convidados a participar de atos públicos ou eventos que defendem pautas semelhantes às que acreditam, porém, quando se diz respeito a presença física nesses espaços, possuem algumas diferenças.

O bloco Não Mexe diz que irão participar destes espaços de diferentes formas, e que estas são definidas coletivamente em assembleias, podendo ser configuradas com as integrantes sustentando faixas e/ou bandeiras, apenas vestindo a camiseta oficial do bloco ou realizando apresentações musicais. Enquanto, o Bloco da Laje se faz presente, na maioria das vezes, através de manifestações artístico-musicais características do bloco.

Os dois entrevistados também afirmam que avaliam a sua participação nesses espaços através das pautas que defendem, no momento que Bruna (Não Mexe) diz “[...] A gente geralmente avalia se os valores daqueles espaços, programas, ações casam com os nossos e propõe pro coletivo para decidir o que vamos apoiar” (informação verbal)²³. O representante do Bloco da Laje, Juliano, também reflete sobre o tema, afirmando que “[...] O que se afina com a ocupação do espaço público e a resistência cultural as nossas bandeiras estão perto” (informação verbal)²⁴. É possível perceber que essa relação também ocorre ao passo que os integrantes dos blocos de rua independentes também participam dos cenários políticos da cidade, trazendo suas ideias e posicionamentos para dentro do bloco, reverberando, assim, no seu posicionamento sociopolítico.

²² Informação fornecida por Juliano Barros em 1º jun. 2020. Vd. Quadro 2.

²³ Informação fornecida por Bruna Anele em 2 jun. 2020. Vd. Quadro 2.

²⁴ Informação fornecida por Juliano Barros em 1º jun. 2020. Vd. Quadro 2.

Nessa perspectiva, compreende-se que esta aproximação que se dá entre o apoio/presença dos blocos de carnaval de rua e os programas/ações sociais da cidade estabelece um vínculo destes junto aos movimentos sociais que tiveram crescimento em Porto Alegre nos últimos anos. Tais movimentos, de acordo com Gohn (2015, p. 30), passaram a ter um caráter mais amplo a partir de 1990 até os dias atuais, trazendo pautas mais universais e aproximando novos tipos de públicos que não somente se identificam com ideologias político-partidárias, mas também que se mobilizam através de sentimentos utópicos e possibilidades variadas de estabelecer ações compartilhadas.

Assim, vemos esses dois blocos de rua não estabelecendo relações de caráter político-partidários, porém se fazendo presentes em manifestações que condizem com as suas crenças e princípios que serão interpretados com maior profundidade no quadro seguinte.

Quadro 3 - Destaques das entrevistas com representantes dos blocos acerca de posicionamentos e discursos

Entrevistados	Principais crenças e valores transmitidos	Definição de manifestações e discursos musicais	O bloco como um movimento social
Bruna Anele (Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só)	“[...] atualmente a gente defende a questão da mulher e do feminismo, principalmente com relação a liberdade do corpo e a mulher como dona do seu corpo, [...] a defesa da ocupação do espaço público com segurança para a mulher principalmente e a valorização do espaço público enquanto espaço de construção e lazer. Também a defesa da cultura e da arte [...]”	“[...] a gente escolhe músicas [...] que o coletivo gosta e acha importante de serem tocadas [...] músicas que a gente acha relevantes pela mensagem que elas transmitem, [...] a gente nunca vai trazer nenhuma música que desrespeite a mulher, nem traga letras que tragam uma divisão, uma hierarquia de gênero, nada desse tipo.”	“[...] integrantes que estão ali [...], cobram isso do bloco e fazem questão de levantar isso [...] o bloco enquanto coletivo político. [...] a gente escolhe se posicionar dessa forma, levantar bandeiras, participar de eventos que também levantam bandeiras das quais a gente concorda.”

Continua

Continuação Quadro 3

<p>Juliano Barros (Bloco da Laje)</p>	<p>“[...] a brincadeira, de novo o nosso estandarte maior, entende que a revolução se dá através do brincar, do olho no olho, do jogo. [...] a gente sempre instiga as pessoas a criarem as suas fantasias a partir de um outro contexto, mais lúdico, mais instintivo do que pré-determinado. [...] Então talvez esse posicionamento social se dá pela liberdade, é que as pessoas tenham a liberdade de se expressar, de ser quem elas são e que se manifestem com toda a sua essência e que isso seja respeitado nesse ambiente que a gente tá, num círculo sagrado de brincadeira, do carnaval brinçalhão.”</p>	<p>“A narrativa das nossas músicas é criada muitas vezes quando a gente está num churrasco, na laje do amigo, [...] e [...] alguém falou alguma coisa e outro fala outra coisa e daqui a pouco virou uma cantiga, sabe? [...] O que era uma brincadeira vira uma música, [...] as músicas é que vão unificar o nosso grito coletivo [...]. A gente anuncia essas questões de comportamento social, das questões de gênero, de raça, mas tem muitas pautas que a gente ainda não consegue alcançar e tem consciência disso, mas existe um grito coletivo, uma força que nasce da coletividade.”</p>	<p>“[...] o Bloco da Laje é um coletivo social e tem se apresentado assim, ele se apresentou também como uma consequência de uma ação social, a ações que a gente se desenvolveu ao longo desses 10 anos me faz afirmar que sim, somos um coletivo, e o formato que esse coletivo tem? Estamos descobrindo.”</p>
---	---	--	--

Fonte: elaborado pela autora.

O Quadro 3 destaca e sintetiza as respostas dos representantes dos blocos sobre como se estabelecem os posicionamentos e discursos expressados pelos blocos de rua, através de suas ações sociopolíticas, canções e manifestações artísticas. Na primeira subcategoria “principais crenças e valores transmitidos” o entrevistado Juliano (Bloco da Laje) diz que a principal referência que o Bloco da Laje transmite está na “defesa do brincar”, quando afirma que “[...] o nosso estandarte maior entende que a revolução se dá através do brincar, do olho no olho, do jogo [...]” e diz que o posicionamento social do bloco ocorre, principalmente, através de vivenciar o carnaval com liberdade para “ser quem é”, afirmando que o bloco é um espaço em que as pessoas devem manifestar quem são com toda sua essência e que “[...] isso seja respeitado nesse ambiente que a gente tá, num círculo sagrado de brincadeira, do carnaval brinçalhão” (informação verbal)²⁵.

²⁵ Informação fornecida por Juliano Barros em 1º jun. 2020. Vd. Quadro 3.

Para a entrevistada Bruna (Não Mexe) a principal “defesa” do bloco está em na “[...] questão da mulher e do feminismo, principalmente com relação a liberdade do corpo e a mulher como dona do seu corpo [...]” (informação verbal)²⁶, isto é, o bloco posiciona-se predominantemente dessa forma, sendo o primeiro bloco de carnaval composto apenas por mulheres em Porto Alegre, demonstrando importância em referenciar o discurso feminista e o empoderamento de todas as mulheres. Além disso, os dois entrevistados citam as suas predisposições em defender a ocupação dos espaços públicos da cidade e fazer destes locais não apenas de festas e diversão, mas também de construção e partilha de ideais mútuos. Estas são características de alguns blocos de rua independentes que, como no caso destes dois blocos, transformando os blocos em tipos de grupos sociais que conduzem dinâmicas socioculturais nos espaços que ocupam. Segundo Brant (2009, p. 32): “As dinâmicas socioculturais surgem como possibilidades concretas de ampliar o espaço público e oferecer novas dinâmicas de socialização e participação nas decisões da comunidade e da sociedade como um todo”. Ou seja, estabelece nesses espaços uma democracia direta, resultante de uma teia de diálogos e conversações.

Na subcategoria “definição de manifestações e discursos musicais” os entrevistados foram convidados a discorrer sobre a escolha das letras das canções cantadas e instrumentalizadas em seus cortejos, como as criam, quais são suas influências e motivações para fazer parte do repertório do bloco. No caso do Bloco da Laje, o cofundador Juliano diz que as músicas, assim como a sua origem e suas crenças, nascem da brincadeira e do encontro entre os integrantes. Favorecem as pautas que se relacionam com questões raciais, feministas, comportamentais aos quais defendem, mas que também acreditam que ainda existam outras pautas aos quais querem manifestar, mas ainda não conseguiram alcançar, como a diversidade de gênero, por exemplo (informação verbal)²⁷. Para Bruna (Não Mexe), a principal motivação para as canções são o respeito às mulheres, escolhendo canções que não transmitam nenhum tipo de divisão ou hierarquia de gênero; além disso, o bloco também apresenta em seus cortejos readaptações de canções de conteúdos machistas que já existem (informação verbal)²⁸.

²⁶ Informação fornecida por Bruna Anele em 2 jun. 2020. Vd. Quadro 3.

²⁷ Informação fornecida por Juliano Barros em 1º jun. 2020. Vd. Quadro 3.

²⁸ Informação fornecida por Bruna Anele em 2 jun. 2020. Vd. Quadro 3.

Nesse contexto, pode-se inserir a reflexão da autora Gohn (2015, p. 21), ao tratar os movimentos culturais do século XXI, é citada no referencial teórico deste estudo e ressalta que “a grande maioria dos movimentos culturais originaram-se por volta de 1990, com jovens que, através da música e da arte, davam voz a temas de protesto”, esta é uma das influências determinantes para os blocos de rua independentes que nascem em Porto Alegre nos últimos dez anos.

A última subcategoria do Quadro 3 chamada de “o bloco como um movimento social” traz síntese das respostas que questionaram aos representantes dos blocos sobre acreditarem ou não que bloco de carnaval pode ser visto também como um coletivo/movimento social. Os dois entrevistados assemelham-se em suas respostas ao afirmar que considerar os respectivos blocos que representam como coletivos sociopolíticos, ao passo que se apresentam, dessa forma, ao “levantar bandeiras” que defendem em seus discursos e posicionamentos. Ao estabelecerem canções e expressões artísticas com discursos que dialogam com questões sociopolíticas da sociedade, os blocos de rua independentes caracterizam dinâmicas socioculturais nestes espaços que ocupam, que como referenciado por Brant (2009, p. 32) irão surgir como

[...] possibilidades concretas de ampliar o espaço público e oferecer novas dinâmicas de socialização e participação nas decisões da comunidade e da sociedade como um todo. Uma democracia direta, porém, resultante de uma teia de diálogos e conversações.

A fim de aprofundar questões referentes aos posicionamentos dos blocos de rua independentes e suas relações sociopolíticas nos espaços compartilhados em que se fazem presentes, os quadros seguintes apresentam percepções de frequentadores destes blocos, entre eles estão os foliões que apenas participam dos ensaios e cortejos dos blocos, e musicistas que também estão envolvidos nos coletivos tocando instrumentos e participando de eventuais ações sociais destes.

5.3.2 Entrevista com foliões e musicistas

A seguir, apresenta-se três quadros com a síntese dos dados e análise dos resultados das entrevistas realizadas com nove foliões e musicistas que frequentam o Bloco da Laje e o bloco Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só. Esses responderam a oito questões, inicialmente sobre o seu ingresso nos blocos de rua, há quanto tempo frequentam, como descobriram sua existência, e as suas percepções e

sentimentos ao participar destas manifestações artísticas (destaques no Quadro 4). Em sequência, responderam sobre a identificação de elementos de comunicação e seus conhecimentos sobre ações/programas sociais que os blocos estão envolvidos (destaques no Quadro 5). Também foram questionados sobre as suas percepções de relações sociopolíticas presentes ou não nestes espaços, suas opiniões sobre este tema, compartilhando se houveram mudanças no seu pensar/agir sob um viés sociopolítico e as possíveis razões pelas quais se sentem motivados a participar destes blocos de rua (destaques no Quadro 6). As questões destas entrevistas e suas transcrições podem ser consultadas na íntegra nos Apêndices B e D.

Quadro 4 - Destaques das entrevistas com foliões/musicistas acerca do momento de ingresso e percepções gerais.

Entrevistados	Tempo de frequência	Descoberta	Sentimentos ao participar
Bárbara (foliã e musicista no bloco Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só)	“Desde que iniciaram.”	“Círculo de amizade da faculdade e movimento estudantil.”	Me identifiquei com o Não Mexe porque se dizia feminista, fazia sentido pra mim, me senti convocada. Me senti bem em ambos, [...] espaço de proteção”
Pedro (folião e musicista no Bloco da Laje)	“A Laje desde 2014 e o Não Mexe desde a primeira saída (2016).”	“Através de contatos na área da música, [...] os músicos que me levaram nos blocos.”	“[...] fui esperando pelas músicas e no fim me senti refletindo sobre as informações, porque ambos traziam cargas políticas [...]. Não é que nem outros blocos que tu vais só pra brincar.”
Israel (folião e musicista no Bloco da Laje)	“Há três anos.”	“[...] pelas redes de amigos da residência e pelas redes sociais.”	[...] à vontade com o calor das pessoas, na multidão... me senti confortável e acolhido.”
Marjorie (foliã e musicista no bloco Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só)	“O Não Mexe desde 2016, desde a primeira saída, [...] a Laje desde 2015.”	“Através da rede de amigos da faculdade, do grupo de assessoria popular (SAJU) [...]”	No Não Mexe foi muito massa, foi maravilhoso! A saída foi um evento que eu me planejei de ir [...], eu ri e chorei, foram muitos sentimentos ao mesmo tempo e todos eles dentro do aspecto da euforia, prazer e liberdade! Na Laje eu lembro [...] de ficar muito emocionada, [...] eu não sabia que ia ser tão catártico...”

Continua

Continuação Quadro 4

Jully (foliã)	“Desde 2018.”	“[...] através de pessoas do meu trabalho que frequentavam [...]”	“Me senti super bem, as pessoas, a música, estar perto das pessoas, quanto mais perto das pessoas, melhor!”
Lafayette (folião)	“Não mexe eu conheci a uns dois anos e a Laje eu [...] comecei a frequentar mais a dois anos também.”	“Ambos eu conheci por amizades da graduação e pelo coletivo Afronte, que eu participo [...]”	“[...] me senti muito tranquilo, seguro, acolhido demais pelas pessoas [...]”
Vitória (foliã)	“No Bloco da Laje fui nas duas últimas saídas e no Não Mexe as fui em uma saída.”	“A Laje eu descobri assim que cheguei em Porto Alegre, com um grupo de amigas do trabalho [...] e o Não Mexe foi depois [...] eu conheci através das meninas que moram comigo [...]”	“A Laje [...] eu me senti super à vontade. Me senti super acolhida, me senti muito em casa e sem aquelas preocupações que a gente como mulher tende a ficar muito atenta [...]. No Não Mexe eu fiquei tipo “isso é real?” eu não sei explicar, é um bloco só de mulheres, com letras voltadas para essa pauta e tudo muito lindo, organizado [...] me deu muita força pra seguir nesse caminho que a gente já conhece as lutas.”
Matheus (folião)	“O Bloco da Laje faz uns 4 anos e o Não Mexe eu fui só uma vez.”	“Soube através do facebook e dos meus amigos da faculdade e do colégio.”	“A primeira vez que fui na (saída do Bloco da) Laje fiquei impressionado, uma galera alternativa, muito alegre e interagindo. Os dois blocos com essa energia semelhante, os dois com uma energia boa!”
Emilyn (foliã)	“O Não Mexe desde que começou (2016) e a Laje a uns cinco anos.”	“Meus amigos da faculdade já participavam e me chamaram.”	“É algo que sempre que me toca muito, me sinto sempre bem acolhida [...]”

Fonte: elaborado pela autora.

O Quadro 4 apresenta os destaques e a síntese das respostas dos participantes dos blocos, resgatando o período em que conheceram estes espaços e como chegaram nestes, além de identificar o que sentiram ao estarem inseridos no

ambiente de cortejos. Na primeira subcategoria, “tempo de frequência”, percebe-se períodos bem variados do tempo que frequentam os blocos, não existindo um padrão entre os entrevistados. Na subcategoria seguinte, “descoberta”, cinco dos nove entrevistados citam os colegas e amigos estabelecidos em suas faculdades como os espaços comuns em que foram apresentados aos blocos e convidados a participar. Além destes, duas entrevistadas, July e Vitória, citam o seu local de trabalho, enquanto Israel e Matheus também citam as redes sociais dos blocos e Pedro o ambiente da música ao qual já estava inserido como locais que tiveram conhecimento da existência dos dois blocos. Aqui é possível perceber que a proposta inicial do Bloco da Laje, citada pelo cofundador Juliano nos quadros anteriores, em definir-se como um bloco encontros que se estabelecem através das “trocas físicas, do boca a boca e do olho no olho” (informação verbal)²⁹ estão parcialmente presentes, ao passo que oito dos nove foliões conheceram os blocos através de conversas com outras pessoas, porém, não necessariamente, no espaço que configuram as ruas da cidade.

Na subcategoria “sentimentos ao participar” os entrevistados expressam como se sentiram recepcionados ao ingressar pela primeira vez nos blocos Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só e Bloco da Laje. Pelo menos quatro entrevistas citam um sentimento em comum: acolhimento. Enquanto outros participantes também ressaltam sensações de conforto e segurança, podendo ver essa síntese expressa na fala da foliã e musicista Marjorie, que descreve a sua participação pela primeira vez no Não Mexe como um misto de emoções calorosas e estimulantes, dizendo: “[...] foram muitos sentimentos ao mesmo tempo e todos eles dentro do aspecto da euforia, prazer e liberdade!” (informação verbal)³⁰. O folião e musicista, Pedro, também traz o aspecto das relações sociopolíticas que os blocos manifestam, citadas nos quadros anteriores, ao dizer “[...] fui esperando pelas músicas e no fim me senti refletindo sobre as informações porque ambos traziam cargas políticas [...] Não é que nem outros blocos que tu vais só pra brincar.” (informação verbal)³¹.

Nessas sínteses é possível reconhecer o bem-estar coletivo que estes espaços propiciam aos foliões entrevistados, que se reconhecem nos discursos e posicionamentos dos blocos, gerando uma identidade cultural e coletiva junto a este público participante. Como mencionado no referencial teórico, pode-se entender a

²⁹ Informação fornecida por Juliano Barros em 1º jun. 2020. Vd. Quadro 3.

³⁰ Informação fornecida por Marjorie em 4 jun. 2020. Entrevista completa no Apêndice D.

³¹ Informação fornecida por Pedro em 3 jun. 2020. Entrevista completa no Apêndice D.

identidade cultural na maneira em que grupos sociais identificam-se entre si e nos espaços que atuam, principalmente de acordo com seus princípios ideológicos, sociais e políticos. Sendo assim, para Beired e Barbosa (2010, p. 9) “a questão da identidade cultural não se encontra isolada de outros domínios da realidade, ao contrário, está vinculada à vida política”.

Quadro 5 – Destaques das entrevistas com foliões/musicistas acerca dos elementos de comunicação, ações e programas sociais

Entrevistados	Conhecimento de ações/programas sociais do bloco	Identificação de elementos de comunicação
Bárbara (foliã e musicista no bloco Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só)	“Sei que existe um vínculo com o coletivo Misturaí na função de ajudar e somar. Na Vila Planetário, Vila Conceição, Areal da Baronesa também participei de apresentações, oficinas, arrecadação de comida para a comunidade local.”	“As pessoas que circulam, trocas pessoais e virtuais, o que é dito me representa, é real!”
Pedro (folião e musicista no Bloco da Laje)	“Sei de ações com a Ocupação Mirabal, Misturaí, ações feitas no Areal da Baronesa, ações na rua apoiando manifestações e protestos...”	“[...] O bloco da laje tem uma comunicação muito eficaz pelas redes sociais, sempre que acaba o bloco eles têm registros e fotos e isso é muito bom para atrair e fidelizar o público com o bloco. [...] O Não Mexe tem essa questão de ser uma comunicação voltado para um tema muito importante que é o feminismo [...]. Nos dois blocos eu percebo o desafio de chegar em outros públicos para além da classe média.”
Israel (folião e musicista no Bloco da Laje)	“A Laje faz uma interface com a casa dos artistas rio-grandenses, de maneira geral os musicistas têm uma articulação com a Vila Planetário e o Não Mexe tem essa simbiose com o movimento feminista da cidade [...]”	“[...] Acho que a interface da cultura afro gaúcha, influências africanas que vieram pra cá é algo muito importante. Também uma conexão com a arte em geral, porque o pessoal mexe com o teatro, artes visuais [...]”

Continua

Continuação Quadro 5

Marjorie (foliã e musicista no bloco Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só)	“O Não Mexe [...] sei que tem muita proximidade com a Imperadores do Samba, dos ensaios rolarem lá, [...] sei que teve uma ação na Lomba do Pinheiro, não sei se foi junto com a associação de moradores, mas foi junto com as mulheres da Lomba do Pinheiro, [...] Outra ação foi feita em parceria com o Gerapoa na Vila Flores, teve uma oficina de percussão e uma apresentação do bloco [...]”	“No Bloco da Laje [...] é essa coisa do brincar e chamar as pessoas pra somar junto, não ter essa distinção de quem é artista e quem é brincante [...] A mistura de linguagem teatral musical e imagética e também muito relacionado a se pintar, a possibilidade de brincar e ser o que tu quiser. [...] Isso também se aplica ao Não Mexe [...] As letras das músicas também são elemento essencial, são essencialmente compostas e cantadas por mulheres e outras fazem respostas à músicas machistas, então eu acho que existe toda uma curadoria que se preocupa com isso, para serem músicas relevantes e que mexem com a gente...”
Jully (foliã)	“No Não Mexe, sei que existem porque vejo isso nas ações delas, na fala de mulheres, apresentação de teatro... Na laje, não conheço nenhum específico.”	“No Não Mexe, o posicionamento de mulheres específicas falando da realidade de outras mulheres, me emocionaram. Na laje, as cores do bloco.”
Lafayette (folião)	“O Bloco da Laje e o Não Mexe eu vejo alguma coisa que eles postam pelas redes sociais, eu sei que existem, mas não sei definir quais são.”	“A originalidade dos dois blocos, eles são muito presentes, tu vê e entendes o que está acontecendo, é mais do que “um trio que a menina sobe lá, canta e acaba”. A receptividade das pessoas também.”
Vitória (foliã)	“A Laje eu não sei, o Não Mexe sei dos ensaios na Vila Planetário em que ocorrem arrecadações e com as mulheres da ocupação Mirabal, em que tiveram eventos em que elas cobravam entrada e o dinheiro ia pra Mirabal A Laje eu sei de algo em que eles contrataram uma cooperativa na última saída do bloco para fazer a limpeza [...] e isso gerou renda para elas.”	“[...] o que o bloco representa, as letras das músicas que também trazem essa representação muito forte, dizer não pro machismo e essa representatividade nas letras e isso diz muito de quem são as pessoas que vão estar seguindo esse bloco, dificilmente as pessoas que estão ali vão agir “escrotamente” [...] é muito mais tranquilo de se ir do que num bloco tradicional em que as músicas estão lá reproduzindo e reforçando o discurso do machismo.”
Matheus (folião)	“Não sei, eu acredito que já vi algo sobre, mas não sei dizer algum específico.”	“Os eventos em si, eu sempre me diverti muito! Eles terem músicas autorais e ter uma proposta orgânica, isso é algo que me chama atenção.”

Continua

Continuação Quadro 5

Emilyn (foliã)	“Não sei dizer quais específicos, mas sei que existem.”	“Acho que pelas músicas, pelas energias, pelas pessoas que compõem, acho que é unidade só, não tem como fazer uma distinção dos foliões e da galera que toca, é como se fosse um grupo mesmo, um movimento social dentro desse contexto, mas através da arte...”
----------------	---	--

Fonte: elaborado pela autora.

Ao analisar as informações do Quadro 5, na subcategoria “conhecimento de ações/programas sociais do bloco” percebe-se que todos os participantes não detêm a clareza de ideias sobre quais são as ações e/ou programas sociais aos quais os blocos estão vinculados.

Porém, os quatro foliões e musicistas entrevistados citam alguns espaços da cidade aos quais já acompanharam ações comunitárias sendo realizadas, como ensaios do Bloco da Laje em locais de matriz africana, como o Areal da Baronesa, arrecadação de alimentos e roupas para ocupação de mulheres Mirabal e oficinas gratuitas do Não Mexe na Vila Planetário, e a recente campanha, apoiada pela maioria dos blocos de rua independentes da cidade, em apoio à ONG Misturaí para arrecadação de alimentos, roupas, materiais de higiene e auxílio financeiro para pessoas em situação de vulnerabilidade social de Porto Alegre durante o período de isolamento social. O desconhecimento por parte dos frequentadores das ações sociais as quais os blocos vinculam-se é um espaço em que a comunicação comunitária e relações públicas comunitárias podem contribuir, atribuindo ferramentas e estratégias comunicacionais que confirmam maior visibilidade e mobilização através de redes de contato.

Nesse sentido relatado, de acordo com Peruzzo (1998, p. 157), mencionada no estudo, a prática da comunicação comunitária também pode atuar em espaços diferenciados:

“[...] espaços para a transmissão de produtos da cultura e da criatividade presentes na música, na canção, no desenho, na literatura, na poesia, na dramatização teatral [...] e em outras manifestações da própria população, de pessoas da localidade, que assim tem onde se expressar”.

Ou seja, a atuação da comunicação comunitária estabelece espaços de transmissão e reconhecimento às necessidades sociais e políticas da sociedade.

A subcategoria “identificação de elementos de comunicação” traz sínteses das respostas coletadas pelos participantes em relação aos elementos de comunicação que enxergam nos blocos de rua, podendo ser representados por músicas, canais de comunicação, projetos sociais que apoiam, entre outros. Os três participantes: Bárbara, Lafayette e Emilyn mencionam as pessoas que estão presentes nos blocos como um elemento de comunicação ao qual mais se identificam.

Ao fazer essa abordagem sobre o Bloco da Laje, por exemplo, a foliã Emilyn considera as pessoas que compõem como se fosse “uma unidade só” e nomeia o bloco com um “movimento social”, dizendo “[...] não tem como fazer uma distinção dos foliões e da galera que toca, é como se fosse um grupo mesmo, um movimento social dentro desse contexto, mas através da arte [...]” (informação verbal)³².

Quatro dos nove foliões entrevistados abordam elementos de comunicação presentes no posicionamento dos blocos, difundidos através das letras das canções. Para Vitória (foliã), esses posicionamentos, em sua maioria, também retratam características das pessoas que vão estar inseridas nesses espaços, ao falar sobre os cortejos do Não Mexe ela afirma que se identifica com o que o bloco representa, dizendo que:

[...] as letras das músicas que também trazem essa representação muito forte, dizer não pro machismo e essa representatividade nas letras, isso diz muito de quem são as pessoas que vão estar seguindo esse bloco [...] é muito mais tranquilo de se ir do que num bloco tradicional em que as músicas estão lá reproduzindo e reforçando o discurso do machismo. (informação verbal)³³

Em contraponto, o folião e musicista Pedro aponta as redes sociais de ambos os blocos como espaços eficazes para atrair e fidelizar o público junto ao bloco, porém ressalta que “Nos dois blocos eu percebo o desafio de chegar em outros públicos para além da classe média [...]” (informação verbal)³⁴. Esta dificuldade também é mencionada pelos representantes de ambos os blocos nos quadros anteriores em que “se autocriticam” em relação a representatividade e diversidades sociais. Este é

³² Informação fornecida por Emilyn em 7 jun. 2020. Vd. Quadro 5. Entrevista completa no Apêndice D.

³³ Informação fornecida por Vitória em 6 jun. 2020. Vd. Quadro 5. Entrevista completa no Apêndice D.

³⁴ Informação fornecida por Pedro em 3 jun. 2020. Vd. Quadro 5.

considerado um ponto que carece de fortalecimento em seus coletivos, como pautas que ainda precisam ser expressadas.

Exemplos dessas pautas a serem fortalecidas são: a diversidade de gênero (mencionada por Juliano Barros, representante do Bloco da Laje), e a diversidade racial (mencionada por Bruna Anele, representante do bloco Não Mexe); além de discussões sobre a maior presença em ações sociais junto a comunidade popular ingressando em outros espaços da cidade, para além da região central, a fim de contribuir com uma maior diversidade em seu público.

Nessa perspectiva, é possível, mais uma vez, verificar a atribuição de relações públicas comunitárias nesses espaços em que os autores Kunsch e Kunsch (2007, p. 129) descrevem o profissional aquele que se capacita na técnica humana do trabalho com grupos sociais: “o profissional deve capacitar-se técnica e humanamente para o trabalho na comunidade, cultivando conscientemente a solidariedade humana e tendo a ética como um princípio basilar”.

O Quadro 6 sintetiza as respostas dos entrevistados sobre as relações sociopolíticas que encontraram ao iniciar a sua participação nestes espaços, na subcategoria “percepção de relações sociopolíticas”, foram discutidas as relações sociopolíticas que os participantes identificaram nas ações, mensagens e discursos em que os blocos se manifestam.

Quadro 6 - Destaques das entrevistas com foliões/musicistas acerca das relações sociopolíticas

Entrevistados	Percepção de relações sociopolíticas	Mudanças pessoais no pensar/agir sociopolítico	Motivação para participar e reconhecimento nos blocos
Bárbara (foliã e musicista no bloco Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só)	“No Não Mexe é algo que a gente pensa muito, conversa, organiza coletivamente como vamos nos posicionar, tanto nas questões feministas, como nas questões de gênero, social, de classe...No Bloco da Laje identifico que (...) é bem posicionado, a dinâmica, pensando no vai que ser levado às ruas...”	“Não sei, foi a partir do bloco porque eu já vinha em uma construção política desde a minha graduação, mas no Não Mexe acho que o que problematizou mais no bloco foi o fato de falar de mulheres [...]”	“Me reconheço nesses espaços. [...] sensação de estar em casa, [...] para mim, individualmente, faz sentido esse momento de partilha e encontro [...]”.

Continua

Continuação Quadro 6

Pedro (folião e musicista no Bloco da Laje)	“O Não Mexe [...] me faz refletir sobre diversas coisas que a gente como homem branco realiza no cotidiano, levantando diversas questões que são abafadas e não são discutidas na sociedade, [...]. Bloco da Laje [...] vejo [...] uma preocupação super grande em garantir que existam diferentes discursos sobre gênero, racismo e temas contemporâneos e que eles sejam representados nos integrantes do bloco...”	“[...] é uma construção contínua. O Não Mexe me faz pensar muito... vejo a mudança [...] com relação a essas questões e percepções em relação às questões de gênero, homofobia... acho difícil uma pessoa que ingresse nesses espaços não mudar a sua percepção, visão de mundo, ao não ser que ela não saiba português.”	“Para além da música e impacto visual, as pessoas me motivam, o momento de convergência de pensamento entre todas as pessoas que estão ali naquele momento observando um discurso que está sendo dito. O que me atrai muito é presenciar os discursos e as mudanças que são feitas [...]”
Israel (folião e musicista no Bloco da Laje)	“[...] traz muitos debates nas músicas e nas performances, questionando o lugar da pessoa negra na cidade e (...) o lugar da mulher na cidade, como um todo. A Laje traz uma questão de identidade e território, quando demarca o local do ensaio aberto como um lugar protegido (antiga Colônia Africana).”	“Sim, eu tive outro “sentimento de pertença com a cidade” (...)Um diferencial para mim foi as pautas serem abordadas na rua com a arte porque eu já tinha esse olhar para essas questões que são abordadas nesses blocos.”	“Sim, eu sinto várias camadas de motivação, no exercício do meu eu artístico, na prática do instrumento musical (...) Eu reconheço a alegria como uma prática de sobrevivência, como a invenção de um novo mundo.”

Continua

Continuação Quadro 6

<p>Marjorie (foliã e musicista no bloco Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só)</p>	<p>“É impossível não perceber essa relação. Essa relação artística com o social político são pilares tanto em um como no outro. Eu vejo isso no Bloco da Laje ocupando antigos territórios negros da cidade, ocupando a rua com arte, falando sobre negritude, carnaval, territorialidade do carnaval... tem essas relações artísticas, políticas e sociais. A questão do gênero, a liberdade das sexualidades, nas manifestações quando o bloco se coloca [...] contra questões que são consenso entre seus membros.”</p>	<p>“No Não Mexe me senti mais propensa em estar em espaços enquanto um coletivo, não espaços novos, como protestos em atos, porque sempre fui e sempre compareci, mas enquanto indivíduo, não só quanto Marjorie, mas enquanto não mexer, deixei de ser uma pessoa só e passo a fazer parte de um coletivo. [...] Mas sobre mudar o jeito de pensar... como na minha trajetória eu já estive nesses espaços, não fez tanta diferença, meio que foi mais um espaço, mais uma camiseta que eu posso vestir.”</p>	<p>“O que me motiva é a sensação de pertencimento que existe, um coletivo muito grande que reverbera em muitos outros lugares. [...] Existe muita coisa para além da festa, realmente são espaços de sentir que estamos ocupando o espaço público com mensagens muito potentes, [...] recebendo e absorvendo essa mensagem de transformação sociopolítica por meio de uma linguagem artística e lúdica. É uma forma extremamente não violenta, extremamente empática de transmitir mensagens de cunho sociopolítico.”</p>
<p>Jully (foliã)</p>	<p>“Sim, as letras das músicas e ações que tocavam outras mulheres. Na laje, vejo isso nas músicas.”</p>	<p>“Sim, porque tive mais convivência com pessoas que conheci lá que me abriram a cabeça para vários pontos de vistas diferentes, consegui enxergar o outro a partir do “teu” ponto de vista. [...] Algumas pautas como homofobia e racismo só fizeram eu me aproximar desses espaços porque eu já defendia isso.”</p>	<p>“...me reconheço muito nos blocos, mas principalmente nas pessoas, o que me motiva é estar com pessoas, a construção do bloco que faz as pessoas fazerem parte daquele movimento, dar voz e visibilidade.”</p>

Continua

Continuação Quadro 6

Lafayette (folião)	“[...] tanto a Laje quanto o Não Mexe se posicionam nos canais de comunicação, [...] eles definem bem o que querem, botam em pauta e atraem esse público para os cortejos...”	“Não, porque eu já tinha as minhas raízes e meus embasamentos, então eu me reconheci nesses espaços porque faziam sentido pra mim.”	“Saber que ali é um discurso que tu concorda, que abrange todo mundo, me sinto acolhido, é um lugar que não vou ser julgado. Sei que mesmo assim acontecem casos de preconceito e assédio, [...] mas acontece muito menos nesses espaços do que em outros lugares.”
Vitória (foliã)	“Os dois blocos [...] têm a pauta da igualdade de gênero, liberdade de orientação sexual, o respeito a população negra [...] No Não Mexe as falas que trazem mulheres negras a gente vê essa representação no próprio bloco, na linha de frente. São lugares que acolhem as diferenças... a Laje [...] a gente vê sempre pessoas em situação de rua tocando instrumentos e se divertindo junto com a gente, não tem essa lógica higienista, tá ali pra se divertir, então vem!”	“[...] o Não Mexe me deu mais força, me fez entender que eu sou mulher e eu posso ser respeitada nesses espaços [...] Na Laje, ver a naturalidade das pessoas em situação de rua, catadores de resíduos recicláveis que trabalham, mas também curtem os blocos.”	“Por ser mulher, lésbica e estar no lugar que não fica só no discurso, me sinto representada! Então, sim, pros dois, me reconheço, principalmente no Não Mexe.”
Matheus (folião)	“Eles levantam bandeiras como liberdade, luta contra o conservadorismo, questões da cidade, uma crítica política bem forte nas músicas. No Não Mexe vejo essa relação em ter só mulheres no bloco que tocam e as músicas com várias releituras mais voltadas pro feminismo.”	“[...] eu fiquei mais cabeça aberta em questão de sexualidade, me senti mais à vontade nos ambientes. (...) deu uma certa desinibição, me importar menos com a opinião dos outros, não sinto julgamentos.”	“Não sei se eu me reconheço, mas eu apoio essas causas, é uma festa mais democrática, apesar dos dois reunirem mais gente da classe média, é algo democrático, qualquer um pode participar. O discurso das letras também traz algo que eu acredito [...]”

Continua

Continuação Quadro 6

Emilyn (foliã)	“[...] os blocos se posicionam muito politicamente [...] a própria [...] arrecadação financeira demonstra o que eles acreditam porque eles poderiam fazer que nem outros blocos tradicionais e viver do dinheiro da prefeitura pra sair, mas a própria saída mostra algo que eles acreditam. A participação das pessoas que vivem em situação de rua que tocam na Laje também, [...] O Não Mexe ensaiando em lugares de resistência, como o Odomodê e a Imperadores do Samba e apoiando a manutenção desses espaços.”	“Não, acho que ele amplia e dá visibilidade social na estrutura que a gente vive em sociedade, mas pessoalmente não me impactou, por eu já ter uma visão crítica da sociedade e das propostas coletivas em outros vieses e circular em outros espaços...”	“No Não Mexe ainda não me reconheço, por eu ser uma mulher negra, acho que falta representatividade racial dentro de um viés social, acho que as meninas ainda tem que avançar nisso. [...] Na Laje eu já consegui ver várias relações, [...] fui conseguindo perceber a mudança dentro do processo, tem representatividade, inclusive na banda que leva essa questão racial.”
----------------	---	---	--

Fonte: elaborado pela autora.

Analisando-se o Quadro 6, nota-se que nesta subcategoria todos os entrevistados citaram as relações percebidas através dos posicionamentos sociopolíticos dos blocos atrelados às pautas que abordam canções e representações artísticas presentes nos ensaios, shows e cortejos anuais. Para o folião e musicista, Pedro, o Não Mexe traz relações sociopolíticas nas suas canções à medida que aborda questões de hierarquia de gênero e luta pelos direitos das mulheres, ele ressalta que “O Não Mexe [...] me faz refletir sobre diversas coisas que a gente como homem, branco realiza no cotidiano, levantando diversas questões que são abafadas e não são discutidas na sociedade (...)” (informação verbal)³⁵.

Ainda sobre essas relações, os foliões e musicistas Israel e Marjorie percebem no Bloco da Laje a afirmação e defesa da cultura negra da cidade que, além das músicas, está presente com seus ensaios e parte dos trajetos de alguns cortejos de carnaval em locais da cidade que, historicamente, possuem influências afro gaúchas e que eram ocupados pela população negra de Porto Alegre, que como já mencionada neste estudo, foram os grandes responsáveis pelas raízes iniciais do carnaval popular na cidade. Essa relação é exemplificada em entrevista com o cofundador do Bloco da

³⁵ Informação fornecida por Pedro em 3 jun. 2020. Vd. Quadro 6.

Laje, Juliano, em que ele compartilha o “rebatismo” feito pelo bloco do antigo Recanto Europeu para o “novo” Recanto Africano, espaço em que realizam a maioria dos seus ensaios de carnaval dominicais, localizado no Parque Farroupilha (Redenção), no bairro Bom Fim, região da extinta Colônia Africana e que o bloco afirma, inclusive, em suas músicas, que o “recanto europeu sempre foi africano”, isto é, sempre pertenceu a população negra de Porto Alegre (informação verbal)³⁶. A participante Marjorie ressalta essa questão afirmando que é impossível não perceber relações artísticas com o social e político, dizendo “Eu vejo isso no Bloco da Laje ocupando antigos territórios negros da cidade, ocupando a rua com arte, falando sobre negritude, carnaval, territorialidade do carnaval...” (informação verbal)³⁷. Da mesma forma, o participante Israel essa analogia também está vigente, ele afirma que “A Laje traz uma questão de identidade e território, quando demarca o local do ensaio aberto como um lugar protegido (antiga Colônia Africana)” (informação verbal)³⁸.

O local de ensaios do bloco Não Mexe Comigo Que Eu Não Não Ando Só também é mencionado por Emilyn (foliã), que percebe uma relação sociopolítica ao citar: “O Não Mexe ensaiando em lugares de resistência, como o Odomodê e a Imperadores do Samba e apoiando a manutenção desses espaços” (informação verbal)³⁹. Estes dois locais citados que cedem os seus esses espaços para o coletivo ensaiar, mas que cotidianamente realizam festas e apresentações de samba e maracatu, favorecendo também as influências afro-brasileiros.

Além das percepções já citadas, a foliã, Emilyn também afirma sua percepção sob relações sociopolíticas na própria forma em que os membros dos blocos se organizam para poder realizar os seus cortejos nas ruas, afirmando:

a própria [...] arrecadação financeira demonstra o que eles acreditam porque eles poderiam fazer que nem outros blocos tradicionais e viver do dinheiro da prefeitura pra sair, mas a própria saída mostra algo que eles acreditam. (informação verbal)⁴⁰

Esta inclusive, é uma das características que configuram esses blocos como “independentes”, já que abrem mão de possíveis patrocínios de grandes marcas de cerveja, por exemplo, que com suas imagens e slogans interferem na identidade e

³⁶ Informação fornecida por Juliano Barros em 1º jun. 2020. Entrevista completa no Apêndice C.

³⁷ Informação fornecida por Marjorie em 4 jun. 2020. Vd. Quadro 6.

³⁸ Informação fornecida por Israel em 4 jun. 2020. Vd. Quadro 6.

³⁹ Informação fornecida por Emilyn em 7 jun. 2020. Vd. Quadro 6.

⁴⁰ Ibidem.

autonomia estética dos blocos. Esta escolha evita que o bloco torne-se um “produto consumido” pelo carnaval, ao qual é mencionado, no referencial teórico deste estudo ao retratar “a festa torna-se um produto a ser reproduzido tecnicamente, e consumido como mais uma dentre as formas de lazer ofertadas e elencadas por uma indústria cultural moderna, em busca de uma padronização estética e uma mercantilização incessante” (ADORNO⁴¹, 2002 apud DUARTE, 2013). Neste contexto, Juliano justificou essa escolha afirmando que o coletivo escolhe por não querer ter a sua imagem associada a uma marca de cerveja por uma escolha que envolve a estética e os princípios do bloco, dizendo:

[...] a gente não quer a nossa imagem associada a marca de cerveja (...) a gente prefere que esse financiamento seja feito pelas pessoas, seja feito pelos indivíduos, nós somos os seres transformadores, não é a Skol que está movendo aquilo ali, quem tá movendo aquilo ali, são os indivíduos [...]. (informação verbal)⁴²

Ainda sobre a primeira subcategoria, as duas foliãs, Emilyn e Vitória citam pessoas em situação de rua como relações sociopolíticas que enxergam ao presenciar os cortejos e ensaios do Bloco da Laje. Emilyn vê essa relação na “[...] participação das pessoas que vivem em situação de rua que tocam na Laje [...]”, enquanto Vitória diz que “A Laje [...] a gente vê sempre pessoas em situação de rua tocando instrumentos e se divertindo junto com a gente, não tem essa lógica higienista, tá ali pra se divertir, então vem!” (informações verbais)⁴³.

Nesse contexto, podemos referenciar os autores Hammes e Helfer (2001, p. 141) que dizem que “[...] O carnaval nos mostra uma sociedade onde as classes sociais desaparecem, as diferenças raciais não separam, a agonia da luta pela sobrevivência diária cede lugar à alegria da dança [...]”, ou seja, o carnaval de rua é espaço em que não deve existir distinção ou restrição entre os indivíduos que estão inseridos, estando aberto a participação de qualquer pessoa e proporcionando sentimentos compartilhados de diversão e liberdade.

Ao apresentar a subcategoria “mudanças pessoais no pensar/agir sociopolítico” entende-se que para pelo menos seis, dos oito, entrevistados a mudança nos seus pensamentos e ações foi parcial, a proporção que comentam que já colaboraram com outros espaços, antes dos blocos, que refletem e dialogam com pautas semelhantes

⁴¹ ADORNO, T. **Indústria cultural e sociedade**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

⁴² Informação fornecida por Juliano Barros em 1º jun. 2020. Entrevista completa no Apêndice C.

⁴³ Informações fornecidas por Vitória e Emilyn em entrevista. Vd. Quadro 6.

às levantadas, isto é, a sua aproximação gerou mais reconhecimento e favoreceu suas identidades às características daquele espaço do que aprendizados específicos.

Por outro lado, foliões também ressaltam o favorecimento de construções sociopolíticas pessoais, como comenta Jully: “[...] com pessoas que conheci lá que me abriram a cabeça para vários pontos de vistas diferentes [...]”. Pedro, folião e musicista também comenta: “[...] vejo a mudança [...] com relação a essas questões e percepções em relação às questões de gênero, homofobia [...]”. No mesmo sentido, Matheus ressalta que não presencia julgamentos nesses espaços, e sobre as suas mudanças ele diz: “[...] eu fiquei mais cabeça aberta em questão de sexualidade, me senti mais à vontade nos ambientes. [...] deu uma certa desinibição [...]” (informações verbais)⁴⁴.

Nessas sínteses analisadas percebe-se particularidades da influência do posicionamento sociopolítico dos blocos de rua independentes sob os públicos participantes, pois se tornam espaços compartilhados que aproximam pessoas com ideais semelhantes aos pautados em cortejos, mas também canalizam espaços de transformação e reflexão sobre a ótica de lutas identitárias e sociais. Esse entendimento é compreendido ao passo que encontra-se nesses espaços mais do que apenas “diversão”, mas também desejos de transformação social, contemplados pelos autores (HAMMERS; HELFER, 2001, p. 138) “aquilo que aparentemente era uma grande alienação, começou a ser visto como a manifestação de um grande desejo de mudança social”.

O Quadro 6 finaliza sua síntese com a subcategoria “motivação e reconhecimento nos blocos” em que os frequentadores foram convidados a estabelecer motivações que os incentivam a participar dos blocos de rua independentes, além da festa de carnaval, e também comentar se sentem representados por esses espaços.

Para os três foliões, Lafayette, Vitória e Matheus, os discursos presentes nas canções, manifestações artísticas e políticas dos blocos foram citados novamente como motivação para se fazer presente, discursos que despertam sentimentos relacionados a acolhimento e representatividade em que os entrevistados afirmam apoiar e reconhecer-se nestas pautas musicais. Contudo, ainda sobre se reconhecer, a foliã Emilyn afirma que apesar de frequentar há muito tempo ambos os blocos,

⁴⁴ Informações verbais fornecidas em entrevista. Vd. Quadro 6. Entrevistas completas no Apêndice D.

tardou a se enxergar representada nesses espaços, devido a ausência de pessoas negras ocupando espaços comuns, principalmente ao que se refere a cantantes e musicistas. Atualmente, ela afirma que já se sente representada no Bloco da Laje, mas no Não Mexe, diz que: “[...] falta representatividade racial dentro de um viés social, acho que as meninas ainda têm que avançar nisso [...]” (informação verbal)⁴⁵.

Ainda sobre esta última subcategoria, os três entrevistados, Bárbara, Pedro e Jully citam as pessoas que lá estão presentes como a principal motivação além da festa, reconhecem-se nestes espaços em que o principal canal de integração e construção se desenvolve através de da participação do movimento. Nessa perspectiva, em que a motivação se faz presente ao reconhecer-se em discursos e pessoas com sentimentos e ideais semelhantes, é que se configura a identidade cultural dos indivíduos junto aos blocos de rua independentes.

O autor Maia (2004, p. 3) conceitua o fenômeno da identidade cultural como questões que estão relacionadas “a maneira que os grupos sociais se identificam entre si e nos espaços que atuam, principalmente de acordo com seus princípios ideológicos, sociais e políticos”. Desta analogia, entende-se que a identidade cultural está vinculada ao “sentimento de pertencimento” coletivo entre os pares nestes espaços. Essa percepção pode ser observada pela participante Marjorie, ao afirmar que:

O que me motiva é a sensação de pertencimento que existe, um coletivo muito grande que reverbera em muitos outros lugares. [...] Existe muita coisa para além da festa, realmente são espaços de sentir que estamos ocupando o espaço público com mensagens muito potentes [...]. (informação verbal)⁴⁶

Concluída as sínteses e análises dos resultados, é fundamental destacar o valor da realização destas entrevistas para a constituição do presente estudo. Embora não possam ter seguido os formatos iniciais pré-definidas, devido às circunstâncias estabelecidas no cenário de isolamento, buscou-se dentro dos limites possíveis, que os entrevistados selecionados não seguissem um “padrão” de características e percepções individuais, permitindo uma maior amplitude de opiniões. Os resultados obtidos foram indispensáveis para aprofundar a compreensão em relação ao posicionamento dos blocos de rua independentes de Porto Alegre, resgatando suas características, suas influências sobre o público participante, analogias aos movimentos sociais e contribuições junto à comunicação comunitária.

⁴⁵ Informação fornecida por Emilyn em 7 jun. 2020. Vd. Quadro 6.

⁴⁶ Informação fornecida por Marjorie em 4 jun. 2020. Vd. Quadro 6.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente monografia teve como objetivo analisar a construção do posicionamento sociopolítico presente nos blocos de rua independentes Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só e Bloco da Laje em Porto Alegre, sendo estes objetos de estudo da pesquisa. Ao compreender esses ambientes coletivos como espaços que dialogam diretamente com os movimentos sociais e comunidades locais da cidade, compartilhando semelhanças com as pautas reivindicatórias e lutas identitárias características do público participante.

Através de entrevistas realizadas e da análise dos dados coletados, foi possível reconhecer os blocos de carnaval de rua independentes como tipos de movimentos sociais e culturais, estando as suas origens compartilhadas no período de redemocratização do país que, de acordo com dados históricos estudados e resultados obtidos em pesquisas, contemplaram um período de intensa presença dos indivíduos — em especial, jovens e estudantes —, nas ruas atuando junto a grandes transformações sociais. Diante disso, foi possível estabelecer os blocos de rua independentes atuais como novas representações artísticas que ocupam os espaços públicos na cidade através de relações sociopolíticas.

Além disso, entende-se que os processos e ferramentas de comunicação estabelecidos nos blocos trouxeram semelhanças aos processos que caracterizam as formas de organização de movimentos sociais e seus diálogos junto às comunidades locais. Assim, considerou-se que as práticas e ações exercidas pela comunicação comunitária contribuem para a organização desses espaços e que, junto a esta, as estratégias comunicacionais de relações públicas comunitárias também representam potenciais articuladores e facilitadores das trocas sociais presentes.

Em relação aos discursos estipulados nos coletivos, percebeu-se uma forte intenção em construir narrativas que estivessem de acordo com os ideais e crenças sociais relacionadas, principalmente, à valorização do espaço público, liberdade artística, manifestação cultural e diversidade. Esta última, intensamente representada em canções e manifestações artísticas dos blocos de rua, que pontuaram seus interesses associados à solidariedade e inclusão de pessoas em situação de vulnerabilidade social, diversidade de gênero, população LGBT, lutas contra o racismo e a favor do feminismo. Concluindo, que existe um posicionamento sociopolítico que, de acordo com as entrevistas realizadas, preza pela representatividade através das

suas manifestações artísticas, atuando e apoiando ações sociopolíticas da cidade. Esse entendimento foi encontrado nos espaços públicos, local em que ocorre maior parte dos cortejos e ensaios dos blocos de carnaval, sendo visto como representações que vão além do “brincar carnaval”, mas também ao encontro de fortes desejos de mudanças sociais.

Ademais, foi possível confirmar as influências destes discursos e posicionamentos sociopolíticos junto ao público participante devido às identidades coletivas e culturais que estiveram presentes. Por meio das entrevistas e análises realizadas, os grupos sociais identificaram-se entre si e nos espaços que atuavam junto aos blocos de rua e população local.

Conclui-se que o presente estudo foi fundamental para contribuir no resgate de memórias históricas e culturais da origem do carnaval de rua no Brasil e suas influências na cidade de Porto Alegre. Importou também para estabelecer relações entre o carnaval, a comunidade local e os movimentos sociais, em que suas características organizacionais dialogam entre si diante de vários aspectos e segmentos da sociedade. Ademais, este estudo enalteceu os espaços públicos como locais livres e sem restrições que, ao decorrer dos anos, atraem cada vez mais pessoas para ocupar as ruas e fortalecer trocas físicas e simbólicas.

Além de todas estas contribuições, o estudo também trouxe um olhar para a prática da comunicação comunitária que atua junto aos públicos e organizações a favor da transformação social, colaborando com o objeto estudado. Porém, ao discorrer sobre a área percebeu-se que ainda possui pouco reconhecimento no meio acadêmico, pois encontram-se estudos muito recentes e em número reduzido, quando comparados a outras áreas de relações públicas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Eduardo. Onde estão os negros do Rio Grande do Sul? **Correio do Povo**. Porto Alegre, p. 1-1. 20 nov. 2019. Disponível em:

<<https://www.correiodopovo.com.br/especial/onde-estao-os-negros-do-rio-grande-do-sul-1.381578>>. Acesso em: 06 de jun. de 2020.

ARANTES, Nélio. Pequena história do Carnaval no Brasil. **Revista Longevidade**: Revista Portal da Divulgação, São Paulo, Ano III, n. 29, p. 6-20, fev. 2013. Disponível em: <<http://revistalongevidade.com.br/index.php/revistaportal/article/viewFile/327/327>>. Acesso em: 24 de abr. de 2020.

BEIRED, José; BARBOSA, Carlos. **Política e Identidade Cultural na América Latina**. São Paulo: UNESP, 2010.

BRANT, Leonardo. **O poder da cultura**. São Paulo: Peirópolis, 2009.

BRASIL, Agência. Quase metade do planeta ainda não tem acesso à Internet, aponta estudo. **Exame**. São Paulo, 30 set. 2019. Disponível em: <<https://exame.com/tecnologia/quase-metade-do-planeta-ainda-nao-tem-acesso-a-internet-aponta-estudo/>>. Acesso em: 2 de mar. de 2020.

BRASIL, Agência. Um em cada 4 brasileiros não tem acesso à internet, mostra pesquisa. **Agência Brasil**. São Paulo, 29 abr. 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>>. Acesso em: 9 de jul. de 2020.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DUARTE, Ulisses Corrêa. A Cultura Carnavalesca Em Porto Alegre: O Espetáculo, A retórica e a Organização Da Festa. **O&S**, Salvador, v. 20, p. 165-182, 2013.

FERNANDES, RITA. **Meu bloco na rua**: A retomada do carnaval de rua do Rio de Janeiro. Brasil: Civilização Brasileira, 2019.

FLECK, Giovana. Colônia Africana: como teve início a remoção dos negros para a periferia de porto alegre. **Sul 21**. Porto Alegre, 2 abr. 2017. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/cidades/2017/04/colonia-africana-e-o-constante-afastamento-da-cultura-negra-em-porto-alegre/>>. Acesso em: 24 de abr. de 2020.

FORTES, Waldyr Gutierrez. **Relações Públicas**: Processos, funções, tecnologia e estratégia. São Paulo: Summus, 2002.

FRYDBERG, Marina Bay. Seguindo o cordão: uma etnografia das trocas nos blocos de carnaval de rua na cidade do Rio de Janeiro. *In*: XXIX REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 2014, Natal, **Anais**. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2014.

GARCIA, H. C. S. B. **Fragmentos históricos do carnaval de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 06 de maio de 2019.

GERMANO, Iris. O Carnaval no Brasil: da origem européia à festa nacional. **Caravelle**: Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien, [s.l.], v. 73, n. 1, p. 131-145, 1999. [Http://dx.doi.org/10.3406/carav.1999.2857](http://dx.doi.org/10.3406/carav.1999.2857). Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/carav_1147-6753_1999_num_73_1_2857>. Acesso em: 29 de maio de 2020.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais no início do século XXI**: Antigos e novos atores sociais. Brasil: Vozes, 2015.

GOMES, Luís Eduardo. Sem recurso público e após ameaça de repressão, Carnaval de rua garante desfiles na Cidade Baixa. **Sul 21**. 20 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/cidades/2018/01/sem-recurso-publico-e-apos-ameaca-de-repressao-carnaval-de-rua-garante-desfiles-na-cidade-baixa/>>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

HAMMES, Roque; HELFER, Inácio. Carnaval e Movimentos Sociais: a utopia da igualdade e da justiça social. **REDES**, Santa Cruz, v. 6, n. 1, p. 137-147, jan/abr, 2001.

KUNSCH, Margarida; KUNSCH, Waldemar. **Relações Públicas Comunitárias: A Comunicação em uma perspectiva dialógica e transformadora**. São Paulo: Summus Editorial, 2007.

KUNSCH, Margarida. Gestão das Relações Públicas na contemporaneidade e a sua institucionalização profissional e acadêmica no Brasil. **Organicom**. São Paulo, n. 5, a. 3, 2006.

KUNSCH, Margarida. **Planejamento de Relações Públicas na Comunicação Integrada**. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

MAIA, Antonio Cavalcanti. Diversidade cultural, identidade nacional brasileira e patriotismo constitucional. *In*: SEMINÁRIO DIVERSIDADE CULTURAL BRASILEIRA. 2004/2. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/palestras/Diversidade_Cultural/FCR B_DiversidadeCulturalBrasileira_AntonioCavalcanti.pdf>. Acesso em: 5 de maio De 2020.

MATOS, Heloiza; MARQUES, Angela. **Comunicação e Política: Capital Social, reconhecimento e deliberação pública**. São Paulo: Summus, 2011.

MELO, Itamar. Blocos de Carnaval levam às ruas de cidades brasileiras temas como racismo, machismo e homofobia. **GaúchaZH**. Porto Alegre. 22 fev. 2017. Disponível

em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2017/02/blocos-de-carnaval-levam-as-ruas-de-cidades-brasileiras-temas-como-racismo-machismo-e-homofobia-9727893.html>>. Acesso em: 11 de abr. 2020.

OLIVEIRA, Larissa Saldanha. Provocações sobre cultura popular e educação. *In: XV ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, v. 1, 2019, Salvador. **Anais XV ENECULT**. Salvador, 2019. Online. Disponível em: <<http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/111854.pdf>>. Acesso em: 19 de maio de 2020.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. Cultura e Identidade nacional no Brasil do século XX. *In: GOMES, A.; Pandolfi, D.; ALBERTI, V. (orgs.). A república no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

OLIVER, Cleu. **Carnaval: um movimento de existência e resistência**. Disponível em: <<https://guaja.cc/movimento-de-existencia-e-resistencia/>>. Acesso em: 08 de maio de 2019.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Comunicação Comunitária nos Movimentos Populares: A participação na construção da cidadania**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor. **Revista ECO-Pós**, Rio de Janeiro, v.12, n.2, maio-agosto 2009, p. 46-61.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. *In: XXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Anais*. Brasília, 2006. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/116338396152295824641433175392174965949.pdf>>. Acesso em: 15 de maio de 2020.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa R. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 29, n. 4, p. 318-325, 1995.

VILLAVERDE, Adão. Movimentos sociais na sociedade em rede. **Sul 21**. Porto Alegre. 18 jun. 2013. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/colunas/adao-villaverde/2013/06/movimentos-sociais-na-sociedade-em-rede/>>. Acesso em: 2 de jun. de 2020.

WEBER, Jéssica Rebeca. Programação oficial do Carnaval de Rua de Porto Alegre é divulgada. **GaúchaZH**. Porto Alegre. 20 jan. 2016. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2016/01/programacao-oficial-do-carnaval-de-rua-de-porto-alegre-e-divulgada-4956212.html>>. Acesso em: 25 de abr. de 2020.

APÊNDICE A — Roteiro de entrevistas aplicada com os representantes dos blocos
de rua

Bloco 1 - origem

1. Qual foi o principal ponto de partida para criar o bloco? De onde surgiu a ideia? (Breve história do surgimento do bloco)
2. Qual o propósito de iniciar o bloco, como se configurou?
3. Qual é a dinâmica do bloco: como funciona a organização?

Bloco 2 - comunicação

4. Possuem um conselho que os representa?
5. Como funciona o processo de comunicação junto aos participantes: o que fazem e como fazem? Como chegaram nas redes sociais?
6. Como iniciou esse processo de ter um local para a saída bloco, como registram isso, como é feito convite, boca a boca ou redes sociais?
7. Como delimitam as ações e programas que irão participar/apoiar?

Bloco 3 - posicionamento

8. Quais são as crenças e valores do bloco? O que defendem?
9. Principal motivo por estarem nas ruas realizando o cortejo?
10. Canções, letras, discursos do bloco: como definem e porque essa escolha?
11. Acreditam que o bloco pode ser também representado como um coletivo/movimento social?

APÊNDICE B - Roteiro da entrevista aplicada com os foliões e musicistas dos blocos
de rua

Bloco 1 - participação nos blocos de rua

1. Há quanto tempo frequenta você frequenta o Não Mexe e o Bloco da Laje?
2. Como descobriu que existiam (ambos os blocos)?
3. Como foi recepcionado/se sentiu na primeira vez que participou?

Bloco 3 - comunicação

4. Você conhece as ações/programas sociais aos quais o bloco está envolvido? Como define a tua participação nas ações do bloco? (exemplo)
5. Quais foram os elementos de comunicação (redes sociais, eventos, músicas, pessoas que frequentam...) que fizeram você se identificar com o bloco?

Bloco 2 - relações sociopolíticas nos blocos de rua

6. Você percebe alguma relação social e política que o bloco contemple e que você se identifica? (posicionamento nos canais de comunicação, músicas, falas, projetos sociais que apoiam...)
7. A partir do teu ingresso no bloco, você sentiu alguma mudança no seu jeito de pensar/agir em um sentido sociopolítico (feminismo, diversidade, racismo, homofobia...)?
8. O que te motiva a participar dos cortejos além da festa, você se reconhece nos discursos/músicas/cenário dos blocos?

APÊNDICE C - Transcrição de entrevistas realizadas com representantes dos blocos
de rua

ENTREVISTA COM JULIANO BARROS
(Bloco da Laje)

Arquivo: Videoconferência - Tempo de duração: 01h e 02min.

Realizada no dia 1º de junho de 2020.

Obs: Entrevista realizada por videoconferência. Permissão para gravar entrevista concedida por áudio.

Nome completo: Juliano Barros

Idade: 37

Função dentro do bloco: Cofundador

Bloco 1 - origem

- 1. Qual foi o principal ponto de partida para criar o bloco? De onde surgiu a ideia? (Breve história do surgimento do bloco)**
- 2. Qual o propósito de iniciar o bloco, como se configurou?**

Difícil essa parte do início do bloco ser breve, é como se fosse uma lula gigante, uma grande cabeça, grande cérebro e vários braços que se encontram numa mistura, em um momento de encontro. Esse encontro se dá no ano de 2012, é um ano que a gente está num cenário político nacional muito importante que é a retomada das ruas como um processo de ato político e também a resistência artística e o fazer artístico na rua, com os artistas também estarem nas ruas e com demandas do que se é possível fazer. Então, o que acontece? De alguma forma nós somos um bloco de amigos que tem carinho e afeto pelo carnaval, gostávamos de pular o carnaval junto, sempre pulamos o carnaval juntos. No caso nesse momento, eu morava de 2009 até 2011; eu morei no Rio de Janeiro, então os amigos do sul que também iam no Rio de Janeiro a gente acabou convivendo de alguma forma no carnaval carioca, a gente conheceu um pouco da energia dos blocos cariocas, como em Santa Tereza no RJ, a orquestra voadora logo no início no MAM (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro). E aqui em Porto Alegre tinha um movimento que já acontecia que era com o Maria do Bairro, que era uma retomada do carnaval na Cidade Baixa, mas também existia um pano de fundo que a gente nem conhecia de uma Porto Alegre que já teve um carnaval, uma história do carnaval, o negro dessa cidade, o Areal da Baronesa, a extinta Colônia Africana... Existia uma cortina de fumaça sob a ideia do carnaval em Porto Alegre. Então em 2012, a gente tomado pelo espírito da brincadeira, da ideia de brincar na rua o carnaval, a gente fez quase que uma aposta entre os amigos assim, vai ter 10 seguidores, ter 20 seguidores, outros apostavam que teria 500 pessoas, todos apostavam o que seria esse encontro e pra isso, pra gente poder fazer a realização desse encontro, a gente resolveu fazer nos moldes de criar os ensaios, criar ensaios dominicais abertos no Recanto Africano, que antes era o Recanto Europeu, que a gente rebatizou de Recanto Africano e a gente resolveu criar esse modelo inspirado na Orquestra Voadora que ensaiava todo o domingo no MAM e as pessoas iam com cangas, eu lembrava dessa relação das pessoas, como elas se envolviam naquele momento de chegada no ensaio e a gente quis meio que se aproximar disso, de um convívio, de um espaço de convívio. Então todo domingo a gente ia pra redenção ensaiar as nossas músicas pro cortejo de carnaval que, o primeiro, seria no dia 12/02/12. Aí também começa a surgir um imaginário

né, tanto de fantasia porque somos oriundos do teatro, essa turma de amigos que gosta de carnaval eles são oriundos do teatro, então a nossa matriz de encontro é o teatro. Então a gente carrega isso com a gente pra ideia do bloco, o teatro como um espaço de jogo, de brincadeira, de transgressão, de revitalização, Dionísio que é o Deus do teatro, que trabalha com a morte e com o renascimento, que era o deus agrário, deus do vinho, que andava com as ninfas, bacas, sátiros, que também andava acompanhado de uma diversidade, Dionísio que é o último deus a chegar no Panteão Grego e ele chega vestido de mulher, com um grupo de bacantes na cidade, então ele também representa a diversidade de alguma forma né, o teatro na sua matriz como um espaço de transgressão, de narrativas dramatúrgicas, de amarrações do imaginário, da fantasia... Então o Teatro vem como espírito do bloco da laje, como se o teatro fosse o espírito do bloco, é o grande espírito brincante do bloco é o teatro, o carnaval é o motivo onde tudo isso acontece. Então mais objetivamente, nasce do encontro de amigos, nasce da reunião dos amigos que eram teatros e que se encontraram para retomar o espaço também político, passando pelos espaços públicos como espaços de resistência e de encontro social, trazendo esse encontro pras praças, pra rua em forma de celebração e manifestação, a gente também está nos autorizando a tocar na questão onírico que também é um espaço político, a fantasia, o estado de brincadeira, o estado de ser um folião, o direito de estar na rua brincando de carnaval é também um ato político né. Então, o nascimento do bloco está abraçado com isso, abraçado com o momento político que vivíamos naquela época que eram as ocupações das ruas, está abraçado com o espírito do teatro, está abraçado ao espírito carnavalesco, o motivo é o carnaval... E aí a gente tem um leque de possibilidades também porque é onde vai acontecer um espaço de resgate da identidade do próprio carnaval de Porto Alegre. A gente começa a fazer também essa investigação do que é o carnaval da cidade, esse é o embrião do bloco, esse é o momento iniciático. Desses tentáculos, desses vários braços dessa Lula gigante que a gente vai se abraçando, para criar uma cabeça coletiva, algo que tenha cores, que tenha forma, que possa dar sentido para todos esses braços né, é como se nós fossemos esses “indivíduos braços”, mas o bloco é uma entidade, esse cérebro só funciona com todos esses braços juntos e se mexendo, então o bloco é a grande entidade né, nós somos os braços que estamos ali embaixo sustentados por esse espírito do teatro.

(após a conclusão da fala, eu abordo a questão do “embranquecimento” da cultura do rio grande do sul, a construção dos memorialistas na fantasia do “gaúcho branco e de bombacha” inventada e que se fortaleceu com as imigrações europeias, a possibilidade do carnaval no sudeste/nordeste ter ganhado mais abertura para o crescimento do carnaval popular devido ao poder público enxergar ali um tipo de polo econômico e novas formas de enriquecer o turismo...)

Com certeza, é uma invenção cultural... E a possibilidade de inverter tudo isso né? Tipo, vamos para rua fazer carnaval? Vamos botar purpurina na cara e fazer o que a gente gosta de fazer né... Tem uma música que eu canto em outro espetáculo que eu faço parte que é assim “as roupas velhas do pai, queria que a mãe fizesse uma mala de garupa com a bombacha e me desse” e na hora que eu to cantando isso eu to cantando de saia de prenda, e aí tipo “Tá? Saiu igualzito ao pai!” (risos). A saia de prenda né, nesse patriarcado enrustido que a gente vive que é complicado! E aí tu traz outro ponto sobre o instinto do capitalismo né, que lá se manteve a questão do turismo, a Ambev, a Antártica tomando conta do carnaval, da gente sempre ter o excesso da erotização do corpo, da marca de cerveja relacionada com o corpo sendo ali explorado, naquele sentido de “beba o carnaval” e tu tá bebendo a mulher loira né, esse fetiche também que veio nos últimos tempos, acho que quebrar isso também é outro desafio, quebrar com esse padrão de as marcas estarem associadas a isso... E aqui no Rio Grande do Sul até 10 anos atrás a gente não tinha essa influência da Skol, não tinha influência da grandes produtoras envolvidas com o carnaval, a gente não tinha nem se quer uma organização com a secretaria da prefeitura que era responsável por isso, quem autorizava a saída dos blocos era a EPTC, então tu mandava um documento pra EPTC pra ela trancar a rua e não se tinha uma negociação do governo, não tinha uma Secretaria de

Cultura... Tinha o carnaval institucionalizado que era o das escolas de samba, mas com essa retomada do carnaval de rua também vem junto uma especulação financeira, a gente começa a ver que vão se criando caminhos dos blocos independentes e os blocos que estão associados à prefeitura, vão se escolhendo caminhos, porque afinal o que se quer com isso né? O que vai se transformando... Porque antes era só um espírito de retomada do carnaval de rua, aí o capitalismo vê uma possibilidade de “vamos meter as mãos nisso”, “vamos fazer dinheiro em cima disso”, chama a Ambev, chama a Skol, e questiona “vocês querem quanto, e aí?”, não passa por um filtro, não passa por um raciocínio de que a gente não quer a nossa imagem associada a marca de cerveja nesse momento por uma escolha estética, a gente prefere que esse financiamento seja feito pelas pessoas, seja feito pelos indivíduos, nós somos os seres transformadores, não é a Skol que está movendo aquilo ali, quem tá movendo aquilo ali, são os indivíduos, então tem uma direção do carnaval.

3. Qual é a dinâmica do bloco: como funciona a organização?

A dinâmica do bloco se dá assim: Existem dois momentos do bloco, que é o momento da saída do carnaval oficial, que acaba sendo sempre no pré carnaval, a gente faz os ensaios que começam a partir de setembro, começam os ensaios macro do bloco pra essa saída oficial. Essa é nossa organização principal. A partir dali vai existir as escolhas, não existe um tema pro carnaval, nosso lema é “deixar brincar” e a gente tem uma data pra sair, só que a gente acaba sendo promovido por imagens. Esse ano foi o ano do “carnaval 2020” por exemplo, aí dá pra ver nas imagens um pouco surrealistas, dos dadaístas... Então a gente se embriaga de algumas imagens pro carnaval acontecer. Isso se dá no campo imaginário, existe uma direção artística que faz isso, uma direção musical, tem também os cantantes e os brincantes que se agregam a isso ao longo do processo da saída. A gente considera que todo mundo é brincante nesse momento, mas tem essa forma de organização também dos brincantes, dos cantantes, dos musicistas que é a bateria e sopro, a harmonia, mestre sala, porta bandeira, o estandarte, essas coisas que a gente tem do imaginário do carnaval né. E a direção artística se dá pra gente ter um encaminhamento, fazer escolhas finais, em que surge muitas coisas, mas no final a gente tem que fazer escolhas, aí tem essa divisão toda que acontece para saída do bloco.

Aí além dessa organização principal, tem o Laje in concert, que tem um formato de show, nesse formato de show tem a questão de produção, questão de vendas de show, uma direção artística, também tem os brincantes, os musicistas, direção musical, basicamente é assim que a gente funciona.

Bloco 2 - comunicação

4. Possuem um conselho que os representa?

Aqui antes de fazer a pergunta digo que sei que a resposta seria ‘não’, porque acredito que o diálogo do bloco é feito diretamente com poder público e o Juliano diz “exatamente” e complementa: Não temos essa opção de liga, a gente fez a escolha de não participar.

5. Como funciona o processo de comunicação junto aos participantes: o que fazem e como fazem? Como chegaram nas redes sociais?

6. Como iniciou esse processo de ter um local para a saída bloco, como registram isso, como é feito convite, boca a boca ou redes sociais?

Então, essa questão da comunicação é muito atemporal, imagina a gente a 10 anos atrás, a gente criava um evento... Nem sei dizer se já tinha essa coisa de “confirmar presença no evento”, não sei se tinha isso, realmente não lembro, mas, por exemplo, com o advento da tecnologia, advento dos meios de comunicação, das redes sociais também nos “sufocaram” enquanto bloco. No primeiro momento a gente teve a nossa primeira saída com mil pessoas. Não lembro de verdade como foi a primeira vez, se foi pelo orkut ou um evento no facebook, mas sei que a gente fez um vídeo que convidava as pessoas para primeira saída e dizia o dia da saída oficial, era uma coisa meio boca a boca também porque a gente também

tava num momento muito forte dos encontros nas ruas, tinha um movimento de rua muito forte, a gente queria conhecer os artistas, a gente tava interessado em saber quem tocava instrumentos, a gente tava interessado nessa troca de informação, então foi muito numa comunicação direta, numa comunicação presencial, de novo a gente vai cair naquele primeiro espírito do bloco que é o encontro, foi uma coisa meio que olho no olho, afeto por afeto foi se aproximando, então a comunicação se dá muito nessa reciprocidade que também é muito a comunicação do teatro, que de novo a gente vai tá utilizando as referências teatrais para se comunicar com as pessoas. Nos ensaios as pessoas viam a gente dançando, pulando e era aquilo “o que vocês estão fazendo? o que é isso? Tão cantando pro sol, o sol é o rei? Pulando a tarde inteira aí tomando cerveja e dançando?” E ensaiando sérios também, sabe? Como próprio de atores, o ator quando vai ensaiar ele encarna o personagem e a gente fazia aquilo em praça pública. Então essa comunicação se dava muito nesse aspecto direto, isso em 2012.

Em 2013, 2014, 2015 foi o ápice, a gente conseguiu na saída da praça da Alfândega que foi até a praça do Tambor 15 mil pessoas seguindo a gente e quando a gente chegou no final do bloco a gente tava exausto, eu lembro de ter encontrado os amigos, os teatros que fizeram o bloco acontecer desde o começo e a gente percebeu que a gente não se encontrou, ficamos tão perdidos na função de organizar as pessoas e de fazer a coisa acontecer pra todas essas pessoas que a gente acabou quase se esquecendo da parte divertida, que era o encontro. Então isso aconteceu de tarde e foi noite adentro na praça do Tambor e a gente pensou que precisava mudar a nossa estratégia de comunicação, ter uma nova estratégia na comunicação, a gente queria que tivessem 15 mil pessoas, mas não que 5 mil pessoas estivessem ali pra curtir a saída do bloco e os outros 10 mil estivessem com outras cores de roupa que não do bloco, sabe? A gente via nos vídeos depois, a gente combinava de todo mundo ir com as cores do bloco e gente olhava o vídeo de 2015 e tinha umas pessoas com umas camisetas cor de rosa, verde indo assim, sabe? Nem sabia pra onde tava indo, nem sabia pra onde tava sendo levado, não conseguia se conectar com a energia que a gente tava propondo ali. Então a gente pensou “poxa, então essas pessoas tão aqui pra curtir um carnaval que não é o que a gente tá se propondo”, não era só beber e levar o isopor, a ideia era que a gente fosse fantasiado, a ideia era brincar, cantar as músicas... Então essa comunicação se alterou a partir de 2015. A gente mudou o horário da saída para de manhã, pra um carnaval mais de dia, mais sol, não terminar a noite. A saída também começamos a divulgar com menos antecedência... Hoje a gente tem 30 mil seguidores no instagram e no facebook e tem o pessoal que é da comunicação que administra mais as páginas, faz as postagens mais diárias, mas sempre focada no que o coletivo tá vibrando. O Laje in Concert também tem uma outra visibilidade, de ter projetos nacionais, como o Natura musical, em que a gente percorreu o Brasil no ano passado fazendo apresentações. Então a nossa comunicação também já não é mais só local, é também nacional. Quem faz as nossas artes, publicações no instagram, por exemplo, é a gente mesmo, o coletivo bloco da laje, pessoas que tem mais afinidade com a criação de conteúdo, com a Ananda que é formada em artes visuais na UFRGS e o Thiago Laje que é jornalista.

7. Como delimitam as ações e programas que irão participar/apoiar?

Então, a gente tem uma discussão larga sobre isso, uma discussão que a gente está muito atento às questões sociais porque a gente acredita que também o que a gente faz na rua é uma grande ação, uma grande contribuição, imagina uma oficina de teatro a céu aberto? É uma contrapartida social grande porque tu vai agregar quem passar pela redenção, quem chegar ali vai ter a oportunidade de experimentar aquilo. É claro que as nossas pautas estão ligadas a ocupação dos espaços públicos, da coletividade urbana, claro que tudo que acontece está relacionado a isso, a gente vai estar perto de alguma forma, são nossos afins. As ocupações nos espaços de resistência vão ser espaços que a gente vai se afinar. A gente já fez ensaios na ocupação Saraí, várias ocupações e pontos de referência, como o Areal do Baronesa pra fazer uma imersão nesses espaços, mas sem aquela questão assistencialista,

mas mais pra fazer uma troca imaterial mesmo. O que se afina com a ocupação do espaço público e a resistência cultural as nossas bandeiras estão perto.

Mas isso é algo que também tem passado por uma discussão entre a gente, um plano para o futuro breve, como “o que a gente pode destinar?” Se a gente consegue bater uma meta agora arrecadando dinheiro para nos manter, o que a gente consegue destinar a quem está precisando nesse momento. Está em discussão essa conversa do “o que podemos apoiar e como vamos apoiar”.

Bloco 3 - posicionamento

8. Quais são as crenças e valores do bloco? O que defendem?

9. Principal motivo por estarem nas ruas realizando o cortejo?

Responder isso, das crenças e propósitos, pelo olhar da coletividade é muito difícil porque eu posso te dizer uma coisa e a Martina, outra fundadora do bloco dizer “não Ju, a gente sempre esteve pautando a luta pela grama”, e eu “ah, mas eu achei que era pela árvore que a gente tava falando” e outro pode dizer “mas eu tinha certeza que era sobre a pedra”. Vai partir muito do ponto da coletividade que tu ocupa, as coisas que tu carrega no teu subjetivo, que te fazem crer em alguma coisa, que te movimenta em relação a algumas coisas. Então pra gente, no geral, o que nos fez crer, dar crédito pra isso tudo só tem uma coisa que eu consigo imaginar que é a brincadeira, de novo o nosso estandarte maior entende que a revolução se dá através do brincar, do olho no olho, do jogo. Através da pluralidade, entender que somos pessoas múltiplas, com mil histórias, com mil narrativas e que essas narrativas se misturam no espírito da brincadeira, então o que a gente defende, que é também o nosso estandarte, o nosso brasão, o nosso estudo é “deixa a gente brincar!” e que para esse espírito de brincadeira acontecer eu também vou ter que passar por crenças, de colocar uma fantasia, de acreditar que eu sou aquela figura no carnaval, que eu vou ser o fauno, a ninfa, o besouro, o Batman, quais as fantasias que eu vou vestir? E essas fantasias estão agregadas a quais símbolos mesmo? Será que eu não estou ali fazendo um escárnio, uma paródia, um blackface... Tem muitas ciladas nessas coisas. Então a gente sempre instiga as pessoas a criarem as suas fantasias a partir de um outro contexto, mais lúdico, mais instintivo do que pré-determinado. A sair um pouco dessas fantasias do “eu sou a mulher maravilha, eu sou o super homem”, e mais algo do tipo “eu sou uma folha, eu sou uma árvore, eu sou uma pedra”, sei lá, usar tua criatividade pra sair um pouco desses arquétipos das fantasias padronizadas que também aprisionam o nosso corpo invés de libertar a nossa expressão.

Então talvez esse posicionamento social ele se dá pela liberdade, é que as pessoas tenham a liberdade de se expressar, de ser quem elas são, que elas se manifestem com toda a sua essência e que isso seja respeitado nesse ambiente que a gente tá, num círculo sagrado de brincadeira, do carnaval brincalhão.

10. Canções, letras, discursos do bloco: como definem e porque essa escolha?

As narrativas das nossas músicas são criadas muitas vezes quando a gente está num churrasco, na laje do amigo, tomando uma cerveja ou fazendo uma caipirinha, numa roda de conversa e daqui a pouco alguém falou alguma coisa e outro fala outra coisa e daqui a pouco virou uma cantiga, sabe? (risos). O que era uma brincadeira vira uma música, então também o quanto a gente emana algumas palavras que também podem ser poderosas, que o outro também se identifica com aquilo e consegue se expressar também na fala do outro. Então, como todo bloco nasceu de um encontro, nasce desse espaço do afeto, compartilhado, em que tem as crianças brincando, o cachorro latindo junto, é desse ambiente que não tem como não ser pautado por um viés muito humanitário. É do momento presente que elas nascem, acho que as nossas canções, as músicas é que vai unificar o nosso grito coletivo, a musicalidade... o cantar é que vai dar pra esse coro de brincantes, de musicistas, de foliões o que a gente vai estar anunciando. A gente anuncia essas questões de comportamento social, das questões de gênero, de raça, mas tem muitas pautas que a gente ainda não consegue alcançar e tem consciência disso, mas existe um grito coletivo, uma força que nasce da coletividade.

11. Acreditam que o bloco pode ser também representado como um coletivo/movimento social?

Tá, eu vou te dar um exemplo, você veio falar comigo para falar sobre o coletivo, mas a gente não está ouvindo o coletivo, a gente está entendendo esse coletivo através do pensamento do Juliano, eu estou falando de coletivo através de tudo que eu carrego comigo, da minha identidade social, da onde eu venho, da minha matriz familiar, aspectos socioeconômicos que eu tenho, então o Juliano está impondo toda uma problemática aqui. O Juliano, quando falando de coletivo, do Bloco da Laje, ele também está acoplado a isso. Então sim, eu encaro que o Bloco da Laje é um coletivo social e tem se apresentado assim, ele se apresentou também como uma consequência de uma ação social, as ações que a gente se desenvolveu ao longo desses 10 anos me faz afirmar que sim, somos um coletivo, e o formato que esse coletivo tem? Estamos descobrindo. Não existe uma coisa fechada, até porque a palavra coletivo é bem recente, se a gente for pegar os grupos, bloco era bloco, era bloco de carnaval, não era coletivo, escola de samba era escola de samba, a banda era a banda, grupo de teatro era grupo de teatro e a palavra coletividade ela tem outras cores, a gente tem coletivo pra tudo... Hoje temos mais coletivos, ele está mais presente no nosso imaginário do que no nosso vocabulário, mas isso não significa que a gente tenha uma receita pronta do que é ser um coletivo. A gente tem reuniões semanais, tem demandas que chegam pra nós o tempo inteiro, muitas coisas são debatidas, são avaliadas, são pensadas e núcleos menores, que levam pra núcleos maiores e que chegam no coletivo depois, então esse formato de coletividade é novo. Há 3 anos, por exemplo, a gente tem um CNPJ que não é de cooperativa, ele é do Bloco da Laje. Então como a gente desenha também o caminhar nosso né, que também se dá por uma caminhada artística, por a gente também escolher por ter um grupo de shows e pra isso ter um CNPJ, pra ser contratado e a gente poder ser pessoa jurídica.

ENTREVISTA COM BRUNA ANELE
(bloco Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só)

Arquivo: Videoconferência - Tempo de duração: 37min.

Realizada no dia 2 de junho de 2020.

Obs: Entrevista realizada por videoconferência. Permissão para gravar entrevista concedida por áudio.

Nome completo: Bruna Anele

Idade: 24

Função dentro do bloco: Participante do setor de comunicação*

*As fundadoras do bloco estão afastadas do coletivo, por isso optou-se por selecionar uma integrante que tivesse propriedade para dissertar sobre as informações do contexto atual do bloco, com exceção apenas dos detalhes mais particulares da sua origem.

Bloco 1 - origem

1. Qual foi o principal ponto de partida para criar o bloco? De onde surgiu a ideia? (Breve história do surgimento do bloco)

Iniciou em 2016 com um movimento de mulheres de Porto Alegre que começaram a perceber que a presença de outras mulheres em outros blocos de rua independentes da cidade, já tinham muitas mulheres, mas que apesar de serem a maioria da bateria, elas não tinham tanta voz de decisão dentro dos blocos. Então elas pensaram: "Bom, vamos ter que formar o nosso bloco para a gente poder protagonizar 100% do rolê", já que a gente está só "trabalhando" aqui para outras pessoas e não está tendo voz. Então, quatro meninas que conversaram sobre isso na cidade, na Lancheria do Parque, em uma noite, isso era em fevereiro do início do ano (2016) e de noite a Kaia (uma das fundadoras do bloco) criou um grupo no *Facebook* que era algo como "Batucada mulheres Porto Alegre" para juntar todas as gurias que tocavam e fazer um grupo só de mulheres. Nessa noite de criação do grupo já tinha muita gente, tipo umas duzentas pessoas. Chegou até na minha mãe, eu descobri pela minha mãe sobre esse grupo pra tu ter uma ideia... (risos) Depois disso, essas gurias tiveram uma reunião para ver como tudo ia se ajustar e basicamente foi isso, e hoje estamos aí já, indo para a 4° saída, que acabou não sendo realizada esse ano por causa da pandemia.

2. Qual o propósito de iniciar o bloco, como se configurou?

Acho que o surgimento está muito envolvido com o propósito porque é mais essa questão de ter voz nesse espaço dos blocos. Cada bloco se organiza de um jeito, o "Não Mexe" é 100% horizontal, permitindo que todos os membros do coletivo tenham voz, quem quiser ter voz, vai ter voz, por isso que o bloco surgiu dessa maneira e dessa forma: mulheres que queriam criar um coletivo 100% democrático, que ouvissem todas as componentes.

3. Qual é a dinâmica do bloco: como funciona a organização?

O "Não Mexe" é um coletivo horizontal, então a gente funciona a partir de assembleias, as deliberações são feitas em assembleia, mas a gente tem uma organização dentro do bloco porque a gente definiu em 2018, indo para a saída de 2019, que existiam dois perfis dentro do bloco. Quando eu entrei pro Não Mexe eu estudei sobre o bloco, percebi que ele também não é uma coisa fixa, tanto que as fundadoras nem fazem mais parte do bloco, então é difícil dizer quem é que faz parte e quem não faz porque ele é muito fluido; é um coletivo que existe, quase que uma entidade, não quer dizer que, existindo aqueles indivíduos vai existir o coletivo e vice-versa. Tudo sempre está mudando. Nesse ano de 2018, definimos que existiam dois tipos de participantes dentro do bloco: as participantes que só estavam lá para tocar, só entre aspas, porque né, não é qualquer coisa, e as que estavam lá para tocar e para construir o bloco de uma forma mais ativa. Isso é uma forma de acolhimento do bloco também, porque a gente sabe que nem todas as mulheres têm tempo e disponibilidade para se dedicar à um coletivo que não traz remuneração, é completamente voluntário, por isso que fizemos essa divisão, para não ficar cobrando as meninas de um jeito que elas não pudessem se entregar, mas mesmo assim não tirar elas do bloco. Depois que a gente definiu isso, a gente conseguiu definir um grupo de coordenação do bloco, de uma forma que não hierarquizasse, ou seja, algumas tocam, mas outras conseguem se dedicar um pouquinho mais, então fazemos essa coordenação e, ao mesmo tempo que dentro dessa organização tem GTs (Grupos de trabalho) que têm autonomia para decidir coisas, mas decisões que envolvem mudanças de narrativa do bloco e coisas mais relevantes são levadas para assembleia, para que todas possam decidir juntas. Atualmente a organização do bloco funciona assim, com um grupo de coordenação de 30 mulheres... No bloco temos mais ou menos 100 mulheres, no último levantamento que fizemos para essa saída de 2020. Daí dessas 100 mulheres temos 30 participando do grupo de coordenação, divididas em GTs, como por exemplo o GT comunicação, o GT organização, o "GT tretas", que a gente chama assim porque são as mulheres que resolvem os problemas internos, pautados pela empatia, mas enfim, temos de sete à oito GTs que tem uma certa autonomia para decidir as coisas. Eu, por exemplo, faço parte do GT de comunicação, cuidando das redes sociais, recebemos convite de eventos e

assessoria de imprensa, por exemplo. Então funciona assim, temos certa autonomia para decidir coisas do dia-a-dia... No meu GT de comunicação a gente decidi sobre os posts que vão ser publicados, campanhas... Mas as coisas maiores a gente leva pro grupo pra ver se todas concordam e daí sim realmente executar.

Bloco 2 - comunicação

4. Possuem um conselho que os representa?

Não temos, a gente participa de alguns coletivos que articulam entre blocos, mas que represente o Não Mexe não tem. Existe a Liga dos Blocos Independentes de Porto Alegre, existem algumas organizações nesse sentido, mas nenhuma a gente faz parte oficialmente.

5. Como funciona o processo de comunicação junto aos participantes: o que fazem e como fazem? Como chegaram nas redes sociais?

6. Como iniciou esse processo de ter um local para a saída bloco, como registram isso, como é feito convite, boca a boca ou redes sociais?

Quando eu entrei no bloco a gente só tinha uma página no Facebook e outras pessoas cuidavam disso, a gente tinha uma assessoria de imprensa bem forte, mas redes sociais bem fracas e agora é o oposto, muito porque mudaram e entraram novas pessoas. A gente sempre teve um grupo aberto no Facebook, com integrantes atuais e que já não fazem mais parte, então a gente optou por fazer um grupo menor também para tratar de assuntos específicos do bloco que o público externo questionaria, por exemplo, se não entendesse como o bloco funciona, então assuntos mais sérios ou organização para os ensaios fechados a gente trata nesse grupo menorzinho no Facebook. A gente sempre fez eventos das nossas saídas anuais no Facebook também e postava algumas discussões e manifestações por lá e atualmente a gente utiliza mais o Instagram, já que é uma rede que cresceu bastante nos últimos anos. As mulheres do bloco que movimentam as temáticas que nós vamos levar para o público, por exemplo, o apoio que estamos fazendo agora com a Misturaí que é uma ONG que tem muito a ver com o que o Não Mexe apoia, então é algo que veio de uma das meninas que fazia parte da ONG e também do Não Mexe e trouxe essa ideia.

Também existe a nossa relação com a presença em eventos, as vezes nos convidam para eventos fechados, atos públicos... A gente também se coloca muitas vezes em eventos que fazem sentido para a gente. Para os eventos que nos convidam a gente usa, o que a gente chama de sinaleira, com pontos a se levar em consideração. Então, por exemplo, se é um evento privado e com teor conservador a sinaleira geralmente é vermelha, a gente nem leva para a assembleia, a gente fala “ó, recebemos esse convite e não aceitamos por tais motivos”, teve um que chegou umas vez que nos convidaram para um evento de carnaval para crianças, mas quem patrocinava o evento era uma empresa que representava o que a gente não defende, que a gente não queria apoiar aquele nome de nenhuma forma, mesmo eles oferecendo um cachê, que é um fato que conta para gente... Outro tipo de evento que vai para o sinal vermelho é quando todo o bloco não pode participar, ou é todas, ou é nenhuma. Quando a sinaleira é amarela ou verde, a gente leva para assembleia para ser decidido o que vai ser feito. Quando o convite é para um evento privado, geralmente o sinal é amarelo, por exemplo, teve um show da Ekena, que é uma cantora em que temos uma música dela que tocamos no bloco e o evento era privado, mas como pra gente fazia sentido estar presente, participamos. Verde é quando é um evento que concorda com todas as nossas pautas, como por exemplo, a manifestação contra a violência doméstica, aí a gente só define como a gente vai, se a gente vai se apresentar, ou se a gente vai só vestindo a camiseta do bloco...

7. Como delimitam as ações e programas que irão participar/apoiar?

Tem muito a ver com o que a gente defende, por exemplo, quando a gente tem uma integrante do bloco que já participa de alguma ação ou programa social da cidade e trás a ideia pro coletivo é algo que conta, é um facilitador digamos assim. A gente geralmente avalia

se os valores daqueles espaços, programas, ações casam com os nossos e propõe pro coletivo para decidir o que vamos apoiar.

Bloco 3 - posicionamento

8. Quais são as crenças e propósito do bloco? O que defendem?

9. Principal motivo por estarem nas ruas realizando o cortejo?

É difícil eu falar o que a gente defende né, porque somos um coletivo, então do ponto de vista de cada mulher pode ser uma coisa mais, outra menos e vice e versa ou o que eu gostaria que se defendesse e o que na prática a gente defende, então eu vou fazer um panorama geral: atualmente a gente defende a questão da mulher e do feminismo, principalmente com relação a liberdade do corpo e a mulher como dona do seu corpo e a gente flerta muito com o feminismo interseccional, mas que na prática a gente percebe que não consegue executar porque a gente não tem tanta participação de mulheres negras no coletivo, então a gente fala muito sobre isso, mas não conseguimos chegar nesse lugar ainda. Além disso, também a defesa da ocupação do espaço público com segurança para a mulher principalmente e a valorização do espaço público enquanto espaço de construção e lazer. Também a defesa da cultura e da arte porque a gente tem uma parceria muito forte com a Imperadores do Samba, que é uma escola de samba aqui de Porto Alegre e a gente vive de perto esses desafios da cidade em relação a cultura popular e briga por isso, pela valorização disso, pela falta de investimento nisso.

A gente também traz essa difusão da cultura popular porque a gente não traz só um ritmo, a gente traz vários ritmos pro nosso bloco. Inclusive a gente tem uma música no nosso bloco que é “Se essa rua fosse minha”, minha inspiração para responder essa pergunta foi um pouco dela, ela fala sobre ocupar as ruas e a resistência com o empoderamento das mulheres e cultura popular.

10. Canções, letras, discursos do bloco: como definem e porque essa escolha?

Então, tem gente que acha que a gente só toca música de mulheres né, mas não é apenas de mulheres, tanto que a gente tem uma música que quem performa é o Criolo, que é um músico brasileiro, então a gente escolhe músicas que a gente gosta, que o coletivo gosta e acha importante de serem tocadas. A gente tem as músicas que a gente acha relevantes pela mensagem que elas transmitem, mas a gente também entende que a gente preza a arte e a música popular do jeito mais amplo possível porque existem muitas formas de manifestação e falar o que se quer falar e não precisa necessariamente ser tão direto. A música que a gente iria lançar recentemente é um pagode, por exemplo; a gente faz encontros mensais e nesses encontros a gente faz churrasco, tipo uma confraternização do bloco e tocamos muito pagode e a gente começou a pensar “como a gente ainda não toca pagode no bloco?” porque gostamos muito e faz parte da nossa vivência do bloco e aí resolvemos trazer isso e claro, nunca vai trazer nenhuma música que desrespeite a mulher, nem traga letras que tragam uma divisão, uma hierarquia de gênero, nada desse tipo. Mas não necessariamente todas as músicas tocadas falam sobre o feminismo porque entendemos que a brincadeira do carnaval por si só também é uma resistência.

11. Acreditam que o bloco pode ser também representado como um coletivo/movimento social?

Internamente eu acredito que sim porque muitas das integrantes que estão ali dentro, inclusive, cobram isso do bloco e fazem questão de levantar isso em assembleias o bloco enquanto coletivo político. Até porque a gente escolhe se posicionar dessa forma, levantar bandeiras, participar de eventos que também levantam bandeiras das quais a gente concorda.

APÊNDICE D - Transcrição de entrevistas realizadas com os foliões e musicistas dos blocos de rua

ENTREVISTA COM BÁRBARA (Foliã e musicista do bloco Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só)

Arquivo: Videoconferência - Tempo de duração: 34min.

Realizada no dia 3 de junho de 2020.

Obs: Entrevista realizada por videoconferência. Permissão para gravar entrevista concedida por áudio.

Nome completo: Bárbara

Idade: 29

Formação: Assistente social

Bloco 1 - participação nos blocos de rua

1. **Há quanto tempo frequenta você frequenta o Não Mexe e o Bloco da Laje?**
Desde que iniciaram.
2. **Como descobriu que existiam (ambos os blocos)?**
Círculo de amizade da faculdade e movimento estudantil.
3. **Como foi recepcionado/se sentiu na primeira vez que participou?**
Me identifiquei com o Não Mexe porque se dizia feminista, fazia sentido pra mim, me senti convocada. Me senti bem em ambos, é uma galera que eu me reconheço, espaço de proteção para curtir o rolê porque a grande maioria eu conheço. Sempre me senti tranquila.
4. **Você conhece as ações/programas sociais aos quais o bloco está envolvido? Como define a tua participação nas ações do bloco? (exemplo)**
Sei que existe um vínculo com o coletivo Misturaí na função de ajudar e somar. Na Vila Planetário, Vila Conceição, Areal da Baronesa também participei de apresentações, oficinas, arrecadação de comida para a comunidade local.
5. **Quais foram os elementos de comunicação (redes sociais, eventos, músicas, pessoas que frequentam...) que fizeram você se identificar com o bloco?**
As pessoas que circulam, trocas pessoais e virtuais, o que é dito me representa, é real!

Bloco 2 - relações sociopolíticas nos blocos de rua

6. **Você percebe alguma relação social e política que o bloco contemple e que você se identifica? (posicionamento nos canais de comunicação, músicas, falas, projetos sociais que apoiam...)**
Sim! No Não Mexe é algo que a gente pensa muito, conversa, organiza coletivamente como vamos nos posicionar, tanto nas questões feministas, como nas questões de gênero, social, de classe... É algo que a gente sempre está revisitando enquanto bloco, sempre tentamos fazer isso circular em veículos, mídias sociais.

No Bloco da Laje identifico que o bloco em si é bem posicionado, a dinâmica, pensando no que vai ser levado às ruas.

7. A partir do teu ingresso no bloco, você sentiu alguma mudança no seu jeito de pensar/agir em um sentido sociopolítico (feminismo, diversidade, racismo, homofobia...)?

Não sei foi se a partir do bloco porque eu já vinha em uma construção política desde a minha graduação, mas no Não Mexe acho que o que problematizou mais no bloco foi o fato de falar de mulheres, mulheres brancas... Essa pauta vem se tornando mais forte e ampliou a possibilidade de discussão.

8. O que te motiva a participar dos cortejos além da festa, você se reconhece nos discursos/músicas/cenário dos blocos?

Me reconheço nesses espaços. Alguns blocos eu não me vejo somando, prefiro ficar como espectadora, tocar em um bloco é muita responsabilidade, o Não Mexe já me toma bastante. Têm blocos que vou mais pra curtir, me sinto bem, nem assediada, sensação de estar em casa, é uma bolha. Aí penso, a partir do momento que me sinto segura, penso que tem muitas coisas conhecidas, será que estamos ampliando o discurso? Mas para mim, individualmente, faz sentido esse momento de partilha e encontro.

ENTREVISTA COM PEDRO (Folião e musicista do Bloco da Laje)

Arquivo: Videoconferência - Tempo de duração: 40min.

Realizada no dia 3 de junho de 2020.

Obs: Entrevista realizada por videoconferência. Permissão para gravar entrevista concedida por áudio.

Nome completo: Pedro

Idade: 35

Formação: Geógrafo

Bloco 1 - participação nos blocos de rua

1. Há quanto tempo frequenta você frequenta o Não Mexe e o Bloco da Laje?

A Laje desde 2014 e o Não Mexe desde a primeira saída (2016).

2. Como descobriu que existiam?

Através de contatos na área da música, com as pessoas envolvidas nos dois projetos, os músicos que me levaram nos blocos. O Não Mexe foi através das gurias que tocavam comigo em outros blocos.

3. Como foi recepcionado/se sentiu na primeira vez que participou?

O Bloco da Laje participei no início dos ensaios, fui esperando pelas músicas e no fim me senti refletindo sobre as informações porque ambos traziam cargas políticas e se você está disposto a entender sobre o que eles trazem, é importante. Não é que nem outros blocos que tu vai só pra brincar.

4. Você conhece as ações/programas sociais aos quais o bloco está envolvido? Como define a tua participação nas ações do bloco? (exemplo)

Sei de ações com a Ocupação Mirabal, Misturaí, ações feitas no Areal da Baronesa, ações na rua apoiando manifestações e protestos. Eu lembro quando ocorriam as ocupações dos lanceiros negros, alguns blocos independentes participavam fazendo atividades culturais, chamando outros públicos para essa causa. Apoio virtual também, vejo como todos os blocos independentes que estão engajados a levantar alimentos para comunidades, também fundos financeiros para comunidade. Vejo todos os blocos independentes apoiarem.

5. Quais foram os elementos de comunicação (redes sociais, eventos, músicas, pessoas que frequentam) que fizeram você se identificar com o bloco?

O público, as pessoas que têm afinidade, a comunicação, pelo menos comigo, se dá entre os pares, entre os parceiros. O Bloco da Laje tem uma comunicação muito eficaz pelas redes sociais, sempre que acaba o bloco eles trazem informações, registros e fotos e isso é muito bom para atrair e fidelizar o público com o bloco.

O Não Mexe tem essa questão de ser uma comunicação voltado para um tema muito importante que é o feminismo, e não tenho lugar de fala para falar sobre, mas eu escuto e participo. Nos dois blocos eu percebo o desafio de chegar em outros públicos para além da classe média.

Bloco 2 - relações sociopolíticas nos blocos de rua

6. Você percebe alguma relação social e política que o bloco contemple e que você se identifica? (posicionamento nos canais de comunicação, músicas, falas, projetos sociais que apoiam)

Total! O Não Mexe quando, é feita a comunicação tanto como nos ensaios como nas saídas, me faz refletir sobre diversas coisas que a gente como homem, branco realiza no cotidiano, levantando diversas questões que são abafadas e não são discutidas na sociedade, o Não Mexe faz muito bem levantando essas questões quando as pessoas estão abertas a refletir.

Apesar do Bloco da Laje atrair um público apenas classe média, vejo nos representantes que gerenciam o bloco, eles têm uma preocupação super grande em garantir que existam diferentes discursos sobre gênero, racismo e temas contemporâneos e que eles sejam representados nos integrantes do bloco. Muitas vezes a gente está em um coletivo e queremos falar sobre racismo e não temos ninguém para representar, na Laje tem, eu vejo isso.

7. A partir do teu ingresso no bloco, você sentiu alguma mudança no teu jeito de pensar/agir em um sentido sociopolítico (feminismo, diversidade, racismo, homofobia...)?

Com certeza, mas eu sei que é uma construção contínua. O Não Mexe me faz pensar muito... Vejo a mudança no Pedro de 2014 até agora com relação a essas questões e percepções em relação às questões de gênero, homofobia... Acho difícil uma pessoa que ingresse nesses espaços não mudar a sua percepção, visão de mundo, ao não ser que ela não saiba português.

8. O que te motiva a participar dos cortejos além da festa, você se reconhece nos discursos/músicas/cenário dos blocos?

Para além da música e impacto visual, as pessoas me motivam, o momento de convergência de pensamento entre todas as pessoas que estão ali naquele momento observando um discurso que está sendo dito. O que me atraía muito é presenciar os discursos e as mudanças que são feitas.

Uma coisa muito forte no Não Mexe é tu ter apresentações que impactam as pessoas. Na Laje mais pro lado teatral, seja na música que fala do vizinho, a música que fala de "tirar

Jesus na cruz”, que algumas pessoas podem só achar engraçado, mas quem pára para entender os blocos percebe que vão muito além da música, é uma comunhão entre as pessoas, são momentos que te marcam muito.

Um desafio que eu percebo em todos os blocos independentes é em se inserir mais em comunidades, com oficinas, por exemplo... Ajudar com o que precisam, auxiliar no que precisam e ter uma ação mais política. Vejo isso quando ficamos muito com a nossa bolha e na maioria das vezes não vamos para além da região central da cidade, por exemplo.

ENTREVISTA COM ISRAEL (Folião e musicista do Bloco da Laje)

Arquivo: Videoconferência - Tempo de duração: 32min.

Realizada no dia 4 de junho de 2020.

Obs: Entrevista realizada por videoconferência. Permissão para gravar entrevista concedida por áudio.

Nome completo: Israel
Idade: 30
Formação: Enfermeiro

Bloco 1 - participação nos blocos de rua

- 1. Há quanto tempo você frequenta o Não Mexe e o Bloco da Laje?**
Há três anos.
- 2. Como descobriu que existiam?**
Soube pelas redes de amigos da residência e pelas redes sociais.
- 3. Como foi recepcionado/se sentiu na primeira vez que participou?**
Em ensaios abertos, eu me sentia à vontade com o calor das pessoas, na multidão... Me senti confortável e acolhido.
- 4. Você conhece as ações/programas sociais aos quais o bloco está envolvido? Como define a tua participação nas ações do bloco? (exemplo)**
A Laje faz uma interface com a casa dos artistas rio grandenses, de maneira geral os musicistas tem uma articulação com a Vila Planetário e o Não Mexe tem essa simbiose com o movimento feminista da cidade.
Eu participo mais das ações na Vila Planetário e minha contribuição é mais pontual nas atividades, ajudo em oficinas no transporte de instrumentos...
- 5. Quais foram os elementos de comunicação (redes sociais, eventos, músicas, pessoas que frequentam) que fizeram você se identificar com o bloco?**
O fato de ser um carnaval de rua foi a primeira coisa que me identifiquei porque eu sou do nordeste e vive muito o carnaval de rua de Olinda e quando eu vi o carnaval daqui eu me senti um pouco mais em casa. Acho que a interface da cultura afro gaúcha, influências africanas que vieram pra cá é algo muito importante. Também uma conexão com a arte em geral, porque o pessoal mexe com o teatro, artes visuais (isso no bloco da laje). No Não Mexe eu percebi que se fazer ali presente era importante, o reconhecimento daquele espaço e daquele discurso eram importantes.

Bloco 2 - relações sociopolíticas nos blocos de rua

6. Você percebe alguma relação social e política que o bloco contemple e que você se identifica? (posicionamento nos canais de comunicação, músicas, falas, projetos sociais que apoiam)

Sim, o Bloco da Laje traz muitos debates nas músicas e nas performances, questionando o lugar da pessoa negra na cidade e o Não Mexe questiona o lugar da mulher na cidade, como um todo. A Laje trás uma questão de identidade e território, quando demarca o local do ensaio aberto como um lugar protegido (antiga Colônia Africana).

7. A partir do teu ingresso no bloco, você sentiu alguma mudança no teu jeito de pensar/agir em um sentido sociopolítico (feminismo, diversidade, racismo, homofobia...)?

Sim, eu tive outro “sentimento de pertença com a cidade” e é uma das coisas que me ajudam a sobreviver aqui. Um diferencial para mim foi as pautas serem abordadas na rua com a arte porque eu já tinha esse olhar para essas questões que são abordadas nesses blocos.

8. O que te motiva a participar dos cortejos além da festa, você se reconhece nos discursos/músicas/cenário dos blocos?

Sim, eu sinto várias camadas de motivação, no exercício do meu eu artístico, na prática do instrumento musical que eu quero aprender cada vez mais... Eu reconheço a alegria como uma prática de sobrevivência, como a invenção de um novo mundo.

ENTREVISTA COM MARJORIE (Foliã e musicista do bloco Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só)

Arquivo: Videoconferência - Tempo de duração: 44min.

Realizada no dia 4 de junho de 2020.

Obs: Entrevista realizada por videoconferência. Permissão para gravar entrevista concedida por áudio.

Nome completo: Marjorie

Idade: 27

Formação: Mestre em sociologia do direito

Bloco 1 - participação nos blocos de rua

1. Há quanto tempo frequenta você frequenta o Não Mexe e o Bloco da Laje?

O Não Mexe desde 2016, desde a primeira saída, comecei a frequentar nessa época. A Laje desde 2015.

2. Como descobriu que existiam?

Através da rede de amigos da faculdade, do grupo de assessoria popular (SAJU), com temas do direito à cidade, a gente sempre tinha envolvimento com artistas de rua, se falava muito dos direitos da cidade, como também como usar a cidade, intervenções urbanas e intervenções nos espaços públicos, então foi através da faculdade e desses espaços que eu eu fazia parte.

3. Como foi recepcionado/se sentiu na primeira vez que participou?

No Não Mexe foi muito massa, foi maravilhoso! A saída foi um evento que eu me planejei de ir com as minhas amigas, eu estava empolgada. Nessa saída eu ri e chorei, foram muitos sentimentos ao mesmo tempo e todos eles dentro do aspecto da euforia, prazer e liberdade!

Na Laje eu lembro do meu primeiro ensaio, com amigos, que a gente se encontrou pra ir nesse ensaio na Laje, me lembro de ficar muito emocionada, fui bem tranquila, eu sabia que era um espaço muito polarizado porque eu já tinha visto que eles tinham relação com as pautas políticas, de posicionamento e opinião. Mas quando eu fui, eu não sabia que ia ser tão catártico, quando eu vi todas as cores e tudo, eu comecei a ir em todos os ensaios, mas perdi algumas saídas.

4. Você conhece as ações/programas sociais aos quais o bloco está envolvido? Como define a tua participação nas ações do bloco? (exemplo)

O Não Mexe eu vi que andou acompanhando algumas coisas, mas não sei se dá continuidade o quanto gostaria, sei que tem muita proximidade com a Imperadores do Samba, dos ensaios rolarem lá, sei que já tiveram ações mais pontuais também, como ajuda financeira para alguma integrante que passava dificuldades. Sei que teve uma ação na Lomba do Pinheiro, não sei se foi junto com a associação de moradores, mas foi junto com as mulheres da Lomba do Pinheiro, não sei dizer ao certo o que foi porque eu ainda não fazia parte do bloco. Outra ação foi feita em parceria com o Gerapoa, na Vila Flores, teve uma oficina de percussão e uma apresentação do bloco. Tiveram atividades também no Espaço Cultural Terreiro de Jorge, não sei ao certo o que foi feito porque eu ainda não fazia parte também, mas tiveram atividades específicas relacionadas com o bloco. Tiveram atos e datas específicas que o bloco também esteve presente, como no dia das mulheres, a legalização do aborto, a presença no último ato público antifascista e anti racista também. O Bloco da Laje eu não sei se já tiveram ações, sei que eles estão apoiando o Misturaí.

5. Quais foram os elementos de comunicação (redes sociais, eventos, músicas, pessoas que frequentam) que fizeram você se identificar com o bloco?

No Bloco da Laje o que mais mexia comigo, e mexe ainda hoje, é essa coisa do brincar e chamar as pessoas pra somar junto, não ter essa distinção de quem é artista e quem é brincante, essa coisa deles nos chamaram pra participar nessa ressonância. Essa coisa que transita entre música, teatro e dança, e daqui a pouco tu te vê envolvida não só como partícipe, mas como co criadora, numa história de envolvimento que o bloco cria.

A mistura de linguagem teatral musical e imagética e também muito relacionado a se pintar, a possibilidade de brincar e ser o que tu quiser. Depois que eu comecei a me sentir pertencente, eu não saía de casa sem purpurina no rosto, pensava na roupa que eu ia ir no ensaio... Isso também se aplica ao Não Mexe, eu não olho mais para nada que é vermelho, roxo e amarelo sem pensar “isso já pode ser pro Não Mexe”. As letras das músicas também são elemento essencial, são essencialmente compostas e cantadas por mulheres e outras fazem respostas à músicas machistas, então eu acho que existe toda uma curadoria que se preocupa com isso, para serem músicas relevantes e que mexem com a gente, então acredito que tem uma força nisso as letras são bem importantes.

Nas cores do Não Mexe eu considero que o roxo está associado ao movimento feminista, o vermelho representando a luta, o sangue das mulheres, porque o bloco fala sobre violência contra a mulher. O sangue representa não só as mortes por feminicídio, por exemplo, mas também as vidas, trazendo calor para uma luta que não vai ser abandonada, ela vai ser vencedora!

Bloco 2 - relações sociopolíticas nos blocos de rua

6. Você percebe alguma relação social e política que o bloco contemple e que você se identifica? (posicionamento nos canais de comunicação, músicas, falas, projetos sociais que apoiam)

Sim, eu percebo sim, é impossível não perceber essa relação. Essa relação artística com o social político são pilares tanto em um bloco como no outro. Eu vejo isso no Bloco da Laje ocupando antigos territórios negros da cidade, ocupando a rua com arte, falando sobre negritude, carnaval, territorialidade do carnaval... Tem essas relações artísticas, políticas e sociais. A questão do gênero, a liberdade das sexualidades, nas manifestações quando o bloco se coloca, ele se coloca contra questões que são consenso entre seus membros.

No Não Mexe também lançamos recentemente uma campanha chamada “contrate uma não mexer”, que veio muito da realidade interna do bloco que sabe que a maioria da meninas é autônoma e então surgiu a possibilidade de usar a rede do instagram também para movimentar financeiramente nesse contexto de pandemia. Nisso, nos posicionamos levantando a questão de que mulheres sofrem ainda mais na pandemia do que antes, de como as mulheres conquistaram seu espaço, mas ainda sim ganham menos, têm jornada dupla ou tripla, por exemplo. Mas claro, isso tudo abordando um recorte social, porque temos consciência de que a maioria das mulheres do bloco são brancas, tem como ter cuidados básicos de higiene, mas mesmo assim se faz importante trazer em pauta essas questões.

7. A partir do teu ingresso no bloco, você sentiu alguma mudança no teu jeito de pensar/agir em um sentido sociopolítico (feminismo, diversidade, racismo, homofobia...)?

Acho que sim, quando entrei no Não Mexe me senti mais propensa em estar em espaços enquanto um coletivo, não espaços novos, como protestos em atos, porque sempre fui e sempre compareci, mas enquanto indivíduo, não só enquanto Marjorie, mas enquanto “não mexer”, deixei de ser uma pessoa só e passo a fazer parte de um coletivo. Nas atividades, como essa no Vila Flores, me senti muito bem, foi bem significativo pra mim.

Na Laje, como eu não tive essa experiência de tocar em uma saída, a relação é diferente que no Não Mexe. Mas sobre mudar o jeito de pensar: como na minha trajetória eu já estive nesses espaços, não fez tanta diferença, meio que foi mais um espaço, mais uma camiseta que eu posso vestir. Não mudou muito, porque não foram espaços novos para mim. No Não Mexe teve essa mudança maior para mim porque eu me engajei mais, é mais uma forma de estar presente, surgiu a possibilidade de eu me engajar politicamente.

8. O que te motiva a participar dos cortejos além da festa, você se reconhece nos discursos/músicas/cenário dos blocos?

Muito... muito! O que me motiva é a sensação de pertencimento que existe, um coletivo muito grande que reverbera em muitos outros lugares.

No Não Mexe eu penso em blocos só de mulheres que foram criados em vários outros estado nos últimos anos e que aqui esse movimento também aconteceu.

Existe muita coisa para além da festa, realmente são espaços de sentir que estamos ocupando o espaço público com mensagens muito potentes, com pessoas que não estariam muito disponíveis para escutar determinadas coisas, mas estão disponíveis pro carnaval, afinal quem não está disponível pro carnaval, né? E aí nessa brincadeira que elas acabam tendo contato com esse espaço, recebendo e absorvendo essa mensagem de transformação sociopolítica por meio de uma linguagem artística e lúdica. É uma forma extremamente não violenta, extremamente empática de transmitir mensagens de cunho sociopolítico.

ENTREVISTA COM JULLY (Foliã)

Arquivo: Videoconferência - Tempo de duração: 30min.

Realizada no dia 4 de junho de 2020.

Obs: Entrevista realizada por videoconferência. Permissão para gravar entrevista concedida por áudio.

Nome completo: Jully

Idade: 23

Formação: Estudante de relações públicas

Bloco 1 - participação nos blocos de rua

1. **Há quanto tempo frequenta você frequenta o Não Mexe e o Bloco da Laje?**
Desde 2018.
2. **Como descobriu que existiam?**
Soube através de pessoas do meu trabalho que frequentavam, quando estagiei em uma instituição vinculada aos médicos sem fronteiras.
3. **Como foi recepcionado/se sentiu na primeira vez que participou?**
Me senti super bem, as pessoas, a música, estar perto das pessoas, quanto mais perto das pessoas, melhor!
4. **Você conhece as ações/programas sociais aos quais o bloco está envolvido? Como define a tua participação nas ações do bloco? (exemplo)**
No Não Mexe, sei que existem porque vejo isso nas ações delas, na fala de mulheres, apresentações de teatro... Na Laje, não conheço nenhum específico.
5. **Quais foram os elementos de comunicação (redes sociais, eventos, músicas, pessoas que frequentam) que fizeram você se identificar com o bloco?**
No Não Mexe, o posicionamento de mulheres específicas falando da realidade de outras mulheres, me emocionaram. Na Laje, as cores do bloco.

Bloco 2 - relações sociopolíticas nos blocos de rua

6. **Você percebe alguma relação social e política que o bloco contemple e que você se identifica? (posicionamento nos canais de comunicação, músicas, falas, projetos sociais que apoiam)**
Sim, as letras das músicas e ações que tocavam outras mulheres. Na Laje, vejo isso nas músicas.
7. **A partir do teu ingresso no bloco, você sentiu alguma mudança no teu jeito de pensar/agir em um sentido sociopolítico (feminismo, diversidade, racismo, homofobia...)?**
Sim, porque tive mais convivência com pessoas que conheci lá que me abriram a cabeça para vários pontos de vistas diferentes, consegui enxergar o outro a partir do "teu" ponto de vista. A saída Não Mexe me tocou muito, foi muito forte pra mim, um dos melhores dias da minha vida. Algumas pautas como homofobia e racismo só fizeram eu me aproximar desses espaços, porque eu já defendia isso.

8. O que te motiva a participar dos cortejos além da festa, você se reconhece nos discursos/músicas/cenário dos blocos?

Sim, me reconheço muito nos blocos, mas principalmente nas pessoas, o que me motiva é estar com pessoas, a construção do bloco que faz as pessoas fazerem parte daquele movimento, dar voz e visibilidade.

ENTREVISTA COM LAFAYETTE (Folião)

Arquivo: Videoconferência - Tempo de duração: 32min.

Realizada no dia 5 de junho de 2020.

Obs: Entrevista realizada por videoconferência. Permissão para gravar entrevista concedida por áudio.

Nome completo: Lafayette

Idade: 21

Formação: Estudante de ciências biológicas

Bloco 1 - participação nos blocos de rua

1. Há quanto tempo frequenta você frequenta o Não Mexe e o Bloco da Laje?

O Não mexe eu conheci a uns dois anos e a Laje eu conhecia a mais tempo, mas comecei a frequentar mais a dois anos também.

2. Como descobriu que existiam?

Ambos eu conheci por amizades da graduação e pelo coletivo Afronte, que eu participo, já a Laje foi pelos canais de comunicação deles.

3. Como foi recepcionado/se sentiu na primeira vez que participou?

Ambos eu me senti muito tranquilo, seguro, acolhido demais pelas pessoas e pelo coletivo.

4. Você conhece as ações/programas sociais aos quais o bloco está envolvido? Como define a tua participação nas ações do bloco? (exemplo)

O Bloco da Laje e o Não Mexe eu vejo alguma coisa que eles postam pelas redes sociais, eu sei que existem, mas não sei definir quais são.

5. Quais foram os elementos de comunicação (redes sociais, eventos, músicas, pessoas que frequentam) que fizeram você se identificar com o bloco?

A originalidade dos dois blocos, eles são muito presentes, tu vê e entende o que está acontecendo, é mais do que “um trio que a menina sobe lá, canta e acaba”. A receptividade das pessoas também.

Bloco 2 - relações sociopolíticas nos blocos de rua

6. Você percebe alguma relação social e política que o bloco contemple e que você se identifica? (posicionamento nos canais de comunicação, músicas, falas, projetos sociais que apoiam)

Sim, tanto a Laje quanto o Não Mexe se posicionam nos canais de comunicação, eles posicionam o que são contra e a favor, eles definem bem o que querem, botam em pauta e

atraem esse público para os cortejos. Eles não querem agradar todo mundo, eles querem “agradar” quem se identifica com eles.

7. A partir do teu ingresso no bloco, você sentiu alguma mudança no teu jeito de pensar/agir em um sentido sociopolítico (feminismo, diversidade, racismo, homofobia...)?

Não, porque eu já tinha as minhas raízes e meus embasamentos, então eu me reconheci nesses espaços porque fazia sentido pra mim.

8. O que te motiva a participar dos cortejos além da festa, você se reconhece nos discursos/músicas/cenário dos blocos?

Sim, 100%! Saber que ali é um discurso que tu concorda, que abrange todo mundo, me sinto acolhido, é um lugar que não vou ser julgado. Sei que mesmo assim acontecem casos de preconceito e assédio, principalmente com mulheres que sofrem muito mais com isso, mas sinto que isso acontece muito menos nesses espaços do que em outros lugares.

ENTREVISTA COM VITÓRIA (Foliã)

Arquivo: Videoconferência - Tempo de duração: 43min.

Realizada no dia 6 de junho de 2020.

Obs: Entrevista realizada por videoconferência. Permissão para gravar entrevista concedida por áudio.

Nome completo: Vitória

Idade: 25

Formação: Estudante de serviço social

Bloco 1 - participação nos blocos de rua

1. Há quanto tempo frequenta você frequenta o Não Mexe e o Bloco da Laje?

No Bloco da Laje fui nas duas últimas saídas e no Não Mexe ja fui em uma saída.

2. Como descobriu que existiam?

A Laje eu descobri assim que cheguei em Porto Alegre, com um grupo de amigas do trabalho e uma dessas amigas me indicou o Instagram do bloco, disse que tinha ensaios e desde que fui a primeira vez, não deixei de ir em nenhum deles. O Não Mexe foi depois, próximo da saída do ano passado, eu conheci através das meninas que moram comigo e aí busquei nas redes sociais e pensei “nossa não posso perder esse bloco”.

3. Como foi recepcionado/se sentiu na primeira vez que participou?

A Laje a primeira vez que eu fui foi no ensaio aberto, eu cheguei lá e fiquei mais de uma hora sozinha, era de manhã e meu amigo não acordou e me encontrou lá mais tarde. Mesmo sozinha eu me senti super à vontade. Me senti super acolhida, me senti muito em casa e sem aquelas preocupações que a gente como mulher tende a ficar muito atenta, mas tanto que meu amigo chegou e eu já tava bem doida com o pessoal que tava lá. e aí me apaixonei pela Laje... O que mais me marcou nesse dia além da música e das letras, é que tinha coreografia! Isso me prende muito, me deixa muito empolgada!

No Não Mexe eu fiquei tipo “isso é real?” eu não sei explicar, é um bloco só de mulheres, com letras voltadas para essa pauta e tudo muito lindo, organizado e eu não conhecia nenhuma música, mas bateu algo muito de sentir tudo aquilo, o Não Mexe parecia muito uma coisa que parecia que não era real, então me deu muita força pra seguir nesse caminho que a gente já conhece as lutas.

4. Você conhece as ações/programas sociais aos quais o bloco está envolvido? Como define a tua participação nas ações do bloco? (exemplo)

A Laje eu não sei, o Não Mexe sei dos ensaios na Vila Planetário em que ocorrem arrecadações e com as mulheres da ocupação Mirabal, em que tiveram eventos em que elas cobravam entrada e o dinheiro ia pra Mirabal.

A Laje eu sei de algo em que eles contrataram uma cooperativa na última saída do bloco para fazer a limpeza e eles iam limpando e isso gerou renda para eles.

5. Quais foram os elementos de comunicação (redes sociais, eventos, músicas, pessoas que frequentam) que fizeram você se identificar com o bloco?

Isso vale pros dois: o que o bloco representa, as letras das músicas que também trazem essa representação muito forte, dizer não pro machismo e essa representatividade nas letras e isso diz muito de quem são as pessoas que vão estar seguindo esse bloco, dificilmente as pessoas que estão ali vão agir “escrotamente”.

No Não Mexe muito mais, na Laje já é mais difícil, rola assédio, mas mesmo assim é muito mais tranquilo de se ir do que num bloco tradicional em que as músicas estão lá reproduzindo e reforçando o discurso do machismo.

Bloco 2 - relações sociopolíticas nos blocos de rua

6. Você percebe alguma relação social e política que o bloco contemple e que você se identifica? (posicionamento nos canais de comunicação, músicas, falas, projetos sociais que apoiam)

Sim, o próprio protagonismo das mulheres no Não Mexe tu tem que estar disposto a entender e ouvir para estar no local. Os dois blocos também têm a pauta da igualdade de gênero, liberdade de orientação sexual, o respeito a população negra na música “jesus é negão”. No Não Mexe as falas que trazem mulheres negras a gente vê essa representação no próprio bloco, na linha de frente. São lugares que acolhem as diferenças... A Laje nas duas vezes que eu fui a gente vê sempre pessoas em situação de rua tocando instrumentos e se divertindo junto com a gente, não tem essa lógica higienista, tá ali pra se divertir, então vem! Vamo se cuidando e se divertindo.

7. A partir do teu ingresso no bloco, você sentiu alguma mudança no teu jeito de pensar/agir em um sentido sociopolítico (feminismo, diversidade, racismo, homofobia...)?

Eu acho que o Não Mexe me deu mais força, me fez entender que eu sou mulher e eu posso ser respeitada nesses espaços, falar de números de mortes, violência, assédio... Me deu mais liberdade de falar sobre isso em qualquer lugar, eu pensava “não vou falar disso agora, pontuar muito...” e depois de ir no Não Mexe eu vi que sim, posso falar. Na Laje, ver a naturalidade das pessoas em situação de rua, catadores de resíduos recicláveis que trabalham, mas também curtem os blocos.

8. O que te motiva a participar dos cortejos além da festa, você se reconhece nos discursos/músicas/cenário dos blocos?

Sim, total! Por ser mulher, lésbica e estar no lugar que não fica só no discurso, me sinto representada! Há todo um esforço para que a gente seja respeitada... Então, sim, pros dois, me reconheço, principalmente no Não Mexe.

ENTREVISTA COM MATHEUS (Folião)

Arquivo: Videoconferência - Tempo de duração: 30min.

Realizada no dia 6 de junho de 2020.

Obs: Entrevista realizada por videoconferência. Permissão para gravar entrevista concedida por áudio.

Nome completo: Matheus

Idade: 24

Formação: Estudante de jornalismo

Bloco 1 - participação nos blocos de rua

1. **Há quanto tempo frequenta você frequenta o Não Mexe e o Bloco da Laje?**
O Bloco da Laje faz uns 4 anos e o Não Mexe eu fui só uma vez.
2. **Como descobriu que existiam?**
Soube através do Facebook e dos meus amigos da faculdade e do colégio.
3. **Como foi recepcionado/se sentiu na primeira vez que participou?**
A primeira vez que fui na Laje fiquei impressionado, uma galera alternativa, muito alegre e interagindo. Os dois blocos com essa energia semelhante, os dois com uma energia boa!
4. **Você conhece as ações/programas sociais aos quais o bloco está envolvido? Como define a tua participação nas ações do bloco? (exemplo)**
Não sei, eu acredito que já vi algo sobre, mas não sei dizer algum específico.
5. **Quais foram os elementos de comunicação (redes sociais, eventos, músicas, pessoas que frequentam) que fizeram você se identificar com o bloco?**
Os eventos em si, eu sempre me diverti muito! Eles terem músicas autorais e ter uma proposta orgânica, isso é algo que me chama atenção.

Bloco 2 - relações sociopolíticas nos blocos de rua

6. **Você percebe alguma relação social e política que o bloco contemple e que você se identifica? (posicionamento nos canais de comunicação, músicas, falas, projetos sociais que apoiam)**
Eles levantam bandeiras como liberdade, luta contra o conservadorismo, questões da cidade, uma crítica política bem forte nas músicas.
No Não Mexe vejo essa relação em ter só mulheres no bloco que tocam as músicas com várias releituras mais voltadas pro feminismo.
7. **A partir do teu ingresso no bloco, você sentiu alguma mudança no teu jeito de pensar/agir em um sentido sociopolítico (feminismo, diversidade, racismo, homofobia...)?**
Eu acho que eu fiquei mais cabeça aberta em questão de sexualidade, me senti mais à vontade nos ambientes. Sinto que me deu uma certa desinibição, me importar menos com a opinião dos outros, não sinto julgamentos.

8. O que te motiva a participar dos cortejos além da festa, você se reconhece nos discursos/músicas/cenários dos blocos?

Não sei se eu me reconheço, mas eu apoio essas causas, é uma festa mais democrática, apesar dos dois reunirem mais gente da classe média, é algo democrático, qualquer um pode participar. O discurso das letras também traz algo que eu acredito, contra o fascismo, contra o machismo, contra o conservadorismo...

ENTREVISTA COM EMILYN (Foliã)

Arquivo: Videoconferência - Tempo de duração: 46min.

Realizada no dia 7 de junho de 2020.

Obs: Entrevista realizada por videoconferência. Permissão para gravar entrevista concedida por áudio.

Nome completo: Emilyn

Idade: 24

Formação: Assistente social

Bloco 1 - participação nos blocos de rua

1. **Há quanto tempo frequenta você frequenta o Não Mexe e o Bloco da Laje?**
O Não Mexe desde que começou (2016) e a Laje a uns cinco anos.
2. **Como descobriu que existiam?**
Meus amigos da faculdade já participavam e me chamaram.
3. **Como foi recepcionado/se sentiu na primeira vez que participou?**
É algo que sempre que me toca muito, me sinto sempre bem acolhida, poderia dizer que eu me sinto bem!
4. **Você conhece as ações/programas sociais aos quais o bloco está envolvido? Como define a tua participação nas ações do bloco? (exemplo)**
É algo que me aproximei mais nos últimos tempos, tenho prestado atenção até na questão de dar mais visibilidade para pessoas que precisam nesses tempos de pandemia. Porém, não sei dizer quais específicos, mas sei que existem.
5. **Quais foram os elementos de comunicação (redes sociais, eventos, músicas, pessoas que frequentam) que fizeram você se identificar com o bloco?**
Acho que pelas músicas, pelas energias, pelas pessoas que compõem, acho que é uma unidade só, não tem como fazer uma distinção dos foliões e da galera que toca, é como se fosse um grupo mesmo, um movimento social dentro desse contexto, mas através da arte. Com a questão da composição, da expressão, que disponibiliza essa forma de diálogo, seja através dos ensaios ou das saídas.

Bloco 2 - relações sociopolíticas nos blocos de rua**6. Você percebe alguma relação social e política que o bloco contemple e que você se identifica? (posicionamento nos canais de comunicação, músicas, falas, projetos sociais que apoiam)**

Acho que sim, os blocos se posicionam muito politicamente né, até a própria construção de arrecadação financeira demonstra o que eles acreditam, porque eles poderiam fazer que nem outros blocos tradicionais e viver do dinheiro da prefeitura para sair, mas a própria saída mostra algo em que eles acreditam. A participação das pessoas que vivem em situação de rua que tocam na Laje também, eu sei que tem pessoas que participam. O Não Mexe ensaiando em lugares de resistência, como o Odomodê e a Imperadores do Samba e apoiando a manutenção desses espaços.

7. A partir do teu ingresso no bloco, você sentiu alguma mudança no teu jeito de pensar/agir em um sentido sociopolítico (feminismo, diversidade, racismo, homofobia...)?

Não, acho que ele amplia e dá visibilidade social na estrutura que a gente vive em sociedade, mas pessoalmente não me impactou, por eu já ter uma visão crítica da sociedade e das propostas coletivas em outros vieses e circular em outros espaços. Eu acho que participo porque são espaços que dialogam com o que eu acredito, mas não acredito que tenham influência dentro do aspecto do que eu sou hoje.

8. O que te motiva a participar dos cortejos além da festa, você se reconhece nos discursos/músicas/cenário dos blocos?

No Não Mexe ainda não me reconheço, por eu ser uma mulher negra, acho que falta representatividade racial dentro de um viés social, acho que as meninas ainda têm que avançar nisso. Acho que o Não Mexe é um bloco composto com a maioria da galera branca e classe média, apesar de elas dialogarem com as mulheres, não tem a “presença de”.

Eu consigo me ver muito mais hoje em dia na Laje, já tive altas críticas em relação aos processos da Laje... Hoje eu já consegui ver várias relações, já deixei de sair no bloco porque era só a galera burguesa e isso com o tempo fui conseguindo perceber a mudança dentro do processo, tem representatividade, inclusive na banda que leva essa questão racial.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br